

PQ
9660
C3

A
A
0
0
0
9
5
4
5
9
0
6



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

California
onal
ity

LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA
SAN DIEGO

THE UNIVERSITY LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SAN DIEGO
LA JOLLA, CALIFORNIA

BIBLIOTHECA DO "CENTRO LITTERARIO"

Rodrigues de Carvalho

Cancioneiro do Norte



FORTALEZA
EDITORES — MILITÃO BIVAR & C.
TYP. MINERVA, DE ASSIS BEZERRA

1903

Digitized by Google Original from
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

P 9
9660
C3

NOTAS PRELIMINARES



O *Folke-lore* brasileiro, por cuja elaboração tanto se esforçam Sylvio Romero e Mello Moraes Filho, é incontestavelmente um precioso contingente para a historia da litteratura nacional. Os cantos e os contos de origem popular, revellando a fonte inspiradora das tres raças em cruzamento, não só fallam ao coração pela reminiscencia de lendas e tradições que se extinguem, como são um attestado vivo da força intellectiva de cada uma d'aquellas raças, a fundir-se no mestiço diante dessa natureza esplendidamente victoriosa. Alem dessas circumstancias de ordem ethnologica, nota-se que a poesia e o conto, genuinamente populares, perpetuam com a singeleza e sinceridade do povo a chronica de todas as gerações; assim, vemos as chacaras e romances portuguezes, celebrando durante 500 annos o arrojo de seus navegantes á saudosa melopéa peninsular da *Nau Catharineta*; o africano, de *marimbão* ao umbigo, entoando a monotona canção dos desertos d'Africa; o indio relembrado hoje em dias de carnaval, a attestar o furor mavorcio de tabas hostis (1).

(1) Allusão ao tradicional folguedo popular *Os caboclinhos*, muito uzado em Pernambuco e Parahyba.

Filho desta região nortista, onde o ser de liberdade e o amor da patria foram sempre o encanto do brasileiro, desde as luctas dos Tabajaras e as fraldas da Ibiapaba, das victorias de Cabedelo e de Bocas, á Confederação do Equador; acostumado neste meio, a ouvir a tristeza do africano nostalgico nos cannaviaes da Parahyba, e a alegria arrojada do jangadeiro cearense; achei de colligir tambem cabedal para esse precioso thesouro—o *Folke-lore* nacional.

Não darei no *CANCIONEIRO DO NORTE* uma obra completa, mas é intenção minha, a proporção que fôr obtendo novas producções, ir ampliando-o, refundindo-o, de forma que depois de certo tempo a poesia popular do norte, ainda não enfeixada em volume, fique n'uma obra immorredora, não attestando meritos de um colleccionador, mas o valôr proprio dessa poesia, fragmentos d'alma de tres gerações predispostas ás contemplanções divinas da arte.

O embryão da historia litteraria de um povo temos nas suas lendas e tradições, no canto anonymo de feição popular, nos contos e narrativas, fragmentos que, como a Venus de Milo, quando reunidos, dão um conjuncto harmonico e sublime.

Na Italia: Tommaseo, Tigri, Cottreau, Vigo, Dal Medico, Marcoaldi, Picenum, Nigra, Feé, Boullier; Na Grecia: Fauriel e o Conde de Marcellus; na França: Villemarqué, Paulin Paris, Philibert le Duc, Beaurepaire, Francisque Michel, Charles Nizard e Champfleury; em Hespanha: D. Augustin Duran, D. Emilio Lafuente; em Portugal: Gil Vicente, Garret, Theophilo Braga; todos estes forão colher na poesia do povo o encanto, a fonte genuina do sentir de cada uma d'aquellas nacionalidades.

«Platão, Luthero, Montaigne, Lope de Vega, Rousseau, Goethe e Grimm, os maiores espiritos, como Philosophos, como poetas, como eruditos, sentiram o que

ha de graça, de ingenuidade, de frescura, de consolação e de profunda verdade na poesia do povo». (1)

N'este periodo de formação do typo brasileiro, cuja feição definitiva ainda é um problema, acho que o trabalho de selecção que se exige para as investigações do *Folke-lore* é todo negativo.

Como affirmar ser o canto A de origem europêa ; a canção B indiana ; a chula D africana ; si o meio em que se cultivão taes producções é o resultado de um manifesto hybridismo ethnologico ?

Objectar-se-ha que pelas investigações sobre as origens ; mas é um perder tempo tal investigação ; porque a trova portugueza que vaga perdida no Brazil nada mais tem da origem senão a indole ; identificou-se, esbateu-se, confundiu-se no amalgama da linguagem common. A lenda tupy, por sua vez, corre confusa, inteiramente adulterada pelo costume, absorvida, adaptada ao meio, á geração succedanea. O elemento africano ainda é mais tenue e mais vago.

Não justifico Sylvio Romero quandó affirma a origem de cada conto ou canto de suas collecções.

Das tres raças ha apenas a reminiscencia, estampada no typo, nas acções, nos costumes do brasileiro actual. Assim, encontraremos a cada passo no conto de origem americana, segundo Sylvio, reis, fadas, gibóias e encantamentos, o que desvirtua o caracteristico exclusivo que se lhe empresta. A verdade é esta: os cantos portuguezes veem entremeiados de expressões indigenas e de onomatopéas africanas.

Difficil é, portanto, um criterioso trabalho de selecção ; por que as quadras, decimas, lendas e costu-

(1) Theophilo Braga —Cancioneiro Popular.

mes nacionaes, são, por sua vez, saturadas de ideias e expressões portuguezas.

«O-lê-lê, vira moenda,
O-lê-lê, moenda virou;
Quem não tem uma camisa,
P'ra que quer um *palitô*...
Bebe o caixeiro na venda,
O patrão no *Varadô*» (1).

Ora, ahi temos um specimen de hybridismo, a pedir dos competentes uma decomposição que caracterise a indole do verso.

O proprio Sylvio Romero, na Historia da Litteratura Brasileira, pags. 93 em diante, 1.º vol., cita diversos exemplos de poesia entremeiada de versos portuguezes, africanos e americanos.

Ainda um exemplo, d'entre os muitos que conheço. Trata-se de um conto :

«Foi um dia um velho; tinha tres filhas, que fugiram de casa e perderam-se em veredas differentes, sahindo uma na estrada grande. Veio um passaro e disse á moça que tomasse cuidado, que por alli havia uns gigantes perigosos. De facto, apparecem uns gigantes que pegam as moças. O passaro havia prevenido a moça que não bebesse de uma bebida que o gigante offereceria; pois tal bebida faria adormecer; mas as duas moças mais velhas beberam, enquanto a mais moça derramou no chão a bebida. Estavam todas na camarinha, quando o gigante chega por fóra forçando a porta para comel-as; nisto, a mais moça das tres irmãs canta a seguinte trova, que afugenta o gigante :

(1) Cantiga dos negros dos engenhos da Parahyba.

«Que ku, cama-cama
 Que ku, catolé . . .
 O Zarizê
 Kum Zariquê . . .
 Casal que me coma
 Casal que me deixou
 O chirimbê cum biá.

Quando eu vim da minha enganga
 Que ganga man-gá . . .
 Cachori—choli—cholê . . .
 O cum manga, cum mangueira,
 Pois Manuê cum Manuê.»

O gigante fugiu, e as moças fugiram, andaram, andaram, e o gigante as perseguia, até que ellas, achando um pé de páo muito alto, subiram, subiram, que ficaram do tamanho de um mucuim. Veio o gigante de tres olhos e não as enxergou; veio o de dous olhos, não as enxergou; veio o de um olho só, e viu no olho do páo uma fumacinha. Então o gigante tocou a botar o páo abaixo com um grande machado. As moças cantavam aquella cantiga «*Que ku cama-cama*», a que o gigante respondia tambem cantando em voz muito grossa:

«O zariguê, cum zarizê,
 Páo . . . páo . . . páo . . . páo . . .»

Repetindo sempre este canto, até que veio o passaro no olho do páo e a mais moça das tres irmãs disse-lhe: «leve primeiro a minha irmã mais velha.—Depois o passaro levou a segunda, e por fim levou a terceira, desencantando-se n'um principe, seguindo-se o casamento da mais moça com elle» (1).

Este conto foi colhido em *Missão-Velha — Ceará*.

Eis um exemplo frisante da confusão dos tres elementos : o conto é de origem portugueza, repassado d'aquelle cunho de fabula e concepção maravilhosa oriunda dos germanos, modificado pela concepção do selvagem e do africano, a cujas linguas são devidas as singulares estrophes.

Ao meu ver, cuidando-se da elaboração do *Folke-love*, pouco importa destacar cada elemento de per si ; é preferivel, por cada verso ou por cada conto, estudar o meio e o momento da creação, e tirar dessa investigação um resultado mais proveitoso que o saber se a procedencia é portugueza, africana ou indigena : estudar qual a condição de nossa civilização, quaes os elementos preponderantes para o aperfeiçoamento ; qual o estadio mental das duas raças selvagens, e a sua evolução em contacto com a portugueza.

Pela concepção de um conto, pela harmonia de uma trova, muito se induzirá sobre a evolução intellectual de qualquer povo em estado de formação.

Quando começou a poesia popular no Brazil ? onde primeiro espontou ? que influencia mental orientou-a ? quaes as correntes litterarias que determinaram a sua marcha evolutiva, partindo da monotonia da musa indigena ás flexuras saudosas e picarescas da trova actual ?

São interrogações que só podem ser respondidas por hypotheses mais ou menos verosimeis.

Anchieta, o divino Anchieta, espalhou de envolta com as palavras evangelisadoras da fé christã, a semente de que havia de germinar a nossa litteratura. Os seus autos, os *Mysterios*, os dramas de fundo religioso, com symbolicas divindades representando o vicio ou a virtude, são o ponto de partida, a rocha d'onde jorrou, o fio d'agua, a estrophe entoada nas florestas virgens, para fazer-se caudal pelo correr dos seculos.

« Os indigenas tinham um genero de poeisa, que

lhes servia para o canto: os seus poetas, presados até pelos inimigos, eram os mesmos musicos ou cantores, que em geral tinham boas vozes, mas eram demasiadamente monotonos; improvisavam motes com voltas, acabando estas no consoante dos mesmos motes. O improvisador, ou improvisadora, garganteava a cantiga, e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo, e no mesmo lugar em roda, ao som de tambores e de maracás. O assumpto das cantigas era em geral as façanhas de seus antepassados; e arremedavam passaros, cobras e outros animaes, trovando tudo por comparação, etc» (1).

O Senhor Mello Moraes Filho, benedictino escavador de nossas reliquias historicas, a quem muito acato, repelle o informe do grande Varnhagen e diz ser mera ficção essa ideia de ser o indigena brazilico dotado de inspiração poetica (2).

Si em nossos dias não tivessemos um exemplo vivo do selvagem poeta nas florestas amazonicas, o *apurynan* ou o *jamamady*, que banqueteam-se formando danças e cantares, toques e alaridos, bastaria sabermos que nas pocemas de triumpho o indio canta o seu canto de guerra, victorioso e expansivo; e não é crível que a ideia embalada no rythmo da musica possã ter outra forma que não seja a poetica.

A alegria da victoria, a reminiscencia dos avós, o rio com o maguary fabuloso, a tapuya ardente e ciosa de amores, as tempestades, a lua e o sol; são motivos fecundos de muita poesia, embora monotona nos labios do selvagem pela pobreza de vocabulario.

E o expediente adoptado por Anchieta, escrevendo em versos os seus ensaios theatraes, em lingua in-

(1) F. A. de Varnhagen — Florilegio da Poesia Brasileira — Tomo I — Edição de 1850.

(2) Mello Moraes — Parnaso Brasileiro.

digena, comprova a bem fundada presumpção de que entre os selvagens existe, pela poesia, um campo a explorar muito proveitoso á missão da catechése.

Ora, sabendo-se que a campanha civilisadora do humanitarissimo jesuita começou pela poesia, facil é comprehender ter nascido a poesia popular da espontanea inspiração indigena, em contacto com a influencia religiosa.

Um parenthesis: a proposito da monotonia indigena em poesia, temos ainda hoje prova nos celebrados *côcos* sertanejos do norte, aonde a concepção é escassa e o vocabulario pauperrimo :

« Bem-te-vi derrubou,
Gamelleira no chão ».

Isto é tirado em solo pelo mestre dos *côcos*; respondendo em choro, a roda dos dançadores que fazem tregeitos com o corpo, dando palmas rythmadas :

« Derrubou, derrubou,
Gamelleira no chão ».

Ou então neste outro exemplo, tambem do mesmo brinquedo:

« Toca fogo no sapé
P'ra nascer *fulô* . . .

RESPONDEM :

Para nascer, para nascer
P'ra nascer *fulô*.

Fechemos o parenthesis. Depois d'aquella embryonaria phase de *S. Vicente*, theatro de Anchieta, recebe a

poesia popular poderoso contingente de perfeição na Bahia, ao poder magico da lyra de Gregorio de Mattos, perigosa clava de combate ás depravações dos frades e ao espinhamento da metropole. Neste poeta irrompeu uma fonte thermal de espirito, lubricidade rimada, rebeldia, lyrismo, e vigor tropical. Isto foi bastante para tonificar a poesia anodina que perdia-se em ensaios.

Em S. Paulo já cantava-se :

« Vem cá Vitú! vem cá Vitú! »
 « — Eu não vou la, não vou la, não vou la : —
 « Que é delle o teu camarada ? »
 « — Agua do monte o levou : —
 — Não foi agua, não foi nada,
 — Foi cachaça que o matou ».

Esta é da primeira phase de nossa civilisação ; bem assim a seguinte :

« Mandei fazer um balaio
 Para botar algodão ».

Depois vem a modinha bahiana, glosada por Gregorio de Mattos :

« Bangué, que será de ti » (1).

Esses cantares, reveladores da concepção acanhada dos nossos primeiros tempos, ainda hoje repercutem perfeitamente nas popularissimas modinhas :

« Vem cá, Siriri,
 Vem cá, Siriri,
 As moças te chamão,
 Tu não queres vir. —

(1) Florilegio citado.

— Eu não vou lá, não,
 Eu não vou lá, não,
 Eu peço uma esmola,
 Vosses não me dão — »

(Cantão e danção em roda).

É ainda nesta outra muito vulgar no norte :

« Mandei fazer um chicote
 Do rabo da *Sabid*,
 Para dar no meu bemzinho,
 Na minha amante *Yayá* ».

Mas... de parte essas generalidades que affectão á poesia do norte apenas quanto a origem commum no Brasil, passemos ao objectivo que nos deve attrahir de preferencia : esta região de Pernambuco para cá, verdadeiro coração da zona nortista ao sul do Equador.

Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, todo o esplendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as produções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral ; fallemos tambem das multiplas modalidades por que o espirito do nortista se revella nas suas crendices e folgares ; e depois desse scenario, offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa espontaneidade anonyma, característica do espirito meridional do brasileiro.

Uma face original, pela qual podemos estudar o nortista, são os folgares de natureza popular.

Partindo da vida praiana, veremos o jangadeiro, queimado do sol, bronzado, de musculatura possante, em trages domingueiros: calças de algodão alvejantes, camisa anilada, chapéo do carnahuba, feliz e expansivo, a contar as ultimas proezas da pesca. Um refere historias de almas do outro mundo em pleno mar: «*alli nos baixios onde viron a jangada do tio Fuão*», etc., etc. Outros tagarelam sobre as moçoilas do logar; e quasi todos, emfim, á sombra das *caïcaras* (1) *bãtem no pinho* (2) cada um por sua vez, entoandó cantigas re-passadas de uma doce ternura, n'um rhythmo de onda em balanço:

« Minha jangada de véla,
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar. »

Nesta singela quadra o immortal Juvenal Galeno enfeixou todo o sentir do praiano do norte, dragão humano que brinca com o furor das vagas, seja impedindo o trafego escravo no Ceará, seja na faina da pescaria.

Nas costas do Rio Grande do Norte e Parahyba (especialmente n'aquelle Estado) é raro encontrar um rapaz do povo que não saiba tocar viola ou harmonica; e nos povoados o classico violão e a modinha fazem parte da fina educação.

Deixemos o litoral, seguindo os vales do *Ceará-Mirim*, *Curimataú*, *Camaratuba*, *Mamanguape*, *Miriry*, *Parahyba*, e dos rios de Pernambuco e Alagôas; por toda essa zona fecunda de canhaviaes verdoengos, en-

(1) Palhoças.

(2) Tocar viola.

contraremos os casarões silenciosos, os engenhos de assucar de fogo morto, ou quasi a se extinguirem, pelo desaparecimento do braço escravo, senzalas mudas, onde outr'ora a raça negra pagára o pezado tributo de ter nascido negra. Alli o elemento africano cantava a sua infeliz nostalgia, pelas noites de luar, nos dias santificados, ao toque dos *tabaques* (1) e *puitas* (2).

A cantoria é monotonica e monotono é o toque—o *batuque*—, cujo rythmo condiz com o requebro e tregeitos das diversas danças. Os negros, em promiscuidade de sexo, conservam-se em roda dos tocadores, e de quando em vez sai um par de mãos dadas como a desconjunctarem todas as articulações da espinha dorsal, inclinando-se para traz :

Vamos quebrar giráo . . .

O . . . lê . . . ,

repetem sempre este estribilho, cantando até que a dança acaba.

Esta é uma das mais exquasitas partes da coreographia africana, entre nós.

Na dança *cambindas* os dançadores levão todo o tempo acocorados n'um movimento de sapo que obedece á musica.

Em outra parte deste prefacio já fallei da cantilena :

« O lê-lê, vira moenda,
O lê-lê, a moenda virou. »

(1) E' um meio tambor, feito de um barrilzinho com uma das boccas coberta por um couro bem esticado. E' o instrumento cantante.

(2) A *puita* é feita da mesma forma, accrescida de um certo apparelho, que, tocado, faz o acompanhamento,

que é entoada ao som de palmas. E' outra especie de dança, em que o descendente africano já confunde os primitivos cantos com os do aborigene, referindo-se á sua labuta quotidiana e ás condições do meio. E' uma especie de *côco*, dança de embigadas, a que tambem se chama *Piauhy*.

Estas rudes diversões estão quasi extinctas, e dellas reproduzem-se reminiscencias nos dias de carnaval: em Pernambuco os celebres *maracatús*.

Na arte do canto, seja a musica instrumentada, ou o verso posto em solfa, observa-se que entre as raças inferiores ha a maior pobreza de notas na combinação dos sons. Entre os negros africanos natos o canto é uma especie de uivo gutturado, com a cadencia de trez ou quatro notas differentes; o instrumento musical, marimbão, puita ou maracá, vibrão na monotonia das mesmas trez notas, quando muito.

Entre os indigenas do Brazil o phenomeno na arte da harmonia não differe; o pifano em forma de tubo (feito de uma casca de pão em voltas superpostas); ou o tambor, ambos vibrados á algazarra dos ceremoniases festivos, não modulão senão trez notas.

D'ahi a necessidade dos estribilhos muitas vezes repetidos no canto, as palmas rythmadas na danças; as palavras de enxerto na trova.

Simplees termos de girias, as syllabas destacadas veem completar a exigencia da metrica, entre os versejadores populares; isto já vem observado por Varnhagem e pelo maior folk-lorista da lingua portugueza, o erudito Dr. Theophilo Braga.

E' frequente na poesia popular do norte do Brazil:

« Ó... lê... lê... etc »

« Tibe léte, tome lá,

Tibe léte, vou-te cão » (cântiga á pag. 148).

Ou então esta quadra de cançoneta bohemia, cantada em roda á meza quando Baccho espalha o fumo dos combates :

« São Gonçalo foi a caça, *caça, caça,*
 Todo cheio de lacinhos, *cinhos, cinhos,*
 Em louvor do mesmo santo, *santo, santo,*
 Vou beber um bocadinho.

ESTRIBILHO :

Dá-me, Deus, dá-me, Deus,
gi-ti-ri-ti-ri-ti-ti...
 Dá-me, Deus, dá-me, Deus,
gi-ti-ri-ti-ri-ti-ti (1).

Equivale ás *neumas* da poesia popular latina.

Deixemos de parte semelhantes minucias, reconhecidamente insignificantes ; mas de grande aproveitamento ao estudo comparativo dos elementos que constituem a nossa poesia popular : o aborigene, o africano, e o portuguez, como portador de tradições latinas, germanicas, mouriscas, etc.

Entre os folgarões mais communs e mais arraigados na tradição popular, figura o *bumba-meu-boi*, brinquedo de origem pagã, que, vindo do Boi Apis Egyptico, atravessando centenares de civilizações, adaptando-se a diferentes costumes, tomou no norte do Brazil uma feição particularissima (e se não estou enganado já um Estado do norte fez-se representar em Chicago, por

(1) Em cidade do centro da Parahyba não é estranha esta chula de carnaval.

accasão da grande exposição, por uma dessas troupes de *Matheus*, choçalho e viola).

Bumba-meu-boi ou *bailes*, na Parahyba, Rio Grande do Norte, Pernambuco; *Boi Suruby*, no Ceará; *Reisados*, *chegaças*, em outros Estados; á verdade é que durante a primeira quinzena de Janeiro, aquella grosseira e insulsa pagodeira traz o povilhéo, a massa anonyma da canalha, abalada, fóra da monotonia rude da lucta pela vida, disposta a rir, a rir ingenuamente.

Pelas cidades o *Boi* perde a sua graça primitiva; na roça, porem, a cousa toma proporções de acontecimento notavel.

As 8 *damas* com seus 8 *galantes*, aquellas de saias gommadas e estes de calças de brim branco, aniladas; os espelinhos na testa; as fitas; a viola; o *Matheus*; o Gregorio; a Velha; o Doutor; o urubú; a caypora; a *sebelinha* ou cavallo-marinho; constituem a preocupação espiritual de milhares de matutas, pelas *oitavas de festa*. E as *vozes!*.. e as *sortes* dos lencinhos atirados a furto... o estalar das castanholas, e o repisar cadenciado do baião em contradança; tudo, sobre proporcionar noutadas de popularissima diversão, entontece a cabeça das moçoilas roceiras, de roupão de chita e mangerona atraz da orelha, cheirosas á vida innocente do campo, e ao mesmo tempo ardentes pela exuberancia suggestiva da propria natureza.

Peço venia a um chronista sobralense para transcrever o seu

BUMBA-MEU-BOI

« O *Bumba-meu-boi*, é o divertimento da gente de pé rapado.

Tiraj da vespera de Reis, o Bum-meu-boi, e estaes certos de que roubareis á noite da festa o que ella tem

de mais popular em todo o norte do Brazil, e de mais nosso, como assimilação de producto elaborado.

Este auto de character grotesco, em duas scenas, entremeiado de chulas, de dialogos patuscos, e desempenhado por personagens extravagantes, é tudo quanto ha de mais curioso nos tempos de Natal.

A distribuição da peça é a seguinte: — O Boi, o Tio Matheus, a Tia Catharina, o *Surjão*, o Doutor, o Padre; o Vaqueiro e o Amo; na Bahia e Alagoas, accrescem—o Secretario de Sala, o Rei e figuras que dansam, jogam espada e fazem côro.

Cada interlocutor tem o vestuario mais esquipatico: é uma mascarada.

O Rei, o Secretario de Sala e as figuras envergam capa e calção, trazem na cabeça corôa e capacetes prateados, meneiam espadas de pau, tocando tres ou quatro violas e raramente outros instrumentos.

O Boi é um arcabouço feito de laminas de pinho coberto com uma colcha de chita, implantada no pescoço, curto e um tanto triangular, a cabeça pintada, com os competentes chifres.

Essa armação é levada ás costas de um individuo, que deixando-a cahir, esconde-se debaixo durante a representação.

... Um grito estridulo, como o da locomotiva em distancia prolonga-se nos ares parando com estrondo:

Eh!... boi!...

E todos chegam ás janellas e ás portas, dando com os olhos em um vulto que ergue um archote e descansa aos hombros uma vara de agulhão.

E, ao graniso da chamma, segundo grito fende o espaço, partido da bocca pintada de vermelho de um *cabra*, tactuado de preto, de carapuça encarnada:

—Eh!... Airoso!

E' o Tio Matheus, que, adiante do *bumba-meu-boi* previne á redondeza da aproximação do rancho.

De feito, minutos depois passa elle com a sua musica tradicional, seu Boi galhardamente arranjado, e seu pessoal escolhido e completo.

No fim da rua param a uma porta, afinam as violas e cantam :

Aqui estou em vossa porta
Com figura de raposa,
Eu não venho pedir nada
Mas o dar é grande cousa.

Senhora dona da casa,
Bote azeite na candeia;
Me perdoe a confiança
De mandar na casa *aleia*.

Abri a porta
Se quereis abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.

A porta abre-se, e a casa é invadida pelos foliões á excepção do Matheus, o Boi e o Vaqueiro, que aguardam ordens.

A familia e os visinhos, que acodem pressurosos ; accendem-se mais vellas, as violas tinem e o negocio principia.

O Secretario da sala (*dansando e cantando*) :

Oi ! da prata e do ouro
Se faz o metal,
Oi ! a sala dos Reis
E' p'ra nós festejar !

Côro

Oi! a sala dos Reis
E' p'ra nós festejar!

O Rei (*sentando-se na cadeira*)—O' meu secretario de sala ? !

Secretario—Sou humilde para attender ao vosso chamado.

Rei—E' preciso ver se não se acha aqui no nosso reinado uma peça para alegrar o coração desta gente, que está *piáo piáo*, como a mandioca lavada em nove aguas.

Secretario—Vossa... vôla!...—»

(Omittimos, por demasiado extensa, a scena que se segue, em que o Secretario canta e dança, repetindo o côro no fim de cada verso—*Olha bamba, bambirá!* e no meio da qual se trava accesa guerra, esgrimindo espadas o Rei e o Secretario e as figuras entre si.

O Tio Matheus vem sorrateiramente occupar a cadeira do Rei, e finda a scena, o Secretario manda-o buscar o Boi).

Guiando o *bumba-meu-boi*, que faz as evoluções mais gaiatas, entra o Vaqueiro, a cuja voz obedece o Boi, servindo-lhe de guarda de honra as Figuras, que, ao compasso da musica, marcham, erguem e abaixam as espadas, continuando no seu papel de côro.

Vaqueiro

Ora, entra, Airoso,
Ora, faz cortezia!
Ora, o dono da casa
E á senhora tambem...

Ora, *estrova* bonito ;
 Ora, dá uma pontada...
 Ora, aqui no Matheus,
 Ora, brinca bonito !

E de dois em dois versos o côro brada : — Eh !
 bumba !

N'isso que o Boi dança, ás gargalhadas e palmas dos circumstantes, Matheus dá-lhe uma pancada, e elle revira, esperneando.

O Vaqueiro assusta-se, encolerisa-se, e recomeçam :

Vaqueiro—O meu boi morreu, quem matou foi Matheus. Côro—Eh ! Bumba !

Matheus—Não senhor, quem matou foi o dono da casa.

Vaqueiro—Senhor dono da casa, me pague meu boi.

Côro—Eh ! bumba !

Vaqueiro—Vá chamar o doutor.

Côro—Eh ! bumba !

O doutor chega, condusido por Matheus, examina o Boi, prognostica molestia grave, receita e pede a Matheus uma viola.

O doutor toca e Matheus dança, dando tempo a que, em um lenço que atiram, as Figuras recolham o dinheiro.

Depois de muito toque e de muito fado, o Matheus agarra em um menino para com elle dar uma *ajuda* no Boi, que se levanta, terminando o acto pela cantiga de retirada ;

Oi ! a prata e do ouro
 Se faz o metal !
 Oi ! a vesp'ra de Reis
 E' p'ra nós festejar.

L. Sacramento.

(Cidade, de Sobral, Janeiro de 1903).

Este brinquedo popular—*do bumba-meu-boi*—muda de um Estado para o outro. Na Parahyba não ha o *doutor*; entrão, em compensação, a *velha*, o *Gregorio* (typo do caboclo), e o Matheus representa o africano. Incluem tambem lá a caypora—um menino embrulhado em lençoes com uma urupema á cabeça.

Em quanto o *Boi* está cantando á porta do dono da casa, sabendo se devem *vadiar*, augmentão estas quadrinhas :

« Aqui estou na vossa porta,
 Como um feixinho de lenha,
 Esperando p'la resposta
 Que de vossa bôcca venha.

De tudo se deprehende a confusão em que vai esse folgar; de indole portugueza, recebeu uma modificação local, dando accesso aos typos *Matheus* (negro), *Gregorio* (caboclo), caypora (animal das feições indigenas).

No Ceará já as figuras do *Boi* cantão em certa contradança :

Somos caboclos guerreiros,
 Que viemos guerrear,
 Com nossas flexas ná mão,
 Nosso cabo de alongar.

Xei!... Xei!... girimanha,
 Somos caboclos da ilha romana.

A Republica, ou o capricho de certos vigarios, concorreu para que uma significativa tradição desapparecesse com o antigo regimen: erão os *reis negros* coroados no dia de Reis, 6 de Janeiro.

Nas freguesias da roça ainda ha bem poucos annos viam-se o *rei* e a *rainha*, seguidos de um cortejo de *condes* e *condessas*, que depois da missa recebiam do padre celebrante a consagração dos *direitos reaes*.

E pela rua afóra seguiam em procissão, acompanhados de uma xaranga ou de um zabumba e gaita, tomando a serio aquella sagração, um tanto ridicula, mas digna de acatamento pela convicção com que era praticada:

Tambem liga-se á festa de Reis, de 6 de Janeiro, um tradicional e sentido costume ainda hoje praticado no Ceará: *tirar os Reis* de porta em porta, á noute, com musica e canto:

Ou de casa, ou de fora...

Mangerona é quem está ahí,

E' o cravo, é a roza,

E' a flor do bogary.

Esta caza está bem feita

Por dentro, por fora não;

Por dentro cravos e rozas,

Por fora mangiricão.

Esta caza está bem feita,

Só o que falta e a cumieira;

Que saia o dono da caza

Com a sua companheira.

Esta caza está bem feita,

Só o que falta é o travessão;

Que saia o dono da caza

Cumprir sua obrigação.

Na mais feliz amistosidade, trocãose saudaes, dão-se offerendas aos foliões, que cantão á porta; e em todos os corações fica pairando uma saudosa impressão,

uma lembrança não sabemos de que; uma incerteza sobre o anno que se inicia, tudo comprovando apenas que a tradição é um elo espiritual que liga os povos com todos os segredos da poesia.

A musica já vai tocando ao longe o mesmo estribilho; bohemios cantarolão em direcção opposta; e nesta bella Fortaleza, ao regougar da onda embravecida de Janeiro, sob um céu estrellado e puro, ao fluido suavissimo do luar que se reflecte nas areias de prata pulverisada; aquella melopéa é, talvez, a unica no Brazil que ainda perpetúa os cantos dos Reis Magos uzados em Portugal, reminiscencias da lendaria adoração ao presepio de Belem, ao boi, ao carneiro, ao burrico (1), costumes simples que transpiram toda a poesia caracteristica de uma raça contemplativa.

Aos folgares da raça negra alliam-se as superstições; e as *mandingas* e feitiçarias são um complemento d'aquelles folgares; assim é que *fazer meza* ou *beber jurema* é uma verdadeira função de alegria. Dá-se, entretanto, presentemente uma verdadeira confusão de costumes entre o negro e o caboclo na pratica do feitiço. Todos commungam um mesmo systema; reunidos, sobre uma esteira, sob o effeito capitoso de beberagens aguardentadas, tocam maracás feitos com caroços de mulungú, entoando phrases cabalisticas, e fazendo mesuras; depois transformam a cerimonia em dança. Homens e mulheres estão convencidos que, ao poder d'aquellas ceremonias, o *corpo está fechado* a todos os males, que os corações dos amantes ingratos abrem-se em ternuras felizes.

Rosarios, sapos de bocca cosida, bonecos, bichos de diversas qualidades engrudados em cera de abelha, ornamentados de fragmentos de bolacha, são os enfeites da *meza*.

(1) A. Ferreira — Obra citada.

Quereis, leitora ingenua, que vossa inimiga enlouqueça, defínhe e morra? Consegui uns fios de cabello seus e guardai-os dentro de uma casa de cupim. Ou, melhor, apanhai-lhe a areia de seu rasto, ou um pouco do seu sangue, e tudo guardai na bocca de um cururú, cosendo-a, e lançai o nojento amphibio á lagôa. São estas as armas poderosas do africano ingenuo, alliado á boçalidade do caboclo, no tocante a essa parte do occultismo. Entretanto, quem dispõe de tão propicios elementos para a conquista de corações e exercer vinganças, cai inerme, como o diabo ante a cruz, ao contacto de um galho de pinhão de purga; o feiticeiro é inimigo acerrimo dessa pobre euphorbeacea. Uma surra de pinhão é um verdadeiro exorcismo nos couros de um *mandingueiro*.

Em todos os tempos e por toda a parte a superstição constitue uma preocupação dos espiritos incultos; e á proporção que a intelligencia evolue, e o conhecimento aperfeiçôa-se, parte do occultismo deixa de ser o maravilhoso para tornar-se uma como sphynges scientifica.

Partindo das phantasias das creações da India até aos nossos costumes, veremos a mesma uniformidade de extravagancia, a eterna duvida entre a sciencia e o sobrenatural. E não ha nada a differençar entre as tradições supersticiosas do indigena americano e qualquer phase das superstições do Oriente; e, entre as demais analogias, notaremos a escolha do sabbado para as assembléas dos feiticeiros.

Aqui no norte é do sabbado para o domingo que realisão-se as grandes cerimoniaes da jurema; na India era tambem n'aquelle dia que se praticava a adoração de Holda, a lua (1).

(1) Theophilo Braga—Obra citada.

Não só no dominio da ideologia das raças inferiores como em outros departamentos de sua actividade, dão-se analogias singularissimas que tornão mais emmaranhados os tenues fios da ethnologia no tocante ao berço commum da humanidade.

Assim, vemos em diversos povos primitivos o uzo da *Cowade*, e ainda hoje, sem que um ensinamento historico existisse, o homem de certas tribus indigenas da Amazonia, adoece, recolhe-se á cama por dias, em logar da mulher parturiente (1).

Ainda mais: como era pratica na antiguidade, os indigenas fazem os seus apparatusos banquetes funerarios quando morre um da communhão; convidão as malocas visinhas, matão caça durante dias, enfeitão o terreiro da habitação de pennas multicores amarradas em um mesmo fio, como bandeirinhas de papel; e, reunidos, cantão, tocão, danção e banqueteão-se, chorando em seguida sobre as cinzas do morto, para depois renovarem a cerimonia festiva. Muitos são os pontos analogos, por onde se verifica a identidade humana, senão por ter tido um berço commum, mas por ser commum a sua essencia.

De parte esta ligeira divagação, voltemos ao nosso feiticeiro, e em falta de documento mais valioso, transcrevamos um versiculo dos muitos cabalisticos de seu rito, o qual é cantarolado em som guttural, acompanhado ao rythmo do maracá:

« Rainha do céu mandou me chamar
Para assistir na meza do *aruchá*.

Trufá! » (*dando forte pancada com o maracá*).

(1) Stareke, citado por G. Tarde nas *Transformações do Direito*, diz que esse uzo tem um fim symbolico: para o filho ter força e valor, finge-se ter sahido das entranhas do pai.

Toca em seguida o maracá, e sai defumando os circumstantes com a fumaça do seu cachimbo cheio de jurema.

Herdámos de Portugal essa expontanea vocação para crer e vacillar diante do phantastico; e o povo ignaro absorve-se tanto, que chega a praticar o occultismo por meio da credulidade religiosa.

Um pagão de pés para o ar, invertendo os órgãos locomotores, tem o poder de sustar uma chuva imminente, é credence.

Na queima dos roçados, para que o fogo se ateie logo, o matuto, credulo e rude, assobia, porque tem a convicção intima, de que o vento é attrahido por essa forma.

O contrario, se a ventania é muito forte, o diabo anda solto nas correntes aereas que formão o redemoinho, e então uma invocação a S. Lourenço é sufficiente para acalmar o pé de vento.

Si a matrona perdeu o dedal de costurás, ou qualquer dessas cousas triviaes e indispensaveis, uma simples promessa de trez gritos a S. *Guino* (deve ser S. Guido) faz apparecer a cousa perdida, e então grita-se a bom gritar por 3 vezes: «*achet, S. Guino!*»

Qualquer luxação cede logo á simples medicação empirico-religiosa: uma velhinha traz o seu novello de fio e uma agulha, e collocando-o sobre o logar desconjuntado, finge coser, atravessando a agulha no novello em diversos sentidos, benzendo-se umas tantas vezes, a murmurar baixinho:

«*O que coso eu? — Carne quebrada, nervos tortos, pé desconjuntado*». Resa uma Ave-Maria, um Padre-Nosso, etc». Chama-se a isto *coser carne quebrada*.

Uma hemorragia tenaz cede como que por encanto, diz a credulidade roceira, *tomando-se o sangue de palavra*. E' um benzimento com palavras cabalisticas

tomadas á religião. Nem todos *podem tomar sangue de palavra*, é chamado um curandeiro uzeiro que, naturalmente, tem dons magneticos influenciadores da cura.

E' um acto solemníssimo, de muito respeito, a que só se recorre em caso extremo, esse do *sangue de palavra*.

Benzer o olhado ás crianças, todos conhecemos : uma bruxa qualquer toma o doentinho, suspende-o pelos pés até a altura da cabeça, isto no meio da porta que conduz para o copiar. Em seguida gotteja um pouco de óleo de oliveira dentro de uma bacia com agua, benzendo-a com um raminho verde de vassourinha; si a criança tem *olhado*, a folha murchará; e os circulos do azeite sobre a agua denunciarão se foi homem ou mulher que botou o quebranto.

Para achar cousas perdidas, alem da tortura a Santo Antonio, botando-o de cabeça para baixo, ou sobre moedas de *xem-xem* (10 réis de cobre, emissão colonial) pega-se uma urupema, collocada em forma de rodeira de carro; é tangida por uma tesoura a proporção que se pronunciaõ os nomes das pessoas de quem se desconfia seja detentora da cousa procurada; é reputado ladrão aquella pessoa cujo nome se pronunciou ao cahir da urupema.

De todas essas abusões, a mais original é *curar a bicheira*, no sertão. O vaqueiro, velho e traquejado, de rosario ao pescoço por baixo do gibão de couro, não precisa ver a rez' doente, basta saber da direcção do lugar onde ella come. Da porteira do curral, antes do sol nascer, benze-se; e convicto de que communica-se com o sobrenatural, resa esta oração:

« Mao que comeis, a Deus não louvai e nesta bicheira não has de comer mais. Has de ir cahindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro

em quatro, de trez em trez, de dous em dous, de um em um, e nesta bicheira não ha de ficar nem um; ha de ficar limpa, salva e sã, assim como ficaram limpas, salvas e sãs as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.

3 Padre-Nossos, 3 Ave-Marias, offerecidas ás 5 Chagas de N. S. Jesus Christo».

A credence popular sobre a arte de curar relembra ainda costumes do estado fetichista, da astrolatria principalmente. Assim é que a mãe de familia roceira mostra o recém-nascido á lua-nova porque, se o não fizer, o bello astro da noute póde levar o filhinho, ou concorrer para que elle soffra dôr de barriga e outros achaques.

« Dê cá pão com farinha
Para dar a minha gallinha,
Que está presa na cosinha.
Xô, gallinha,
Vai p'ra tua camarinha ».

E' uma especie de oração das crianças ao novilunio.

O adulto que soffre de lymphatite, e tem os ganglios enfiados, em vez de uzar tonicos, *corta a lingua á lua*.

Todos os povos inferiores, em sua adolescencia, teem o culto dos astros.

O indio amazonense é astrolatra; certos actos de sua vida intima, como a cerimonia do enlace matrimonial, são praticados diante da lua cheia:—*saciry catanhana*, sendo a lua nova a *saciry machanquin* (1).

O nosso matuto, no tocante á sua medicina empirico-fetichista, tem creações inteiramente abstractas,

(1) Notas de uma pessoa que conviveu com os *apuyrimans* e *jamamadis*, no Iaco, durante 4 annos.

como, por exemplo, quando arranca um dente de leite a uma criança; depois da evulsão diz:

« Mourão, mourão,
Toma este dente podre,
E manda meu dente são ».

Em seguida joga o dente para cima da casa.

Uma reminiscencia da mythologia egypcia vaga ainda em nossos costumes: a figa no bracinho da criança para preservá-la do *mão olhado*.

No aceiro de qualquer roçado enfia o matuto uma caveira de boi, com a convicção sincera de que ella corre para o viço da lavoura; essa mythologica tradição existe tambem nas cidades, as mais adiantadas, aonde o bodegueiro, cioso de cobres e bons negocios, colloca um chifre bovino no alto da balança.

Quem não vê em semelhante pratica um resto d'aquella confiança sobrenatural com que o egypcio adorava o Boi Apis, maravilhoso e fecundo!

Do Egypto emigraram muitas superstições através dos seculos, até nós, raça por tantos motivos supersticiosa e votada aos phenomenos do occultismo.

A figuinha no bracinho da criança para evitar o quebranto; os bentinhos, as palavras cabalisticas das orações que se guardão ao pescoço como um thesouro de virtudes contra todos os males, vieram de Roma, lá com a denominação de phylacterios, segundo Bernardes, *Nova Floresta*, citado por Andrade Ferreira (Curso de Litt. Portg).

Ainda em qualquer casa das cidades do norte do Brasil, quasi sem excepção, lê-se um papelito pregado por traz das portas: «Maria, concebida sem peccado, livrai-nos da peste. Amen.

As parteiras, mysteriosas bruxas necessarias a todos os lares, nos momentos mais criticos de sua profissão, não recorrem aos estimulantes uterinos; collocão ao pescoço da parturiente um pezado *badulaque* de saquinhos com amuletos e orações, a que dão o nome de *Santo-breve*.

E nada disto é originariamente nosso, é a Portugal que devemos todas essas tradições e abusões, cá do lado opposto do Atlantico modificadas pelo fetichismo grosseiro do selvagem e do negro d'Africa.

Si seguirmos a meada das tradições do occultismo, iremos esbarrar no Oriente, na patria do mysticismo.

O curandeiro de mordeduras de cobras existe authenticamente pelos sertões dos Estados do Norte, como em França os *guerisseurs* de vrin, ou os *psyllas* e encantadores indianos. E' invariavelmente um caboclo velho, engilhado, de embornal cabelludo a tira-collo, onde guarda raizes, dentes de amphibios, cabellos, o isqueiro, um vidrinho tampado com cera de abelha encerrando uma panacéa qualquer. Cura o enfermo com simples palavras: « Que é isto? alevante-se... ande... não é nada... va tomar um banho... deixe de medo... » e o desgraçado suggestiona-se, e quantos não erguem-se ao influxo da palavra mysteriosa do curandeiro!

Na Guayuba (Ceará) é bem conhecido um specimen desses. Não fica nessa pratica esse empirismo rude. O curandeiro conduz cobras comsigo; as affaga, dá-lhes o corpo a morder a ponto de gottejar o sangue, e morde-as por sua vez. Nos Brejos da Parahyba, no Engenho «Ribeiro», nas proximidades do povoado Alagoinha (comarca de Guarabyra), existio um homem do povo, jornaleiro, que envidava tudo para encontrar uma cobra surucucú, jararaca ou qualquer outra especie.

Exercia sobre ellas uma força maravilhosamente

estranha ; pegava-as pelo pescoço, o reptil enrolava-se-lhe ao braço, e elle, levando-o á bocca para beijal-o, não se importava com a dentada que o peçonhento animal lhe ferrava nos labios. O sangue escorria, e o nosso heroe, escandalizando os circumstantes, prendia com os seus proprios dentes uma das mandibulas da cobra, e com a mão segurava bem a outra, rasgando o repellente amphibio de meio a meio.

Outras vezes matava-o, e dividia-o em postas levando ao fogo sobre o moquem ; saboreava o exquesito prato, achando, segundo gabava-se, a carne semelhan-te á da trahira.

Conheci um desses curandeiros nos sertões da Parahyba, que avistando um homem de meu conhecimento, affirmou sem mais: «V. S.^a foi mordido de cobra de veado». De facto o meu conhecido fôra mordido quando rapaz. E o occultista retrucou-lhe categoricamente «Cuidado, V. S. tem o corpo fechado, não ha mal que entre, não ha cobra que lhe faça mal ; mas se outra cobra de veado o pegar, V. S. está *prompto*».

Este mesmo ophiophilo, *fechava* o corpo dos matutos por meio de benzeduras e dando a beber um liquido de seu preparo.

Era irrisorio o typo, e irrisoria era a cerimonia ; mas no meio de tudo aquillo, conhecendo os lendarios e tradicionaes exemplos da India, fiquei por instantes não a rir, mas n'um mundo de cogitações inteiramente estranhas aos processos por meio dos quaes costume investigar tudo quanto é positivo e inductivamente estudavel.

O espirito rude do povo não distingue bem as expansões dos folgares tradicionaes ás da intuição religiosa.

Ha uma ligação inconsciente, que não delimitou

nitidamente as raias de cada um d'aquelles departamentos.

Em Pernambuco não ha um d'aquelles folguedos da ralé, como os *caboclinhos*, *congos* e *cambindas*, que antes de ir a qualquer parte, não vá dançar uma jornada á porta da igreja de N. S. do Rosario, a santa dos pretos. A algazarra é infernal nos louvores á santa; mas a consciencia dos foliões sae d'alli tranquilla, e certa de que não acontecerá nenhum desastre depois do cumprimento d'aquelle dever.

Na Parahyba o uzo é identico; e nas cidades do interior, depois do Padroeiro, tem a primazia o Delegado de Policia.

Na cidade de Mamanguápe, Oragos S. Pedro e S. Paulo, vão os *marujos* (náo cañarineta ou fandango) render o preito espiritual, e cantam :

« Meu S. Pedro, meu S. Paulo,
Quem pergunta quer saber,
Nós, partindo a esta hora,
Onde iremo amanhecer».

E no entender d'aquelle povo simples, os dous apostolos abençoam, rindo, encantados pela audição da barcarolla e da rabeca, a satisfação innocente que ia-lhe n'alma.

As pastoras são um mixto de festa profana e religiosa.

Em Portugal ha meio seculo mais ou menos era o pastoril, o presepio, uma instituição da familia; no norte do Brazil, essa herança está ainda em seu auge na Parahyba e em Pernambuco, e mais n'aquelle Estado.

De Novembro em diante começaõ os ensaios; os *cordões* encarnado e azul inicião a pugna, effervescente e condimentada a cacete pelos dias do Natal.

Doze meninas vestidas de branco, cingindo capellas, enlaçadas de fita, umas com maracá, outras com pandeiro (a mestra e a contra-mestra), enfileiradas em dous grupos, cahtão o drama infantil do menino—Jesus, narrando a scena de Belem, a visita dos Reis Magos, com todas as peripecias burlescas que o espirito do povo engendra.

Danção alternadamente 10 jornadas, repassadas de um canto meigo e dolente; e entremeião recitativos a proporção que fazem offrendas ao rechunchudo Messias, representado n'um bloco de madeira, nem sempre abonador da esculptura, alli ao pé de uma cidade a granel n'uma tela de morim grosseira.

Ao lado copinhos com moitinhas de arroz verdoengo, lantejoulas e outros enfeites baratos; e disseminadamente pastoras, mulheres biblicas no papelão mal pintado, e o carneiro, a vacca, o burrico, e tantas cousas... tudo a ouvir o niveo gallinho de algodão em rama, que nada é mais do que algodão, mas que á nossa illusão suggestivamente ingenua, está a clarinar a maior e mais symbolica expansão que já coube a um gallinaceo:

« Christo nasceu ».

E as velhas pensativas e rabugentas, que já foram pastorinhas tambem, ouvem dentro d'alma: uma voz que diz: « Aonde? », e o cordeiro se apressa em adocicar o berro: « Em Belem ».

As mais convencidas d'aquellas devotas do presepio, jurão que o Perú é amaldiçoado, porque no meio d'aquelle dialogo idéal do gallo e do cordeiro, em que se affirma a grandiosa epopéa da vinda do Messias, aquelle imbecil fatuo, como um deputado sem eleitores, diz no seu gargarejar, que não é nem bem cacarejo nem canto: « *Desgollo... desgollo...* ».

O auditorio é, na maioria, de capadocios partidarios da *mestra* ou da *contra-mestra*.

Entremeando as jornadas, em que as pastorinhas dançam cantando, recitam versos allegoricos ás offerendas que vão depôr aos pés do Menino-Deus.

Ha tambem a figura do diabo, que naturalmente acaba esmagado pelo *anjo vingador*.

Entre os canticos, verdadeira copia do villancico portuguez, a seguinte quadra caracteriza bem a indole do verso :

« Vamos aos campos,
Pastorinhas bellas,
Colher as flores
P'r'as nossas capellas ! »

A nota final das representações pastoris é o *queima* : a latada, que forma a gruta e a biblica Belem, é desmanchada ; e as pastoras levão feixinhos de garavetos para fazerem uma fogueira, que logo arde.

A jornada do *queima* é saudosa, e aos corações das raparigas inspira muitas apprehensões, synthetizadas nestes dous versos :

« Até para o anno,
Se nós vivas formos ».

O povo roceiro tem sempre aguçada a inspiração religiosa para *tirar* um bemdicto a proposito de qualquer phenomeno sobrenatural ou extraordinario ; as seccas, inspiram o bemdicto das chuvas ; a prophecia de Falb, o bemdicto do *mundo se acabar*, etc.

Não será inopportuno dar uma idéa do que são essas producções de religiosidade popular, ainda em vigor nos sanctuarios privados dos matutos.

« Abre-te, porta divina
 Da hostia para o jardim ;
 Só peço que não te esqueças
 Do meu Senhor do Bomfim.

Offereço este benedicto
 Ao Senhor d'aquella cruz,
 P'ra nos livrar do Inferno,
 Para sempre, Amen, Jesus».

O benedito de S. João é de uma singular expressão.

A credence do povo affirma que o Baptista ignora o dia em que nasceu, e, no dia em que vier a saber, o mundo se acabará em fogo.

« Benedicto, louvado, seja
 S. João em seu altar ;
 Dizendo todos que viva !
 S. João na gloria ha de estar.

S. João teve alegria,
 E depois teve pezar,
 Por não saber o seu dia
 Para poder festejar.

Senhora Santa Isabel,
 Com sua toalha a bordar,
 Fiando fios de prata
 Para S. João se enxugar».

Em Portugal, depois da interdicção pelos Concilios, desapareceu por completo a collaboração do povo nos cantos da Egreja.

Entre nós, porem, aquella collaboração estende-se alem da Egreja ; e na litteratura amorphica do povo existem trabalhos bem curiosos.

Um specimen dessa inspiração philosophica e satyrica, perfeita imitação dos romances portuguezes :

PAI QUE QUERIA CAZAR COM A FILHA

Estava ella chorando,
 Viu S. José chegar...
 Maria, minha afillhada,
 O que foi isto por cá?
 E' meu pae, meu bom padrinho,
 Que commigo quer cazar.
 — Maria, tu diz a elle:
 Que estrada aberta é caminho;
 Pedè que compre um vestido
 Das arvores com as folhinhas.

— No primeiro elle sahiu;
 E nos dous poude chegar;
 Maria, minha noiva e filha,
 O vestido fui comprar.
 Maria *entrou p'ra dentro*.
 Começou logo a chorar;
 Quando ella 'stava chorando
 Viu S. José chegar.
 Maria, minha afillhada,
 O que foi isto por cá?

— E' meu pae, meu bom padrinho,
 Que o vestido foi comprar.
 Maria, tu diz a elle
 Que caza perto é visinha;
 Manda comprar um vestido
 Do mar com todos peixinhos.

Nos dous dias sahiu elle,
 E nos trez poude chegar;
 Maria, minha noiva e filha,
 O vestido fui comprar.

Maria entrou para dentro,
 Começou logo a chorar;
 Quando ella estava chorando
 Viu S. José chegar.
 Maria, minha afillhada,
 O que foi isto por cá?
 E' meu pae, meu bom padrinho,
 Que o vestido foi comprar.
 Pelo modo que estou vendo
 Não ha geito, hei de cazar.
 Maria, tu diz a elle,
 Que a maré anda com o vento;
 Manda comprar um vestido
 C'o sol, e a lua dentro.

Nós trez dias sahiu elle,
 Nos quatro poude chegar;
 — Maria, minha noiva e filha,
 O vestido fui comprar.

Maria entrou p'ra dentro
 Começou logo a chorar;
 Quando ella estava chorando
 Viu S. José chegar.
 Maria, minha afillhada,
 O que foi isto por cá?
 E' meu pae, meu bom padrinho,
 Que o vestido foi comprar;
 Pelo geito que estou vendo,
 Não ha remedio, é casar.

—Maria, chama os carpinas
 Antes do gallo cantar,
 Para fazer um *engonço*.
 P'ra tu nelle te *socar*.

Quando foi de madrugada
 Ella fbi e se occultou;
 Quando foi demanhãsinha
 O velho não a encontrou.
 Quando foi ao meio dia,
 O velho já malucou;
 Quando foi á noitezinha,
 Veio o Diabo, e o carregou.
 S. José levou Maria
 Pelas aguas da maré;
 Tanto poder elle tem
 Que nem n'agua molha o pé.
 Não ha santo milagroso
 Como o Senhor S. José.

As orações, equivalentes aos Ensalmos de Hespanha, são por outro lado um precioso contingente para o estudo de nossos costumes a respeito.

A oração de Santa Apollonia cura as dores de dentes; a de N. S. do Monte-Serrate, S. Christovão, S. Cypriano, do Conde, da Emparedada, de S. Leão, de Santa Martinha, são armas sobrenaturaes para o nadador, para o viajor, o vaqueiro, e até para o cangaceiro, que, pela virtude da oração, *vira-se n'um tôco* quando a *tropa* o persegue; ou é indifferente ás balas do inimigo.

Aos cerimoniaes da oração popular, seguem-se as *promessas*, as mais bizarras e esdruxulas: andar em roda da Igreja de joelhos; beijar todo o chão do templo etc. etc.

Aqui transcrevemos uma de muito valor para aquilatar-se do estado quasi fetichista do nosso povo:

«AURORA (CEARA), 29 DE ABRIL DE 1888. .

Uma promessa a S. Lazaro

Uma pessoa, tendo uma ferida que julga incuravel, faz uma promessa a S. Lazaro para ficar boa, cumprindo-a logo que alcança a graça desejada.

Esta promessa não é nem mais nem menos do que vou relatar: Sarada a ferida, ella prepara um grande jantar como se fôra para pessoas distinctas: meza, toalha, copos, talheres, emfim nada é esquecido, assim como as melhores iguarias, doces de diversas fructas e bebidas de diversas qualidades, sobresahindo entre todas o aluá. Depois de estar tudo prompto manda convidar os vizinhos e seos cachorros. Chegados ao local onde está preparado o jantar, assentão-se á meza..... os cachorros, sendo servidos com toda a etiqueta por seos proprios donos.....

Depois que os taes convivas acabão de comer, e que nada mais desejão, então é que as pessoas convidadas sentão-se á meza para fazerem por sua vez uma larga refeição.

A' noite os convidados reúnem-se no terreiro da casa aos conhecidos da circumvizinhança: para o samba e para a bebedeira que deve durar até o amanhecer.

Eis uma entre as muitas excentricidades do povo da Uruburetama: verdade é que não se sabe onde teve origem.

Em S. Francisco foi onde tornou-se mais commum este uzo, havendo pessoas que celebrão esta festa annualmente, e só por devoção!... »

Tem certa afinidade com os canticos religiosos do povo o que em França se chama a *berceuse*, o canto de embalar as crianças. A ternura das mãis, ou das mucamas, toca ao requinte do affecto quando o pequeno sêr das caricias domesticas precisa conciliar o somno :

« Maria lavava,
José estendia,
Chorava o menino
Do frio que tinha.

Calai, meu menino,
Calai, meu amor;
Que a faca que corta
Dá talho sem dôr ».

Esta cantilena é muito commum no recesso do lar nortista.

Para ninar a criança, pelo medo, tambem é tradicional a quadra do Cabelleira, celebre faccinora pernambucano do começo do seculo passado :

« Fecha a porta, gente,
Cabelleira ahi vem,
Matando mulheres,
Meninos tambem ».

Quer se trate de manifestação religiosa, quer de folgares genuinamente profanos, a expansibilidade do nortista é a mesma, prima por um caracteristico de alacridade impulsiva e verdadeira.

Pelas fazendas ou pelas cidades, a mesma expansão : são as crianças que se agrupam ás calçadas, n'um regosijo feliz, entoando cantilenas ternas, repassadas de uma dolencia saudosa :

« Senhora D. Archanja,
 Coberta de ouro e prata,
 Descubra o seu rosto,
 Que eu quero ver-lhe a cara ».

E' uma cadenciada melopéa com um sainete hespanhol ou portuguez.

Pelas noutes de luar, são os tradicionaes trovadores de esquina, as serenatas, o violão, instrumento tallado para transmittir ás Julietas as declarações de amor dos Romeus capadocios.

Nas *pontás de ruas*, vai animado o *xinfrim*, o *forrobódó* (1); a proposito de tudo uma festa de *arrastapés*, regada a *aluvé*, no Ceará, e á *meladinha* ou *cachimbo*, na Parahyba e Pernambuco (2).

O carnaval, alem das criticas picantes, allusivas á vida aldeia, encena pelas ruas as diversões mais originaes : os *cócos*, *maracatús*, *marujos* (fandangos ou náu Catharineta), *bumba-meu-boi* (boi suruby, no Ceará). D'entre esses folgares typicos, convem destacar os *caboclínhos*, restos de diversão indigena : Deseseis ou vinte figuras com o rosto pintado a açafão, ostentando trages de cores expressivas, com enfeites de espelinhos e pennachos á cabeça, empunham arcos com flechas, que são manejados ao som de um tambor e de uma gaita. Simulam um combate, como de tribus inimigas ; e em plena lucta surge o rei, de capa e espada, cortejado por dous culumins, na giria do folguedo os *perós-mingús*.

Entre as alas dos contendores, arrasta a espada, pronuncia uma catadupa de RR arrogantes, falla do seu *alfange*, e do seu *cutelo*, diz uma lóa em lingua bunda, e acalmam-se as hostes aguerridas.

(1) Bailes da canalha.

(2) *Aluvé*, beberagem de milho fermentado, *Meladinha* ou *cachimbo*, aguardente com mel de abelha.

Acolyta tudo isto o typo do bôbo — o *matrod* —, sarcasmo atirado á lendaria boçalidade e estultice do caboclo.

Ainda hoje é muito commum nas cidades e villas da Parahyba este brinquedo, no Ceará apenas imitado pelos *caboclos*, oito figuras, trajadas mais ou menos burlescamente, de capacete emplumado á cabeça, e a dançarem uma especie de quadrilha, ou contradança nas casas para onde são convidadas.

Pela quaresma é o *serra-velho*; um grupo de vadios conduz barricadas, serrotes e chocalhos, e ás horas mortas estaciona á porta dos velhos mais rabugentos e jarretas, e improvisam versos picarescos, n'uma algazarra infernal, com exclamações, chôros fingidos e tantas outras graçolas, supinamente aggressivas para quem já desce os ultimos barrancos da encosta da vida. E' uma variante das janeiras de Portugal.

Os judas de sabbado da Alleluia são outro motivo ás expansões do rapazio.

Arborisam-se ruas com as bananeiras dos quintaes alheios, enforca-se o Iscariote n'uma avenida improvisada da meia noute para o dia, e a nota de escandalo é o testamento, em cujas disposições de ultima vontade figuram pessoas cavaquistas.

E' costume muito vulgar o furto dos *judas*, delicto que as vezes degenera em *pancadaria grossa*. E por fallar em furto, vem a pello consignar tambem, como um costume autorisado não sei em que tradição, o furto da *panellada* no dia de Anno-Bom.

Os nossos matutos teem n'aquella manobra de astucia fecundo motivo de pagodeira e galhofa. Farejão á noute inteira a cosinha do parente ou amigo até que possuão agadanhar a panella em que se cóse a gorda mão de vacca; effectuada a escamoteação, convidam o dono espoliado para vir participar do almoço, que

é seguido invariavelmente do decantado samba de viola e botijão.

O mez de Maio, ou melhor o mez mariano, abre uma estação de preces e alegrias populares, principalmente nas cidades, villas e povoados do interior.

A este respeito poderá o leitor consultar o que dei-xei escripto no meu « Poema de Maio ».

No matto, como chamamos vulgarmente a roça, as *novenas* de Maio tem uma significação particular, uma feição rudemente innocente: o matuto que tem o seu oratorio (sanctuario) improvisa um altar de cobertas de ganga encarnada, e sobre uma meza rude colloca botelhas enfeitadas de papel, que servem de castiçal. Converge para assistirem ás novenas a vizinhança em pezo; e as flores dos campos, as boninas, as maravilhas entretecidas em ponteiras de pindoba, fingindo capellas, os bogaris e as mangeronas, tudo concorre para dar um tom de innocencia e simplicidade áquelle preito a sempiterna Virgem das virgens.

No terreiro são os fachos de pão d'arco, o cruzeiro de bananeira cravejado de luminarias, o mastro com a bandeira de madapôlão.

Nas ultimas noites o foguete, os tocadores, uma musica um tanto infernal, mas caracteristica, e ao mesmo tempo harmoniosa. E' a mais perfeita reminiscencia dos costumes indigenas no tocante á arte da harmonia: um zabumba, um tambor, uma gaita e um pifaro de tabôca.

Não esqueçamos o leilão da ultima noite: um arco de folhas de palmeira está no centro do terreiro carregado de fructas, garrafas de mel da abelha uruçú, ao pé os perús e toda a geração de gallinceos, por sobre uma meza prendas de varias naturezas, revellando a rudeza de quem perdeu seu tempo com a factura de taes artefactos. Assoma então o pregoeiro, altivo, a improvisar eloquencia e *vérve*, e a feira em honra do

Sancto vai pezar nas algibeiras dos circumstantes : e os objectos transformam-se quasi sempre em offrendas dos noivos bisonhos pelos costumes, mas ardentes pelos impetos do sangue.

Vem o S. João, é a festa das superstições, são as lendas transplantadas pelo portuguez, adaptadas em campo adequado : o espirito apoucado e phantasiOSO do indigena. O milho verde, assado nas fogueiras, a cantiga, as adivinhações presagiosas do futuro . . . eis tudo. Na encruzilhada, ao dar meia noute, o diabo apparecerá, precedido de ventanias e pavores ; feliz de quem apertar-lhe a mão estabelecendo um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, para ser cantador, tocador de viola, jogador, etc. A arruda florescerá n'aquella noute de agouros : estendei um pano bem alvejante debaixo della, que o Anjo das Trevas não tarda vir colher as sementes : si conseguirdes segurar a mão cabelluda de Satan, a fortuna vos sorrirá. O alho, plantado n'aquella noute medra, enraiza horas depois. A clara do ovo derramada dentro de um copo d'agua revellará se tereis de viajar por longes terras.

Ao accender-se a fogueira, esconde-se a moçoila bregeira por detraz da porta com a bôcca cheia d'agua, o primeiro nome proprio de homem que ouvir áquella hora será o do seu futuro noivo.

Dão-se os *bapisados de tição* tambem ao accender da fogueira ; e, cumulo de auto-suggestão, os roceiros passam mais tarde, lentamente, medindo os passos, de pés descalços, sobre o brazeiro intenso da mesma fogueira, invariavelmente de páo d'arco ou angico. «Viva Senhor S. João», estas palavras, repassadas de verdadeiro fetichismo, anesthesiam-lhe as plantas, de si revestidas de verdadeira couraça pelo habito de andarem descalças.

A ultima revellação dessa mysteriosa noute é ao

mirar-se alguém, pelo alvorecer, nas aguas da fonte : si a matrona, o centro de gravitação de todos os affectos do lar, não vira o rosto, nitido como em fino espelho, ennubla-lhe o coração uma sombra de apprehensões pavorosas, e o chôro, a duvida acabrunhadora, são a ultima nota dessa lendaria e encantadora nou-tada de brincos santamente ingenuos, que sempre . . . sempre . . . enchem de risos os que teem a quadra da vida em sonhos, e de saudades os que encanecem pe-las desillusões (1).

As danças de origem popular, alliadas ao canto pelo rythmo e pelo tom picaresco, completão os dados que o *Folk-Lore* possa exigir.

De Portugal herdámos as que fazem as delicias do salão nas festas intimas :

A *Ciranda*, por exemplo :

« Ou ciranda, ou cirandinha,
Vamos todos cirandar ;
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar ».

Esta quadra é cantada n'uma melopéa arrastada e cadenciada, suggestionando volteios entre os pares, homens e mulheres n'uma grande roda, de mãos dadas.

Depois deste canto, destaca-se uma dama que sai a escolher noivo apontando com o indicador :

« Não me serve,
Não me agrada.

(*Aceitando, enfim*).

Só a ti, só a ti
Hei de querer . . .

(1) Vide o "Poema de Maio" sobre a noute de S. João.

Só a ti, só a ti
Hei de querer ».

Imitação da *ciranda*, com um assento mais brasileiro, é a *rolinha doce, doce* :

« A rolinha, doce, doce,
Cahiu no laço, embaraçou-se.
Meu amor é doce, doce,
Cahiu no laço, embaraçou-se.

Bóte aqui, bote aqui o seu pezinho,
Seu pezinho, seu pezinho juntinho do meu ;
No botar, no botar de seu pezinho,
Uma volta, uma volta, dou-lhe eu ».

E sai o par sapateando o binario de uma polka.
O Côco: é também dança rythmada pelo canto :
pares de mãos dadas, dando volteios e batendo palmas.
Cantão n'uma infernal monotonia durante noutes :

« D. Felismina,
 Ô barreiro velho,
Mandou-me chamar,
 Ô barreiro velho ;
Eu mandei dizer,
 Ô barreiro velho,
Que não ia lá,
 Ô barreiro velho ».

E' dança predilecta do pessoal dos engenhos de assucar, negros e caboclos ; é o *cambiteiro*, o *mestre de fornalha*, o *mettedor de canna*, o *banqueiro* (mestre que dá o ponto no assucar), os tangedores da almanjarra, etc. etc.

Em Portugal danção com canto : a charola, folia, gitana, captiva, xacota, arremedillo, etc.

No norte do Brazil : a ciranda, S. Gonçalo, macatú, rolinha-doce-doce, o baião, que é o mais commum, entre a canalha, e toma diversas modalidades coreographicas e na arte do canto : o desafio, o martello, a ligeira, etc.

Para fallarmos do baião, é preciso conhecermos o samba, instituição que fala bem alto, photographando o estadio de civilisação do elemento nortista, rudementar ainda no seu amalgama ethnographico.

Por toda a parte o samba é a nota obrigatoria das alegrias do povo.

Transportemo-nos por instantes a qualquer logarejo ou casa de fazenda da roça.

No terreiro alguns bancos; o tocador da viola (ou tocadores); outro que vibra uma chave ou moeda de cobre n'um botijão (quasi sempre são estes tocadores os proprios cantadores). Em roda a massa de circumstantes : rapazes possantes de camisa anilada, calça de algodão crú, deixando ver as fitas das ceroulas, chapéo desabado ou bem erguido sobre a testa, onde fluctua banhenta massaroca de cabellos.

Entre elles, matutas morenas, ardentes e bisonhas, chale a tiracolo e galhinho de mangerona atraz da orelha.

Ao gemer do pinho nas unhas do matuto, sai um moço á roda.

Multiplica os passos, do calcanhar para-as pontas dos dedos, desarticula-se, pisa e repisa firme no solo, apruma-se firme como um boneco de engonço, ora dá pulos miudinhos em direcção aos tocadores, ora affasta-se de costas, até que fazendo uma meia volta em pirueta *atira* na *cabocla* de seus affectos ou na que mais admirou o *piso do rojão*.

Esta por sua vez, sai a roda, no começo fingin-

do acanhamento ; depois sapateia mais forte, sempre n'um saltitar miudinho, aprumada, saia enfunada : os braços abertos em compostura de abraço, e os dedos castanholando. Termina em geitosa mesura *atirando* no cavalheiro que a tem de substituir.

Entre os do samba corre de mão em mão uma chicara em que se serve a aguardente, a tradicional *mandureba* cearense.

Os cantadores, depois do góle, afitão-se e desafitão-se ; toda a sorte de offensa rimada sai vestindo a satyra do poeta popular, interprete do verdadeiro sentir do povo.

« Marinheiro pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira ;
Quem te deu a confiança
De casar com brazileira ? »

Esta simples trova é bem significativa para quem estuda a transfusão das raças entre nós, principalmente a posição d'aquella que foi metropole.

Entre a variedade de cantoria e dança do samba, damos preferencia a uma amostra da *ligeira*, solfa especial, cuja lettra um cantador começa e o outro finda :

« Amarante, Amarante, amar . . .
Oh ! lá !
Amarante, Amarante, amar,
Era p'rá, era p'ra ser,
Era p'ra ser, era p'rá.

Sou carneiro da lâ fina .
Lá do collo de Yáyá ;
Quanto faz *dá* na cabeça,
Como na cabeça *dá*.
Tanto faz *d'aqui p'r'alli*,
Como *d'aqui p'r'aco!á*.

Rebóla a bola p'ra *riça*,
 Rebola a bola p'r'o ar.
 Dá na bóla, vira a bóla,
 Devéras p'ra não errar.
 Sou pior que dôr de dente
 Quando *pega impenetrar*.

Para melhor avaliar-se o que seja o verso do samba, peço venia ao poeta popular cearense o Snr. Severiano Costa para transcrever o que a respeito escreveu em verso com singeleza e sinceridade:

— Não sei mesmo onde nasci;
 Não sou christão, não sou mouro,
 O leão, o bravo touro
 Nem panthera me faz medo!
 Mais duro que o rochedo,
 E' o punho do meu braço;
 De um só murro espedaço
 A mais solida fortaleza;
 Vês portanto, meu amigo,
 Se fores meu inimigo
 Te desgraço com certeza!

Sou bala de rifle,
 Sou ponta de aço;
 Eu quebro, espedaço
 As pedras até!
 Tôlo o que tentar
 Sahir-me á caminho
 Quebro-lhe o focinho
 Com a ponta do pé!

O outro, rapaz affeito
 Na arte da cantoria
 Recebendo o choque á peito
 — Responde-o com energia:

—« Mais devagar, meu amigo,
E's cego, mas eu não sou;
Nada, nada me assusta,
Pois sou filho do perigo !...

Se queres saber,
P'ra mim te atira:
Saberás se é mentira,
Verás se a ti nego;
Pois aqui não vejo
Um que me resista,
Mesmo tendo vista,
Quanto mais um cego ! »

Estas notas preliminares não obedecem ao plano logico que exigiria o prefacio de qualquer estudo methodisado sobre o Folke-Lore brasileiro; ellas dão idéas geraes do estado actual deste precioso filão de nossa litteratura.

Um prefacio exigiria um estudo completo das fontes da poesia popular, dos contos, lendas e tradições, modificados pelo meio e condições evolucionaes da civilisação brasileira. O CANCIONEIRO DO NORTE é antes um repositório da poesia anonyma, colligida como cabedal de uma obra futura, que algum espirito perfeitamente educado no genero pretenda mais tarde elaborar.

Sou o primeiro a reconhecer a falta de orientação philosophica, essa unidade subjectiva que deve presidir a qualquer trabalho que tenha por objectivo estudar os elementos formadores da historia de um povo sob qualquer aspecto; mas liberta-me dessa omissão a despretenciosidade com que emprehendi semelhante tentamen.

Tratando-se de commemorar o Tri-Centenário da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará, achei oportuna esta publicação, que, pelo menos, ficará perpetuando a riqueza, a fecunda e inculta riqueza intellectual do povo rude do norte, estampada na sua poesia espontanea e sincera, como um grande espelho que retrata fielmente trez seculos de estagnação diante do grande concerto da civilisação universal.

A poesia é, incontestavelmente, a faceta que melhor testemunha a feição característica do espirito. Que o Quarto Centenario do facto hoje commemorado possa encherger na authenticidade do CANCIONEIRO DO NORTE o esbatido suavissimo de uma epocha esborcinada pela destruidora acção do progresso.

Entre os povos victoriosos pelo utilitarismo, as creações artisticas desta natureza não passam de simples emoções dos primeiros rubores infantis.

E si a nossa infancia já conta trez seculos?!

Os eruditos que respondão se o CANCIONEIRO é ou não um documento opportuno, mesmo com as imperfeições que sou o primeiro a reconhecer.

Julho de 1903.

RODRIGUES DE CARVALHO.



2018

PRIMERA PARTE



POESIAS DE DIVERSAS ORIGENS



O Seringueiro

(Ceará)

Eu vou ver se introduzo
A vida do seringueiro,
De noite está na barraca,
De dia está na madeira.

Vou principiar minha vida,
Que me dispuz a embarcar,
Sahi do centro e segui
P'ro hotel no Ceará.

Luxei, bebi, passei bem,
Foi a vida irregular,
Achei uma *diferença*
Perto da beira da praia
No dia de me embarcar.

A maré cheia de mais,
Pegou o dia a ventar,
O mar se encheu de calombos,
Começou bóte a virar.
Isto é contrariedade
De quem dispõe-se a embarcar.

Como é o embarque em vapor
Como eu hei de contar,
Que a comida é muito ruim,
Mas peor é enjoar.

Já principiei a viagem,
Vou deixar ella de mão,
Vou principiar de novo
Chegando no barracão.
Cresce a saude e amizade
Encontrando um bom patrão.

Agora vou me aviar
Do que tenho precisão,
Da *jabá* (1) e do arroz,
Da farinha e do feijão.

Mosquiteiro para a sombra,
Do café e do *bulhão* (2),
Uma duzia de tigelas:
Feixe-me a conta, patrão.

De manhã sahi á estrada,
Sem nella saber andar,
Com a machadinha na mão
Corta aqui, corta acolá,
Collocando as tigelinhas
Cada qual no seu logar.

A' tarde volto á barraca,
Sem descanso ao coração,
N'um braço conduzo o rifle,
No outro levo o *bulhão*.

A vida não é tão bôa,
Quem quizer vá *exprimentar*,
Si o *colhêr* (3) é muito ruim,
Mais peor é o *defumar* (4).
Ainda cortar cavaco,
E depois ir *mariscar* (5)

Quando elle alcança saude,
Vejo a sorte em quanto dá,
Compõe todos seus trabalhos,
Sae sua conta legal.

Mas quando dá o cayporismo,
Em tudo bate a *sezão*.
O beribere apparece,
Incha perna e incha mão.

Dá o golpe com a machadinha,
O leite não quer esgottar;
Cavaco elle não encontra,
E nem aonde *mariscar*.

Dá *pinhum* (6), dá moriçoca,
Encontra o *passo* (7) jacaré;
Perdido na matta encontra
O choque do puraqué (8).

Com beriberi nas pernas
Já não póde mais andar,
Dá *sezão* e muda a côr,
Olhe o buxo p'r'acólá.

Improviso estas cousas
Que se dá com o seringueiro,
Perdeu côr, perdeu saude,
Perdeu credito e dinheiro.

Agora quanto a chegada
Quando vai p'r'o Ceará,
O resultado é o veixame,
O rebuliço que ha.

Valentim e *seu* Nogueira,
João Martins e Ponciano,
Antonio Ferreira e Barrozo (9)
E' quem se vê nos veixames
Tratando destes doentes,
De molestia tão tyranna.

Mas algum hotel que ha,
Passam por estes tormentos,
Sem ter maior resultado,
Passando por *innocentes*.
Sem receber os dinheiros,
Sem ter nenhum pagamento,
Dá saude a todos elles,
Salvando estes doentes.
O hotel do Ceará
E' quem passa esses tormentos.

(Foi dada a copia pelo cantador Caninana).

-
- (1) *Jabá*,—carne secca do sul.
(2) *Vuso de guardar o leite da seringueira*.
(3) *Colhér o leite*.
(4) *Defumar*,—o processo de passar o leite coagulado na fumaça.
(5) *Mariscar quer dizer pescar*.
(6) *Pinhum*,—mosquito de grande ferrdo.
(7) *Passo quer dizer o bicho*.
(8) *Peixe electrico do Amazonas*.
(9) *Donos de hospedarias na Fortaleza*.

CARFA

(Ceará)

Eu te mando o coração,
 Repara bem si é o meu ;
 Aceita lembranças minhas
 E manda um retrato teu.

Hoje tive a liberdade
 De lançar a mão da penna
 Para te escrever, assucena,
 Amor, eterna saudade.
 A minha felicidade
 Hoje está nas tuas mãos,
 Si tiveres compaixão
 Repares e compadece
 Para ver si me conheces
 Eu te mando um coração.

Tirei de dentro do peito
 A prenda que mais estimo
 Para te mandar de mimo,
 Recebe-a com todo o geito.
 Meu corpo por teu respeito
 Parece que já morreu,
 Por isso te digo adeus,
 Me despeço e vou me embora...
 Meu coração fica fora,
 Repara bem si é o meu.

Si vires meu peito aberto,
 Meu corpo sempre a soffrer,

Somente para te ver,
 Tu junto commigo, ou perto
 Repara contado e certo
 Que a ti amo sosinha...
 Repara nessa cartinha
 Que estou falando a verdade,
 Aqui não ha falsidade,
 Aceita lembranças minhas.

Para imprimir essa historia
 Que me viu todo por dentro,
 Tomou todo o fundamento
 Da onde a firmesa mora.
 Trabalhei até agora
 Confirmando o que se deu,
 Como já me prometteu
 Que eu mande em teu thesoiro.
 Dentro de um quadro de oiro
 Me manda o retrato teu.

PELEJA DA ALMA

(Parahyba)

Havia um homem no mundo
 Dono de muita riqueza,
 Homem de muita valia,
 Homem de muita nobreza.
 Dizia que só trabalhaya
 P'ra sustentar a avareza;
 Era rico d'esta forma
 E não estimava a pobreza.
 Este homem era casado,
 E de Deus não tinha auxilio,

Por sua infelicidade
A mulher não tinha filho.

Andava se maldizendo
Com tão semelhante estrago,
Dizia que só trabalhava
P'ra sustentar o diabo.

—Foi um dia na Igreja,
Pediú com lágrimas doces
Que Deus lhe dêsse um filho
Fosse de que geito fosse.

—Assim que elle pediu
Deus do Ceo determinou
Que acabo de poucos mezes
A mulher um filho encarnou.

Teve nove mezes no ventre,
Foram nove mezes de Dor.
Assim, do modo seguinte
Deus do Ceo determinou.

Acabo de poucos mezes
A riqueza se acabou.
Nascendo dito menino
Riqueza nenhuma achou.

Nasceu o dito menino,
Ficou elle com muita alegria
Procurando padrinho rico
Com arte de sabedoria.

Procurando padrinho rico
Para ser padrinho do filho
Só não procurava os pobres
Porque elles não serviam.

Os restos dos *farellinhos*
Se acabaram neste dia.

—Pegou este menino
Mal educado creou,
Nunca lhe deu um conselho,
Para o bem nunca educou.

O menino logo de pequeno
 O Pae e a Mãe largou ;
 Não quiz saber de Padrinho,
 Nunca mais o procurou,
 Para amar a Deus
 Também nunca se lembrou.

Nunca foi ao pé de padre,
 Também nunca jejuou,
 Nunca deu uma esmola
 Nem por Deus, nem por seu amor,
 Os mandamentos divinos
 Toda vida despresou,
 Só *entrou dentro* da igreja
 No dia que se baptisou.

Nesta miseravel vida
 Deus depressa o matou.
 Quando teve de morrer
 Neste interim infeliz
 Foi logo se confessar
 Com Deus, o recto juiz.

—Chegou nos pés de Deus,
 Tratou de se ajoelhar
 Publicando estas palavras :

« Senhor, me quero salvar. »

—Deus olhou para a alma :
 « Alma, de onde viesse ?
 Com idade de 31 annos
 Que pelo mundo tivesse
 Sem te lembrares de mim,
 Como é que me appareces ?
 Para eu poder te salvar
 Primeiro te confessas ;
 Publica por tua bocca
 Que beneficios fizesses ? »

—Era diabo de todas as maneiras,
 Diabo roxo, Diabo preto,

Uns com garfos,
Outros com facas,
Uns com ferro,
Outros com espeto.

Perguntavam uns aos outros :
« Em qual cama nós o *deita* ? »

—A alma olhou para Deus :
« O que será de mim aqui
Nos pés do recto juiz
Onde não posso mentir...
Mas... como vós me obrigaes,
Com vós me confessarei,
Meus occultos pensamentos
Eu de vós não negarei :
Logo de pequeno
Meu pae e minha mãe larguei,
Não quiz saber de padrinho,
Nunca mais o procurei ;
Para amar a Deus
Tambem nunca me lembrei :
Nunca fui aos pés de padre,
Tambem nunca jejuei.

Esmola por vosso amor
Eu no mundo nunca dei,
Os mandamentos divinos
Toda a vida despresei.
Só *entrei dentro* da Igreja
No dia que me baptisei.
Nesta miseravel vida
Não sei como me salvarei. »

Os diabos fallaram
Tudo em palavras bellas ;
Lucifer dizia aos outros :
« Que confissão aquella !... »

—Deus olhou para a alma
Em seu sentido moderno :

« Como eu sou recto juiz,
 Completo senhor eterno,
 Está justa minha sentença,
 'Stás condemnado aos infernos. »

Os diabos gritavam,
 Outros sorriam,
 Lucifer dizia aos outros :
 « D'aquella sentença eu sabia ! »

Quando elles foram vendo
 Deus do Ceo sentencial-a
 Uns gritavam, outros uivavam,
 Batiam palmas a *sanzalla*.
 « Si não fosse no pé de Deus,
 Acolá queria pegal-a ! »

A alma viu-se apertada
 De angustias e agonias ;
 Sahiu dos pés de Jesus
 Para os da Virgem Maria,
 Para ver si como mãe
 Que ainda a soccorria.
 « Maria, Virgem Maria,
 Mãe de meu Deus Redemptor,
 Mae de Deus e mãe de Christo,
 Mãe do padre Salvador,
 Rogae por mim a teu filho
 Que nesta hora
 Me condemnou ! »

— « Alma sae-te de meus pés,
 Para que vem te valer de mim ?
 Que meu filho, recto juiz
 Não faz o que é ruim. »

Lucifer se levantou,
 Disse : « Alma, que viesse ver cá ?
 Manoel já deu a sentença,
 Maria geito não dá ;
 Aquillo que Manoel faz

Não é para Maria desmanchar ».

—« Senhora, tem compaixão
De minha necessidade
Já que o peccado roubou
A minha felicidade.
Será possível, senhora,
Ainda que o peccado diz
Que eu me vejo em vossos pés,
Hei de ser ainda feliz.
Maria, Virgem Maria,
Esposa do Espirito Santo,
Se vós não me valerdes
De vossos pés não me levanto.

—Maria, Virgem Maria,
Vae pedir a teu bom filho
Que teu pedido não regeita ;
Se vós não fores ouvida,
Então irei satisfeita ».

—« Alma, fica ahi,
Que vou fallar com Domicio
Para ver se como mãe
Se dou algum geito a isso ».

—Os diabos quando foram vendo

A Virgem para a partida,
Lucifer dizia aos outros :
—« Lá vae a compadecida !
Pelo geito que estou vendo
Esta sentença é perdida ».

E os diabos ficaram
Todos com a cara torta.
—« Lá vae a compadecida !

Mulher que com tudo se importa.
Pelo geito que 'stou vendo
Esta sentença está torta ».

—Nossa Senhora pediu
Rogando a Nosso Senhor:

—« Filho meu, meu Bento Filho,
Filho e meu Redemptor,
Aquella alma esteve aqui,
Para que vós não a *salvou*?
Dizei-me, meu bento filho,
Foi ella só quem peccou? »

—« Minha mãe para que me pede
Perante a sua imagem? »

—« Para que vós não condemnou
O bom ladrão da *Pellagem*?
Filho meu, Bento Filho,
Consolo dos afflictos,
Para que vós salvastes
A Maria do Egypto? »

—« Minha mãe, p'ra que me pede
Com dor no seu coração?
Aquella infeliz esteve aqui
Privada da salvação,
Que pecca sem ter temor
Da menor compaixão. »

—« Valha-me S. Izabel,
N. Senhora Sant'Anna,
'Stou vendo meu Bento Filho
Co'as *feiçõ* tão tyranna!
Por aquelles nove mezes
Que 'stivesse em carne humana! »

—« Minha mãe, como me pede
Por Sant'Anna e Santa Izabel,
Posso dar algum recurso
Com a vista de S. Miguel. »

—« Prompto estou aqui, Senhor,
A' vossa disposição!
Como havia de faltar
A' Virgem da Conceição;
Sabendo que poderosa
Tem o remedio nas mãos!

Felicidade da alma
 Qu'ella der a protecção.
 Ella querendo derruba
 A força do Aragão! »

Lucifer se levantou :

—« Tenho razão de fallar,
 Esta alma já é minha,
 Pois Miguel, queres tomar? »
 —« Maldicto cabo de embira,
 Quem foi que te chamou cá?
 Vaes para as profundas do inferno,
 Pois lá que é teu lugar. »

« *Voltemos p'ra traz* Miguel,
 Vamos fallar com o juiz
 P'ra ver que se dá algum recurso
 P'ra aquella alma ser feliz. »

« Dizei-me, meu bento filho?
 Onde 'stá vosso poder,
 Se aquella alma tem castigo,
 Prompta 'stou p'ra receber. »

—« Minha Santissima mãe,
 Botai-me vossa benção,
 Que a Senhora é a Rainha!
 É' a flôr da Redempção. »
 Foi a *Protetora* da alma,
 Que *Sastifex* a paixão!
 Si não fosses, oh Maria,
 Uma *protetora* tão forte;
 Soberana Virgem Pia,
 Se não fosse a Rainha,
 Bem poucos *se salvaria*. »

« Vem cá Miguel, — Quem me chama?
 Lucifer que va embora,
 Que elle não tem parte em nada,
 Que a alma que elle veio ver,
 Da Virgem foi amparada. »

«Está tão triste o Maldicto!
 Eu alegre agora estou!
 Recebe esta embaixada,
 Que o Rei dos Reis te mandou;
 Disse que fosses embora,
 Para tormentos eternos.
 Fosses em *chammas de fogo*,
 Pr'as profundas dos infernos.
 Disse mais que aquella alma
 Que tu vieste tentar,
 Hoje triumpha na *gloria*,
 A Virgem fez triumphar.»

Disse o diabo a São Miguel:
 «*Pois nada posso lucrar?*
 Meus serviços são perdidos,
 Não vale a pena tentar!»
 «Desgraçado sem ventura,
 Um milhão tem de tentar,
 Todos que eu vir illudires,
 Pretendo sempre tomar.»

«Desgraçado sem ventura,
 Com quem queres pelejar?
 Já 'stou fazendo um serviço,
 Sem Jesus Christo Mandar».

Lúcifer se levantou
 Lendo n'um livro sem lettra,
 Com o pé de *preá* cambêta,
 Faiscando pelos olhos,
 Lançando brazas de fogo,
 Fazendo muitas carêtas.
 São Miguel sahio serrindo:
 «Dou-te *figas* cara prêta.»



ADEUS, CAXAÇA!

Eu que sou livre n'esta terra livre ;
 Filho do indio, d'este chão de bravos:
 Canto a caxaça—que faz forte o fraco,
 Canto a caxaça—que não faz escravos.
 Si lá na gruta já pagé o antigo
 Sondava arcanos, conversava aos Piagas,
 E' que a jurema e cauim amigo
 O remontavam do porvir nas vagas.

Moysés fugindo suffocado em sêde,
 Pede agua á rocha—onde bebe um povo :
 E' que fugiam : Não merecem fracos
 Que a mandureba (*) lhes dê sangue novo :
 Porém si um trago, de caxaça forte
 Lhes fosse ao craneo percorrendo as veias,
 Todo esse povo que fugia á morte
 Voltara ao Egypto rebentar cadeias.

Vêde essa Grecia, que guerreiros cria,
 Vêde essa Roma produzir um Graccho ?
 E' que essas terras, tão fecundas em hervas
 Criavam filhos adorando Baccho !
 E pode um Newton resolver problemas,
 E pode o palco possuir um Thalma,
 E o calcêta rebentar algemas,
 Sem que a caxaça lhe estribuche n'alma ?

(*) *Mandureba*, é vocabolo muito popular no Ceará, com a significação de aguardente.

No norte esta palavra tem dezenas de synonymos, todos de indole popular: *canna*, *jurubita*, *grog*, *sinhaninha*, *a branca*, etc., etc.

E que seria dos guerreiros nossos
 Sem tu, caxaça, na medonha guerra,
 Onde Barroso triumphou no mar :
 Onde Sampaio foi heróe em terra ?
 No chão gelado dos immensos pampas,
 Que foi sudario dos leões do norte,
 Largae caxaça nas geladas campas,
 Que inda podem resurgir da morte !

Mas eu que te amo, que te adoro —santa,
 Quebro hoje a taça qual poeta a lyra :
 E torno ao mundo, só de pluma amada,
 Não... não te quero conduzir á pyra,
 E tu que do homem as idéas sondas,
 Bem sabes, santa, que não mais te quero;
 Mas, si do mundo naufragar nas ondas,
 Oh ! A ti volto com amor sincero.

INFELICIDADE DE UM AGRICULTOR

Não quero fazer planta
 Que a sorte vem contra mim
 Planto cana, nasce alpista,
 Planto arroz, nasce capim.

Plantei mandioca branquinha
 Na terra de uns canteiros
 A raiz era uns cabellos
 Da grossura de uma linha
 Mil covas não deu farinha
 Que desse para mim uma janta
 Toda a goma de uma *arranca*

Não deu uma tapioca,
Como vou nessa derrota
Não quero mais fazer planta.

Usei de plantar café,
Quando nasceu foi andú,
Botou fructa de jacú,
E semente de inharé.
Sei que a sorte não me quer,
Por essa maneira assim,
Eu plantei um gergelim,
Deu um puro carrapicho,
Isto é por um capricho
Que a sorte vem contra mim.

Usei logo em plantar fumo
Metti a enchada no chão,
Veio um malvado pulgão
Que de tudo levou rumo.
Aproveitei foi *consumo*
Pois lá em casa todos *ricam*,
Botei mel de canafistula
Para não perder o trabalho,
Tudo virou foi *pacalho*,
Planto canna, nasce alpista.

Usei de plantar *gerimun*
E nasceu foi melancia,
E fez uma tal *rodia*
Que uma fructa não se acha.
A roça virou um pasta
Que parecia um jardim.
Sei que a terra não é ruim,
Que eu não planto em capoeira.
Tudo virou tamboeira,
Planto arroz, nasce capim.

O DINHEIRO

(Parahyba)

Senhores me *dê* licença -
 Qu'eu agora vou *contá*
 O dinheiro quanto é bom,
 Quanto tem e quanto há,
 Quanto pesa e quanto mede,
 Quanto deu e quanto dá.

Doutô quando vê dinheiro
 Se mette em qualquer questão,
 Inda um filho matando um pai
 Elle diz que tem razão ;
 Por estas e outras cousas
 Traz o dinheiro na *mão*.

Eu estava no sertão,
 Me botei p'ra *capitá*.
 Dê licença senhor bispo,
 Eu não vim lhe *visitá*,
 Quero casar c'uma mana,
 Bem me pode *dispensá*.

O bispo coçou a barba,
 Passeou p'ra lá p'ra cá,
 Perguntou se traz dinheiro
 Para poder *dispensá*.
 Escreveu pr'a freguesia
 Mandando o padre casá.

O INVERNO

(Parahyba)

Quando para o mez de festa
 Para a entrada de Janeiro
 O poyo pega a escutar
 Quem ouve o trovão primeiro.

Ah cresce o nevoeiro
 E na força da lua
 O inverno continua
 Molhando o taboleiro.
 Traz agua aos balseiros,
 Riachos e rios
 Vão desembocando
 E as aguas *fastando*
 Toma logo os baixios.

Não ha vida tão contente
 Cuma a nossa do sertão
 Quando o anno é bom de inverno,
 Que no ceu ronca o trovão.

Ah os astros *troveja*
 Escurece o nascente
 Retumba o poente
 E as aguas *alveja*
 E' justo que veja
 Zoar a solidão
 Abre e fecha o *relampo*
 Estremece o campo
 E corre a *relação*.

O QUEBRA-KILO

(Poesia de um desconhecido cearense chamado Barroso, a proposito da revolta dos "Quebra-Kilos" da Parahyba).

Sou quebra-kilo encolletado em couro,
 Por vil desdouro se me trouxe aqui,
 A bofetada se minha face mancha,
 A corda e a prancha me affiigir senti.

Nas cans modestas a tesoura cega,
 Da minha enxerga só me resta o pó;
 De esposa e filha violentam pudes
 As sãs virtudes, seu thesouro só.

E' do quebra-kilo deshonorado e louco,
 E' tudo pouco quanta infamia faz;
 Si aqui contempla da familia o roubo,
 Alli n'um arroubo a flagellarem mais.

Tyrannos vede que miseria tanta,
 Nem os quebranta meu pungir, meus ais.
 Martyrio, ultrage de negror fazei-me,
 Porem dizeti-me se tambem sois pais?

O CAVACO

(Crato—Ceará)

Um cavaco como eu dei
 Não cuidei que tal houvesse,
 Todos os paus da catanga
 Um tal cavaco não desse.

Nem pau d'arco, nem batinga,
Nem louro, nem gameleiro,
Nem cedro, nem cajueiro,
Nem cipó parabatinga,
Nem pau secco da catinga,
Tal cavaco não criou,
Mas, só por causa de amô
Desprezei meu coração,
Estes paus todos não dão,
Um cavaco como eu dou.

Nem, imbu, nem imburana,
Nem ingá, nem ingaúba,
Oiticica ou tatajuba,
Trapiá e cajarana.
Eu bem sei que o páu corana,
Para mim se inclinou,
E soffro todo rigor,
Contra minha sorte raia,
Nem a propria sapucaya,
Dá cavaco como eu dou.

E nem nas matas do sul,
Tupy, serem, muricy,
Burrarema e pundurú,
Amarello e pau brasi,
Nem pinho, nem calumbi,
Nem Frei Jorge e nem tambor,
Madeira superior,
Marmota e coração,
Estes paus todos não dão,
Um cavaco como eu dou.

Nem bom tom e nem bamborra,
Lá nas mattas do Sopê,
Nem mascatte e mamucabo,

Nem angico e nem soê,
 Lá nas mattas do Coité,
 Piaba e roncadôr,
 Pela bocca linda flor,
 Estes teus bens me darão,
 Estes paus todos não dão,
 Um cavaco como eu dou.

A UM SOFFREU*

(Crato—Ceará.)

Para que cantas ? soffreu,
 Nesse cantar de requinte,
 Não queiras fazer acinte
 A um triste como eu sou.
 Não andes longe dos teus,
 Longe de mim cante embora,
 Aqui não cantes agora,
 Não me convem mais chorar,
 Teu canto não me alivia
 Aqui não queiras cantar.

Passarinho, toma espanto,
 Longe vae formar teu canto,
 Que vou formar o meu choro,
 Vou alimentar meus prantos.
 Tu feliz cantas, eu choro,
 Andas alegre e eu triste,
 Entre flores tu assiste
 E eu não vejo a quem adoro.

* Ave do Ceará.

Suspende o canto sonoro,
 Prende a voz desta garganta,
 Prende a voz com que levanta
 Esta musica serena ;
 Sé me vês chorar de pena
 Passarinho pr'a que canta?...

O BARALHO

(Ceará)

Quando eu pego no baralho,
 Em cartas que eu não conheça
 Vou dizendo pelo nome
 Pelo tino da cabeça.

Quando eu pego nos dois,
 Só me lembro é de casar,
 O casar é muito bom,
 O duro é sustentar.

Quando eu pego nos trez,
 Me lembro da caridade,
 Me lembro das tres pessôas,
 Da santissima Trindade.

Quando eu pego nos quatro
 Me lembro é de rezar,
 Tenho pena de morrer,
 Sem teus carinhos lograr.

Quando pego nos cinco
 Me lembro da santa cruz,

Me lembro das cinco chagas
Que fiseram em meu Jesus.

Quando eu pego nos seis
Só me lembro é de morrer,
Que ali á tardizinha
O sol se põe pr'a nascer.

Quando eu pego nos sete
Fico logo desgotoso,
Que é ditado dos mais velhos
Ser conta de mentiroso.

Quando eu pego nos oito
Só me lembro das oitavas,
Dos dias santos de festa,
Dos dias em que eu vadiava.

Quando eu pego nos nove
Me lembro é das novenas.
Das noites que eu namorava
Com as lindas moças morenas

Quando eu pégo nos dez
Me lembro dos Mandamentos,
O preceito mais suave
E' cumprir meus juramentos.

Acabemos as cartas brancas
Nos passemos pr'a figuras
N'este mundo tudo passa
Pois, a sorte é mal segura,

Quando eu pego na dama
Só me lembro da mulher

A mulher é *bicho bom*
Mas amarga como fél.

Quando eu pégo no valete
Só me lembro do vaqueiro:
Correndo quebra o pescoço
Nem garrote, nem dinheiro.

Quando Deus creou seo mundo
Tambem creou seu thesouro,
Az de páo e o az de espadas,
Az de copa e o az de ouro

Quando pégo em rei de ouro
Só me lembro da riqueza.
Todo mundo nasceu rico
Só eu nasci na pobreza.

Quando pego em rei d'espada
Me lembro do imperador,
O imperador é bom homem
E sustenta o seu valor.

Quando eu pégo em rei de copas
Só me lembro é de beber ;
Bebo o copo até o meio,
O resto dou a você.

Quando eu pego em rei de páos
Me lembro do carapina,
Que trabalha o dia inteiro
Pr'a cumprir a sua sina.

Acabemos com as figuras
Fazendo ponto nos azes.
Pucha trinta e um de mão,
Que é a morte dos rapazes!

SÓ VOGA QUEM TEM DINHEIRO

(Parahyba)

Nesta vida transitoria,
 A base mais principal
 E' ter o seu capital,
 E tudo o mais é historia,
 Ha no tribunal da gloria,
 Regula Deus verdadeiro;
 Porem cá no mundo inteiro,
 Em quanto a mim me parece,
 Que quem não tem não merece,
 Só voga quem tem dinheiro.

Neste mundo vaidoso,
 Quem é rico é mais que tudo:
 Passa logo por sizudo,
 Inda sendo mintiroso,
 E' tido por generoso,
 Talvez sendo um caloteiro,
 Inda sendo aventureiro;
 Porem como tem moéda,
 Todo defeito se arreda...
 Só voga quem tem dinheiro.

Um homem pobre e de bem,
 Fiel que falle a verdade,
 Na melhor sociedade,
 Não falla nelle ninguem;
 E quando a fallar se vem,
 E' por modo passageiro,
 Figurando um jornalheiro,
 Trabalhador e de fé;
 Fora disto nada é,
 Só voga quem tem dinheiro,

Um pobre tenha razão,
Com o rico pegue em luta,
Sem dinheiro nada avulta,
E no fim perde a questão.
Paga as custas, perde a acção,
Isto num tempo ligeiro
Pois basta ter o ponteiro
De só viver em pobreza,
Para não achar deffeza...
Só voga quem tem dinheiro.

Dinheiro em grande porção,
Dá honra e capacidade,
Dá respeito e qualidade,
A quem é quasi carvão;
Dá aos homens posição
De chegar a brigadeiro,
Faz-se tornar *marinheiro*,
O pardo que é um ricasso:
Com côr ninguem se embaraça,
Só voga quem tem dinheiro.

Um branco fino da côr,
Pobrisinho como Jó,
E' ninguem, é nada, é pó,
Para o rico é sem vigor,
Não pode gosar yalor,
Neste mundo feiticeiro;
Não passa d'um bagageiro
Ganhador de seu vintem,
Nada é porque não tem...
So voga quem tem dinheiro.

Eu tenho visto pessôa,
Typo tão abborrecido,

Que não tendo possuido,
Andava no mundo atôa;
Como tem é cousa bôa,
E se hé um rapaz solteiro,
Anda engommado, no cheiro,
Já muita moça se inflúe,
Casa bem porque possue...
Só voga quem tem dinheiro.

Viuvo velho e feião,
Carregado de familia,
Tendo bem fasenda, brilha
Em toda e qualquer acção :
Para as moças tem razão,
Logo é tido por faceiro,
E o pai, muito interesseiro,
Dá sua filha donzella,
P'ra elle casar com ella...
Só voga quem tem dinheiro.

Em qualquer reunião,
De pagode e brincadeira,
Quem não tiver na algibeira,
Ninguem lhe dá attenção,
E a quem tem se dá a mão,
Se diz : — entre, companheiro,
Venha cá, bêba primeiro,
Pois aqui nada lhe falta ;
E da-se viva em vós alta...
Só voga quem tem dinheiro.

As vezes tem pela porta
Um pobresinho encostado,
Mais de ninguem é lembrado,
A sua presença é morta,
A sua experiencia é torta,

Para o povo pagodeiro,
E se bebe é o derradeiro,
Se por acciso, dão fé,
Do pobre que está em pé...
Só voga quem tem dinheiro.

Quem é branco e figurado,
Tendo cobre e formosura,
Tem sorte dita e ventura,
Neste mundo é adorado ;
De tudo nasceu dotado,
Da fortuna foi herdeiro...
Morrerá no cativeiro,
A vil pobreza infeliz,
Porque em qualquer paiz,
Só voga quem tem dinheiro.

Para um homem proletario
Ai, nenhum prazer existe:
Vive isolado, de triste,
Tudo lhe é bem necessario,
Serve a um millionario,
Como escravo ou cosinheiro ;
Algum que chega a caixeiro,
Fica em melhor condição.
Só por—isso posição,
Só voga quem tem dinheiro.

Dinheiro dá galardão,
Dá prazer e dá virtude.
Finalmente muito illude,
A todo e qualquer christão
Coberto de precisão:
Faz trabalhar o ferreiro,
Na colher luta o pedreiro,
Trabalhando p'ra ganhar,

Para ter com que gastar...
Só voga quem tem dinheiro.

O filho do rico aprende,
P'ra ser Doutor ou vigario,
Ou ser chefe mandatario,
A quem homenagem rende.
O filho do pobre entende,
Que deve ser Sapateiro,
Algun dá p'ra marceneiro,
Porque não pode estudar.
E' pobre, vai trabalhar...
Só voga quem tem dinheiro.

Quantos rapazes activos,
Que estudando aprenderiam,
Como não podem se criam,
Da ignorancia captivos!
São gente porque são vivos,
Vivem ahi de balseiro,
Cobertos de desespero,
Soffrendo flagello e lida,
Porque nesta infame vida,
So voga quem tem dinheiro.

GUERRA DO PARAGUAY

Minha mãe, não chore tanto,
E se deve *consolá*,
Qu'a minha sorte foi esta
De morrer no *Paraguá*.

As mães choram por seus filhos,
As *mulher* por seus maridos,

As donzellas por seus manos,
As damas por seus queridos.

M'encommende a S. Antonio
Meu pai o faça a Jesus,
Se eu morrer no Paraguá,
Não me falte a S. Luz.

LUIZ DO RÊGO

Luiz do Rêgo foi-se embora,
Não disse adeus a ninguem ;
Corcundas estão dizendo :
Luiz do Rego logo vem.

Luiz do Rêgo foi guerreiro,
Soube muito pelejar ;
No corredor de Goyanna
Elle veiu a se entregar.

Luiz do Rêgo foi guerreiro,
Sete batalhas venceu,
A oitava lá em Goyanna,
Sem forças esmoreceu.

NÃO É DEFEITO BEBER

(Parahyba)

Hoje o beber é um uzo
Em todo e qualquer districto,
Em quanto a tomar esprito
Bem poucos terão abuso ;
Eu do copo bem me accuso,

Só deixo quando morrer.
Não censurem o meu dizer.
Nem me digam que isto é falta :
Vem-nos da gente mais alta.
Não é deffeito o beber.

De primeiro, só bebia
O negro, o cabra, o mulato.
Hoje, pelo grande trato,
Bebem quasi todo dia.
Homem de alta senhoria,
Tenho visto succeder,
Na rua tombar, pender,
Dando passos recortados ;
E se está nos illustrados...
Não é deffeito o beber.

O beber fôra deffeito
Se só o *baixo* bebesse,
E nem nunca succedesse
Vêr-se tonto *um* de respeito;
Tudo fosse d'este geito,
Ninguem devia querer
Na lista ter seu prazer
Quando a occasião chegasse...
Se vem da primeira classe,
Não é deffeito o beber.

O beber já foi deffeito
Nas tabernas do passado,
Hoje não : anda molhado
Mesmo um juiz de Direito ;
Eu conheço algum sugeito
Que para ninguem saber,
Bebe depois do comer ;
Na rua, em copo não péga

Porem em casa *chumbrega*...
Não é defeito o beber.

Para quem bebe aguardente,
Se mette num grande porre,
Dá, apanha, mata ou morre...
O beber não é descents ;
Porem dando p'ra contente,
Ou mesmo p'ra intristecer,
Podendo a canna fazer
Tornar-se franco um *sovino*,
Direi sempre que combino :
Não é defeito o beber.

Se o beber anda espalhado
Onde ha honras e aparato,
Athé em candidato ;
Se bebe o Juiz de facto,
Seu major e o Delegado,
Não mais seja ignorado
O pobre tambem querer
Nesse meio se mexer ;
Visto que o vicio tem palma
Para quem bebe com calma,
Não é defeito o beber.

Bebe o chefe de policia,
Particular, escondido,
Algum padre por sabido
Bebe occulto a tal patricia.
Tambem já tive noticia,
Ou, por outra, ouvi dizer
(Foi tanto, que pude crer
Um dito de certa gente)
Que bebe algum presidente.
Não é defeito o beber.

No sitio bebe o major,
Bebe em casa o coronel,
Sargento e furriel
Bebem no Estado-maior;
Quem quizer beber, melhor
Vá na venda e mande encher,
Tome o que lhe parecer
Até matar o desejo;
Segundo o gosto que vejo,
Não é defeito o beber.

Bebem os homens de estudo,
Bebe o branco, rico e nobre,
Bebe o negro, o cabra e o pobre,
Bebe o cego, o mouco, e o mudo,
Os musicos bebem tudo,
Sem em si nada temer :
De modo que pode haver
Alguem que não tenha falta :
Tudo sae nas notas...
Não é defeito o beber.

Bebe o rico na fazenda,
A' sua satisfação :
Escondido do patrão
Bebe o caixeiro na venda.
O artista bebe na tenda
Só para desaparecer
E mesmo afina o saber,
Dá na obra o risco certo :
Bebe p'ra ficar esperto...
Não é defeito o beber.

No centro das capitaes,
Em villas, povoações,
Nas grandes populações,

E' onde se bebe mais.
Se o erro vem-nos de atraz
Tudo se ha de corromper,
Quem quizer reprehender
O mundo todo, em redondo,
Se me fallar eu respondo :
Não é defeito o beber.

No Recife inteiro,
Bebem grandes, bebe a plebe
E disem que mais se bebe
Lá no Rio de Janeiro.
Bebe o nortista, o suleiro,
E o inglez bebe a morrer.
Só Deus poderá conter
A bebedeira do povo
Com outro seculo novo...
Não é defeito o beber.

Eu tenho visto em funcção
Gente beber, que faz pena,
Ficar de vista serena,
Não sei que vendo no chão.
Faça-se uma votação,
Vá-se a todos deffender
Que não ha de apparecer
Quem traga, em favor, seu voto ;
Por isto assim é que eu noto :
Não é defeito o beber.

Da mulher não digo nada :
Mas a melhor creatura
A' noite, muito segura,
Toma bonita copada.
Alguma, por despachada,
Bebe para a gente vêr.

Outras p'ra ninguem saber
 Bebem por detraz da porta
 O Sumo da canna torta...
 Não é defeito o beber.

Houve tempos em que o *esp'rito*
 A muitos trazia tédio ;
 Hoje serve de remédio :
 Nos livros está escripto.
 Um pobre que fica afflicto,
 D'um barulho succeder,
 De medo põe-se a tremer,
 Suspira e muita vez chora ;
 E toma um trago, e melhora...
 Não é defeito o beber.

Quando acham tempo vago,
 As praças que vão p'ra guarda,
 Levam no bolço da farda
Ella para tomar um trago.
 Diz-se: eu compro, bebo e pago
 Porque não quero dever.
 E quem não pode soffrer
 O frio que lhe atormenta,
 Bebe p'ra ver si se esquentá...
 Não é defeito o beber.

Emfim, senhores, não nego,
 Fallo sem ter medo algum,
 Pois sempre pelo commum,
 Gosto de tomar meu *prégo*,
 Neste *destino* me rego,
 Prompto a não me arrepender,
 Quem duvidar venha ver :
Ella com mel ou imbira
 Faz milagre, que admira...
 Não é defeito o beber.

Cabra, negro como eu sou
 Se vae matar o seu fado,
 Encontra o copo molhado,
 Do grande e bom, que bebeu :
 Este caso ja se deu
 E inda pode acontecer.
 O que eu queria saber
 E' se o Papa tambem toma ;
 Porque por fora de Roma,
 Não é defeito o beber.

Eu conheço camarada
 Que não gostando da branca,
 O bilcão alheio espanca
 Fallando em barriga enchada,
 Alguem *chupa* bem guardada,
 Goza só esse prazer
 Mas assim não quero ser :
 Se bebo é publicamente,
 Porque hoje em toda gente,
 Não é defeito o beber.

Em todo mundo eu falei,
 E esqueci-me do cigano,
 Que bebe la de anno em anno.
 Como agora me lembrei.
 E ja que nell: toquei,
 Acho bom esclarecer :
 Não tendo aonde viver,
 Passa na sua andarella
 E diz quando toma *ella*:
 Não é defeito o beber.

O tapuio é o que se eleva.
 Mas, só não bebe tambem,
 Porgue na rua não vem

E na aldeia ninguem leva
A *branca*, que muda em treva
O melhor amanhecer.
Mas, se elle podesse descer
A' rua, tambem bebia ;
Depois, *no bicho*, dizia
Não é defeito o beber.

Eu sei que muitos doutores,
Alferes e Capitães,
Costumam fazer manhãs,
No seu logar de senhores ;
Bebem muitos senadores,
Mas por causa do poder,
Que a todos bem faz temer :
Tomam seu trago escondidos,
E escutam muitos ouvidos :
Não é defeito o beber.

De gente ha uma nação,
Que o tal vicio aborreceu :
Só o cabra que morreu...
Este sim, não bebe, não.
Senhores, esta razão
E' facil de se entender...
E mesmo não pode ser
Um defuncto andar bebendo,
E andar no mundo dizendo :
Não é defeito o beber.

Quem quizer tomar cautela,
Da aguardente corra, fuja.
Eu só empino a coruja
Porque gosto muito d'ella ;
Dezejo vê-la na guela,
De instante a instante, a correr,

Succeda o que succeder.
 Se Deus me deu esta sorte,
 Só deixo a droga por morte...
 Não é defeito o beber.

DECIMA

(Ceará — Crato)

De que me serve, Josina,
 Ser da Marinha empregado :
 Si tudo em mim é ruina,
 Vivo pobre e desgraçado !

Muita gente, hoje, illudida
 Trago com meu proceder,
 Porque quero parecer,
 Morgado de alta guarida.
 Mas si tu visses a ferida,
 Que tanto me contamina,
 Porias em cada esquina,
 Uma carta de meu viver.
 Que em isto tu dizer :
 De que me serve Josina.

Pelas ruas da cidade,
 Tu me vês muito gamenho,
 Qual rico Senhor de Engenho ;
 Ostentando a probidade ;
 Porem, falando verdade,
 Não passo de um desgraçado,
 Que, por decencia obrigado,
 Da fraqueza faço foiçã,
 Mostrando, em tamanha côrça
 Ser da marinha empregado.

Bem mobiliado aposento,
Aonde a muza consulto,
Isto mesmo não te occulto,
Nada mais tambem augmento.
Macia cama de vento,
Colchão de palha bem fina...
Ah! se tu viras, Josina,
Compaixão de mim terias,
E mulher conhecerias
Se tudo em mim é ruina

Com razão, hoje, eu te digo,
Sem mesmo mudar de côr,
Que não sou possuidor
De dois vintens, por castigo,
Não temo nenhum perigo
Em razão de meu estado.
Inda que eu seja notado,
Só por usar de franqueza,
Tu és, Josina, a nobreza...
Vivo pobre e desgraçado.

DECIMA

(Crato—Ceará)

Inda depois de enterrado,
Debaixo do frio chão
Verás teu nome gravado
No meu terno coração.

Quando a parca traiçoeira
Contra mim mover seus passos,
Soltando os terríveis braços,

Tirar minha triste vida ;
Quando á tumba denegrada
A mim tiver encerrado ;
Quando meu corpo levado
For á fria sepultura,
Acharás minha fé pura
Inda depois de enterrado.

Meu amor, quando tu fores
A fria terra habitar,
Busca sem susto o lugar
Onde meu corpo jazer ;
Entra logo, sem temer,
Na fatal escuridão,
E com tua propria mão,
Arrojando a pedra dura,
Meu esqueleto procura
Debaixo do frio chão.

Olha, meu bem, tú não fiques
Com teu juizo turvado,
Quando vires carcomidos,
Meus ossos esbranquiçados.
Na caverna d'essa treva,
Meu peito descobrirás,
E este coração verás...
E dentro, d'essa caverna,
Alma do ceu, bôa e terna,
Verás teu nome gravado.

Verás teu nome gravado,
Nò mortal peito inculpido,
E depois de teres lido
Torna o sepulchro fechar.
Deixa meus ossos ficarem
Nessa fria habitação...

Não lances suspiros, não ;
 Que a morte gera outro fado...
 Deixa teu nome gravado
No meu terno coração.

DECIMA

(Ceará—Crato).

MOTTE

Já se quebraram os laços
 Em que preso me tiveste,
 Já tomaste outros amores,
 Foi favor que me fizeste.

Prasa o Céu, seja forçoso,
 Quebrar a prisão de amor
 Onde com fatal rigor
 Me prendeu o deus vendado.
 E viverei descansado,
 Pois tudo fiz em pedaços.
 Agora darei mil passos
 P'ra allivio do coração,
 Porque d'antiga prisão
 Já se quebraram os laços.

Já vivo com liberdade,
 Já descanso com socêgo,
 Pois com grande desapêgo,
 Larguei a tua amizade:
 Obrei esta crueldade
 Foi pelo que me fizeste,
 E como assim o quizeste,

Tudo mais fiz de repente...
Quebrei a grossa corrente
Em que preso me tiveste.

Dize, ingrata, eu não te amei
Com firmeza e lealdade;
Não te fiz toda vontade,
Tudo por ti não obrei?
Dize; féra, eu não jurei
Supportar os teu rigores,
Mil finezas, mil favores
Não te deu meu coração?
Dize-me porque razão
Já tomaste outros amores.

Não me julgues offendido
Desse teu genio tão féro:
Antes assim é que quero
Ser-te mais agradecido.
Rendo graças a Cupido
Pelo praso que me déste
E como assim o quizeste,
Te confesso, na verdade:
Ficarei em liberdade:
Foi favor que me fizeste.

Ô LÊ LÊ VIRA A MOENDA

(Parahyba)

Ô lêlê vira moenda,
Ô lêlê moenda virou,
Quem não tem uma camisa,
P'ra que quer um *palitô*?

O caixeiro bebe na venda,
 O patrão no *Varadou*,
 Eu'stava em Itabaiana,
 Quando a boiada passou,
 Ô lêlê vira moenda,
 Ô lêlê moenda virou.

Eu estava em Bebéribé
 Quando a noticia chegou:
 Mataram Zé Mariano,
 O commercio se fechou.
 Ô lêlê vira moenda,
 Ô lêlê moenda virou.
 E viva Joaquim Nabuco
 Com todo seu pessoal!
 E viva o cordão azul
 E o partido Liberal!

25 DE JUNHO

A's nove horas do dia,
 Tocou rebate no céu
 Ninguem soube o que seria.
 Do sertão de Guajarema
Aonde fica o poente,
 Onde o sol é mais ardente,
 Correu uma *Zelação*
 Trazia como rascunho
 Que ia acabar-se o mundo
 A 25 de Junho.

PAI JOÃO

Deus *primitta* que chegue *sabro*,
 Que meu Senhor vá p'ra feira
 Pra eu ficar com *min* senhora
 Sentadinho de cadeira.

Bravos, sinhá moça,
 Bravos, assim.

Mas João não gosta de negro.
 Deus *primitta* que chegue *romingo*,
 Que meu senhor vá p'ra missa
 P'ra eu ficar com *min* senhora
 Comendo boa linguíça.

Bravos, sinhá moça,
 Bravos, assim.

Mas João não gosta de negro,
 —Ai, se meu senhor morresse,
 Eu tinha muita alegria,
 E casando com *min* senhora,
 Tomava a carta de *forria*.

Bravos, sinhá moça,
 Bravos, assim.

Mas João não gosta de negro,
 —Ai se meu senhor morresse,
 Eu tinha medo duma coisa...
 Que sinhá não me pegasse,
 Botasse á meza do carro,
 E eu grudado c'os fueiros,
 Largava a bocca no mundo:
 Acudam, meus pariceiros!...

A MISSA DE NATAL

(Ceará)

Aprompta-se o povo. N'aldeia
Começa o sino a tocar ;
Grita um menino em peleja :
— O gallo hoje na igreja
Tem *gente* que penicar. (1)

Apromptou a roupa nova,
Mariquinha Quixadá ;
Diz *Rufino Papa-ova*
Morador no Camará :
O gallo, o anno passado,
Penicou tambem per cá.

Por isto não, diz *Joaquina*,
Eu vou contar-te uma historia,
Houve *quem teve* um *penico* :
A *Vicencia* da *Guloria*,
Filha do Pedro Fonseca,
Neta da *chica Zidoria*.

Já vi *baruio* na Igreja
Nesta noite, meu *sinhô*,
Credo em cruz, horrenda coiza,
Foi mesmo um *fórróbódó* ;
Deu um ataque lá nella,
Todo povo se assanhou,
Não éra parenta minha,
Mas tambem me envergonheu.

(1) E' uma troça popular : o gallo penicará a quem for á missa de natal com roupa velha.

Tábem, senhora Foaquimna,
 Que conversa feia é esta ?
 Respeite o dia de hoje,
 Olhe que é noite de festa,
 Fala *Foaninha das Dores*
 Moradora na Floresta

Por causa destas e de outras,
 Aqui, o anno passado,
Houve furdunço bem feio.
Mané foi *escunjurado*
 Pelo *compade vigaro*,
 Que ficou muito zangado,
 Por nós aqui na calçada
 Termos a elle *apolhado*.

Tocava a terceira entrada
 Chamando todo o christão,
 Já se apromptava o vigario
 Para fazer o sermão,
 E entrava o povo vexado
 Fazendo enorme *rojão*.

O padre tinha o rostinho
 De *mocinha apaixonada*;
Azulzinha como anil,
 De navalha bem raspada,
 O sachristão, já com somno,
 Tinha a cara enfarruscada.

Tudo em silencio se achava
 Quando o povo se *assanhou* !
 O que foi ? o *que não foi* ?
 Um rapazóla gritou !

Uma mocinha bem prompta
 Dento da igreja soltou
 Um enorme e feio *berro*
 Que o povo todo assombrou !

Credo em cruz, diz uma velha,
 Que falta de *educação*,
 Logo na hora em que o padre
 Está dizendo o sermão !
 Diz a mocinha, coitada :
Sá dona, não fui eu não.

Tudo em fim diz que não foi,
 Não foi ninguém, foi o cão ;
 E' *possive* que o capêta
 Na hora deste sermão
 Tenha entrado nesta igreja
 P'ra fazer malcreação ?

Dizia a velha damnada
 Porque errou a oração,
 Batendo só com os beiços,
 Rodando contas na mão ;
 Este *berro* tão damnado
 E' de quem comeu *féjão*,
 Repetio a pobre moça :
Sá dona, não fui eu não.

*
 **

Terminou a missa, e o povo
 Em grupo d'alli sahia ;
 Desculpe minha conversa,
 Meu leitor, minha alegria,
 O resto, conto mais tarde,
 Fica p'ra missa do dia.

O CASAMENTO

(Ceará)

Maria, a gentil mulata,
 Filha do João *Catolé*,
 Quer casar, mesmo por força
 Com o *Chico Cassundé* ;
 Mas sua mãe, enraivecida,
 Lhe está cortando a passada,
 Por não ser de opinião
 Que ella case com o rapaz,
 E sim com o José Thomaz,
 Do collecter escrivão.

Um dia se achavam todos
 Reunidos na calçada,
 Quando chegou um creado
 Com uma carta lacrada ;
 De chapéu *agaloado*,
 Sapatos, calça engommada.

E foi dizendo : Aqui trago
 Uma carta ao *seu* Francisco ;
 Dê *licencia* que me assente,
 A vontade, diz *Corisco*,
 Teja a commodo, *Antõe* Pitanga,
 Que aqui não corre risco.

E sentou-se e foi dizendo :
Vosmicé dê-me attenção :
 Leia aqui este *bilte*
 Que trago do « *Gavião* »,
 Mandado por *seu* cadete

Que se acha commandando
Da cavallaria o piquete
Destacado no « *Limão* ».

*
**

O bilhete tinha escripto
Um trecho de apaixonado,
Assignado por X. C.,
Caboco muito afamado ;
Cunhado do Joaquim Leite
E parente do Cadete
Lá no « *Limão* » destacado.

Dizia : « D.^a Maria,
Deus lhe dê muita saúde,
Assim a Roza e a Lusía.
Antes que o tempo se mude,
Quero dizer-lhe uma coisa,
Gente espertã não se illude.

A minha intenção é franca,
Não ha mesmo novidade ;
Me escute, D.^a Maria,
Me ouça por caridade,
Se eu casasse com Maria
Fazia minha f'licidade.

Maria, a gentil morena,
Que é da cor d'açucena
Aberta em manhã de Abril,
E' para mim um futuro,
Futuro certo, seguro,
P'ra mim felicidades mil.

Communiquei-me a seu pai,
O Sr. João *Catolé* ;

Lhe pergunte como vai
 Da feridinha no pé;
 Que me responda *se da-me*
 Em lugar de ao *Cassundé*
 A Maria, minha bella,
 Para ser minha *mulhé*;
 Que elle sabe, não é *d'hoje*
 Que sou *sachristão* da *Sé*,
 Que posso ser o seu genro,
 Salvo se elle não *quize*.

No mais saúde e gordura,
 Seu primo *Mané Ventura* »

Logo a resposta da carta
 Se deu naquelle momento,
 Dando-se a mão de Maria
 Ao Ventura em casamento.

Estava presente o *Zé*,
 Parente do *Cassundé*,
 Com quem ella ia casar:
 Botou o chapeo na cabeça,
 Montou a cavallo a preça
 E ao *Cassundé* foi contar!

Contar o que se passou
 A respeito do pedido
 De Maria em casamento,
 Por um homem tão perdido.

E contou-lhe toda a historia
 Da carta e do portador,
 Dizendo: não s'encomode,
Cassundé, você *p'ró móde*
 Que não é *namoradou*;

Não falta *mulhé* no mundo
 Que não queira teu *amou* ;
 Devemos fazer agora
 E' dar de *xiqueradou*
 Uma surra no *cadete*,
 P'ra não ser *alcutitete*,
 Para não ser tão *traidou* !

Diz então o *Cassundé*,
 Coitado, quasi chorando :
 Ai, *Maria Catolé*,
 Eu morro sempre te amando,
 Nos beijos d'aquella noite
 Eu vivo sempre pensando.

O consolo que me resta
 Da grande separação,
 E' que tu casas com elle,
 Mas é meu teu coração.

A YARA

Lenda Amazonense

(TELLES DE SOUZA)

Era na taba dos Manaus, outr'ora,
 Num recanto de virgem Natureza,
 Onde risonha se levanta, agora,
 Do Rio Negro a próspera princeza !

E o filho do *tucháua* preparára
 O necessario p'ra sahir á pesca ;

— Cantava, além, *fatidica Cauan*...
 E depois dirigiu-se numa ygára
 Ao pequeno regato que refresca
 A ponta do Taruman.

E'ra da tribu o moço mais formoso !
 Agil, robusto e forte e destemido,
 Assim tão destemido e valoroso,
 Ainda outro não tinha apparecido.

Quem, da floresta virgem no regaço,
 A zarbatana destro manejava,
 Cuja flecha, certa, não errava
 O *aracuan* atravessando o espaço !

Quem o tacápe com valor brandia
 Da guerra nos embates,
 Era o moço tapuio ! a quem cabia
 A palma dos combates !

Era o orgulho da taba dos Manaus !
 E do velho *tucháua* o successor,
 Que dos Mundurucús féros e maus
 Fôra sempre o terror !

E o filho do *tucháua* preparára
 O necessario p'ra sahir á pesca !
 Cantava, além, *fatidica cauán*...
 E depois dirigiu-se numa ygára
 Ao pequeno regato que refresca
 A ponta do Taruman.

Tarde estival : o Sol já descambava
 Por detraz da collina,
 Onde a sombra da matta esmeraldina
 Então se projectava.

Morbida luz, beijando a ribanceira,
 Ia se reflectir, tristonha e flava
 Do Rio Negro na ebanina esteira.

O céu ermo de nuvens; no horisonte
 Distendia-se esplendido arrebol;
 A noite—perto! e por detraz do monte,
 Pallido e triste, se occultava o Sol.

Em tudo inteira calma!

—O dia agonisava...

Do burity na verdejante palma
 Dolentemente o noitibó gemia...
 Trescalando á baunilha perpassava
 Uma brisa macia.
 Era já noite estrellejada e clara,
 Inda a pequena ygára,
 A' flor das aguas, celere corria.

E o noitibó cantara

Do burity na palma verdejante...
 Mas triste como o canto da *humára*,
 Tal do joven tapuio era o semblante!

Bem tarde elle chegou! apprehensivo...
 Sua ygára prendeu á *mamaurana*,
 E depois, taciturno e pensativo,
 Foi sentar-se á soleira da cabana.

E sua velha mãe estremecida,
 Silenciosamente alli chorava,
 Ao ver essa tristeza indefinida
 Que o semblante do filho annuviava!

«Mãe, disse o moço, eu sei que não dás geito,
 Mas só a ti eu poderei dizer

O que me vae pelo intimo do peito,
O que me faz soffrer :

Era uma moça tão linda...
Como aqui não vi ainda
Entre as filhas dos **Manaus!**
Começava a noite clara,
E eu só na minha ygára
Sem temer os genios máus...

E a minha ygára vogava,
Levemente deslizava...
— Cantava, além, a *cauan*.,
Doce briza me acompanha
Té ao regato que banha
A ponta do Taruman.

Eis, da noite no arrepio,
Sahiu da margem do rio
Um canto fascinador!
Mudo e quedo eu escutava
Aquella voz que cantava
Como quem soffre de amor.

Doce cantar que quebranta !
Tão mavioso não canta
Nas mattas o yrapurú...
Depois o canto se alava
Co' a briza que sussurrava
Nas frondes do condurú.

Eu a vi... era tão bella
Aquella mulher... aquella
Encantadora visão!
Desde allí perdi a calma :

Por ella pulsa minh'alma,
Palpita meu coração!

Eu a vi... nessa paragem
Tão alva... sentada á margem,
Tão alva *Facy* não é!
Trazia ao loiro cabello
Espesso, ondulante e bello,
As flores do mururé.

Seus olhos azues me viram,
Seus labios meigos sorriram...
Mais linda então se mostrou!
Depois estendeu-me o braço...
E, das aguas no regaço,
Num momento se occultou!...»

—«Ai! não sabes, meu filho que me assustas!»
Disse a velha tapuia suspirando,
E pelas faces adustas
Vae o pranto deslizando...

«Não sabes, filho, o que viste!
—E' causa deste meu pranto:
Quem a vê jamais resiste...
Foge, foge ao seu encanto!
Não me causes tanta magua,
Quem a vê jamais resiste,
Filho, a mulher que tu viste
E' a yára... é a mãe d'agua!

Os conselhos maternas
Não esqueças amanha...
Não voltes, não voltes mais
A' ponta do Taruman!»

Assim a velha indiana
 Ao filho aconselhára, apprehensiva !
 E, sentada á soleira da cabana,
 Elle inclinou a fronte pensativa !

Mas, no dia seguinte, elle voltára
 Quando o sol na floresta s'escondia...
 Do Rio Negro, a pequena ygara
 A' flor das aguas, célere corria...

E, além na matta cantava;
 Dolentemente a *cauan*;
 Ia o Sol, depois voltava,
 Mas elle não voltou mais
 Da ponta do Taruman !
 Dos conselhos maternas
 Fôra esquecido, porém :
 Por isto que não voltou...
 E o que por lá se passou
 Ninguém o sabe, ninguém !

Somente os pescadores sem receio,
 Que por alli passavam,
 Quando a noite ia em meio,
 Perto do igarapé que murmurava
 Nas sombras semi-oculto,
 Lá ao longe, na margem, vislumbravam
 De mulher claro vulto que cantava...

E de um homem tambem um outro vulto,
Mas se, ás vezes, d'alli se approximavam.
Os dcis vultos nas aguas se occultavam...

NOTAS

ARACUAN: — ave da especie do jacú e tamanho de uma franga. Sua carne é alvissima e mais saborosa que a da gallinha.

HIUMARA: — ave nocturna; seu canto se assemelha ao som da chita quando a rasgam; os aborigenes a tinham como fadida.

MURURE: — golfão branco (*nymphœa alba*).

MAMAURANA: — é uma arvore que cresce á margem dos rios; dá uma flôr encarnada e branca, seu fructo se assemelha ao do copoassú.

E' a *carolinea princeps*.

ZARABATANA: — é uma arma terrivel e certa de que se servem os indios; no tubo introduzem uma setta de *paxiuba* hervada a que chamam — *uamiri* e na extremidade inferior da mesma enrolam um pouco de *sumauma*: especie de algodão que dá a *sumaumeira*.

YARA: — Mãe d'agua.

YAPURÚ: — Ave canora da Amazonia, que anda sempre acompanhada de um cortejo de outras aves.

A CAIPORA

(Ceará)

Maria, hontem na matta
 Grande *sobroço* (1) senti;
 Escuta, quero contar te
 Em que camisas me vi:
 Fiquei sem fala, e já tonto,
 Dentro da matta cahi.

Eu cortava, minha velha,
 De lenha este bom feixinho,
 Quando eu vi sahir da matta
 Um medonho *caboquinho*,
 Com um cachimbo no queixo,
 Montado n'um *porco-espinho*.

Medonha coiza! — o que disse!
 Credo em cruz; será o cão?
 Mas isto que elle não visse
 Nem bater-me o coração.
 M'encolhi o mais que pude,
 M'estirando pelo chão.

Mais, ai Maria, a *pantasma* (2)
 Veio bater no meu rumo,
 Rindo-se muito e dizendo:
 Dá-me uma *peia* (3) de fumo.
 E co'uma faca afiada
 Batendo em mim com seu *gumo* (4).

-
- (1) Medo, pavor.
 (2) phantasma.
 (3) pelle.
 (4) gúme.

Bati a mão no *bisaco* (1)
 E logo o fumo lhe dei,
 Mais com *sobroço* tamanho,
 Mas não sei como fiquei...
Dahi saíu gallopando,
 Gritando como não sei!

Marido, pela *convessa* (2)
 Do padre lá da *Fulôra*, (3)
 Já descobri o que é,
 O que é a sua *historia*;
 Um máo agoiro da matta,
 E' a tal de *Caipora*.

SAMBA

(Ceará).

Amanhecia. A viôla
 Gemia boa e saudosa,
 Tocada pelo pachôla
 Manoel José de Souza,
 Irmão de *Joaquim Pitanga*
 E neto da *Chica Rosa*.

Principiava a folia
 Na mais forte animação,
 Uma voz bella se ouvia
 Pelo meio do baião,
 Cantando saudosamente
 As cantigas do sertão,

(1) O mesmo que embornal.

(2) Conversa.

(3) Flora, freguezia do Ceará.

E dizendo estes versinhos
Nascidos do coração :

« Sou morena cor de jambo,
Chiquinho, disse você,
E certo é que fica bambo
Todo moço que me vê.

A's vezes, quando começo
A cantar minhas cantigas,
Ficam logo pelo avesso
As outras mais raparigas.

E quando saio a passeio
Que me requebro no andar,
O povo sae em recreio
Somente para me olhar!

Então eu sinto no seio
Um calor me abrasar,
Suspiro e tenho receio
Quase de amor á chorar. »

*
* *

Já eram quase dez horas
Dessa saudosa noitinha,
Quando chega *Itapirema*
Montado n'uma burrinha;
Agricultor abastado,
Residente na Serrinha.

E foi dizendo: Boa noite
Meninos, boas meninas;
Mariquinhas está bonita
Cumo a fulô das boninas.

Diz então João *Pindoba*
 Um pouco *gago e fanhoso* :
E.. se... ape-pe-e Tapirema,
Num-tenha ne-nhum sobroço ;
Chegou,-gou tarde p'ra jan-ta,
Mais in-da se roe um osso.

Agora sim, eu me apeio,
 João *Pindoba* já *mandou*,
 Mais in-da falta *esperá*
 Pelo Pedro *Avoador*,
 Residente no Machado,
 Affamado cantador ;
 Guarde p'ra ahi minha peia,
 Cabresto e *xiqueradou*, (1)
 Em quanto eu bebo a saude
 De quem hoje se csaou !

Salta então atrapalhado
 O *Surumenha* feitor
 De Itapirema abastado
 Na Serrinha agricultor,
 Dizendo para o patrão,
 Quando a guella molhou,
 Esta bôa *mandureba* (2)
E' da que nós fabricou !

II

Dava uma hora e assim
 Cada vez mais o rojão :
 Foi o tempo que chegou
 A tropa do Batalhão,

(1) Chicote de almocreve.

(2). Aguardente (vocabulo chulo do Ceará).

Exigindo por escripto
Licença do capitão,
Delegado de Policia,
Morador no Gavião.

Não havendo tal licença
Para o povo sambiar,
O sargento commandante
Mandou todos amarrar.
Choveu pedra, e muito páu
Na tropa do Batalhão :
Que sorte, que triste sina,
Foi tudo fazer *fachina*
Na casa da correcção.

JOGO DOS BICHOS

(Ceará)

(CHULA DO RAMOS PINTOR)

Eu sou o banqueiro
Aperfeiçoado
E o primeiro
Que paga dobrado:
O coito é franco,
Acceito o *boró* (*),
Pago as *boxexas*
E ninguem tenha dó!

Macaco, porco, jacaré, cavallo,
Agua, cachorro, camarão, perú,
Bode, cabrito, periquito, gallo,
Touro, elephante, jaçanan, tatu.

(*) Denominação dada pelo povo á *moeda* divisionaria emit-tida por algumas Camaras Municipaes do E. do Ceará (em 1899).

Eu sou banqueiro etc.

Veado, cabra, cangaty, rapôsa,
Pavão, marreca, guaxinim, cery,
Burro, piolho, pulga, mariposa,
Lebre, gallinha, pato, patory.

Eu sou banqueiro etc.

Carneiro, mosca, jaburú, potó,
Hyena, tigre, tubarão, muqui,
Jumento, urso, papagaio, socó,
Perdiz, canario, sabiá, nambú.

Eu sou banqueiro etc.

Guariba, gato, mocuim, pium,
Mosquito, lesma, borboleta, bôto,
Cará, piaba, guargarú, mutum,
Curuja, cobra, gia, gafanhoto,

Eu sou banqueiro etc.

Furão, aranha, canguçu, lagarta,
Mutuca, vibora, imbuá, leão,
Girafa, espada, fapacú, barata,
Tainha, ostra, cicié, cação.

Eu sou banqueiro etc.

Camello, zebra, dromedario, vacca,
Mocó, cassaco, guaiamum, caçote,
Cará, traira, zabelê, taçaca,
Peitica, cysne, cururú, capote.

Eu sou banqueiro etc.

Piau, calangro, verdelim, curica,
 Pitú, giboia, avestruz, capão,
 Coelho, grillo, rouxinól, furrica,
 Guará, jandaia, beija-flor, carão !...

MEUS POSSUIDOS

(Ceará)

Agora vou lhes contar
 Os possuidos que eu tinha:
 Uma vacca, uma bizerra,
 Uma porca, uma poldrinha,
 Um caixão de 12 palmos
 Attestado de farinha,
 Um bom cachorro de caça,
 Um capote, uma gallinha,
 Um bom cavallo de sella,
 P'ra servir, uma negrinha.
 Mas tambem vou lhes contar
 Minha sorte como vinha:—
 A vacca morreu da secca,
 Deu o mal na bizerrinha,
 Deu o «espiche» na porca,
 Deu o «rengo» na poldrinha,
 O cupim deu no caixão,
 Deu o mofo na farinha,
 Morre o cachorro «espiritado»,
 Deu o gôgo na gallinha,
 Estrepou-se o meu cavallo,
 Deu a gotta na «negrinha»,
 Da maneira porquê conto
 Acabou-se o quanto eu tinha.

O BARALHO

(Ceará)

Meu mestre manda que eu louve
 O meu baralho francez,
 Quatro dois e quatro cinco,
 Quatro quatro e quatro tres,
 Quatro sete, quatro oito,
 Quatro nove e quatro seis,
 Quatro azes, quatro damas,
 Quatro dez e quatro reis,
 Emfim, os quatro valetes
 Do meu baralho francez.

O MEU DESTINO

(Ceará)

Quando eu estou no meu destino,
 Naquelle destino forte,
 Não temo a ponta de faca,
 Nem bala de cravinote,
 Eu só temo a Deus do céu
 E abaixo de Deus a morte.

DESAFIO

Me diga, Seu Zé Maria,
 Por ser mestre de entramar,
 O que é padrespalir,
 E o que é padrespalar?

O que é mafumbafumba,
 E o que é mafumbambar?
 E o que é matulati,
 E que é matulatar?
 E que é verdeverlengo,
 E que é verdelengar?

Menino, sai-te d'aqui,
 Que eu *seio* p'ra t'ensinar,
 Que padrespalis é um padre
 Quando elle vai se ordenar,
 E padrespalar é um doutor
 Quando elle vai se formar;
 Mafumbafumba é uma velha
 Quando vae se confessar,
 Mafumbambar é a moça
 Quando vai p'ra se casar;
 Matulati é o menino,
 Antes de se baptisar,
 E matulatar é qualquer
 Que queira se *autorisar*; (2)
 Verdeverlengo são as folhas
 Quando já querem murchar,
 E verdelengar são as arvores
 Quando querem renovar.

Notas

Desafio— Disputa n'um samba em Taboleiro d'Areia, no Limoeiro, entre dois celebres cantadores, José Maria e Joaquim dos Reis.— Fornecida por Antonio Bezerra de Menezes.

Autorisar— Quer dizer:— encher-se alguém de presumpção, fatuidade.

2022

SEGUNDA PARTE

— † —

POESIAS DE DIVERSAS ORIGENS

2022

A, B, C.

DE JESUINO BRILHANTE (1)

(Rio Grande do Norte—1877)

A

Agora com geral *cilicia*,
Todos na sociedade,
Quando chegou a noticia:
Jesuino na cidade,
Eram todos a dizer:
Por certo ha novidade.

B

Bastante fiquei veixado,
Me levantei, fui olhando,
Era o Senhor Jesuino,
Sua escolta acompanhando,
Bem vestido e bem montado,
Pela rua foi passando.

(1) Jesuino Brilhante, celebre cangasseiro dos sertões do nor-
e. Nasceu no Rio Grande do Norte, e foi morto em uma dili-
gencia policial pelo soldado Preto-Limão, n'aquelle Estado. Era
um criminoso *sui generis* pela coragem e por muitos actos de
tobreza.

C

Com grande sinceridadẽ
 Pela rua *navegou*,
 E, encontrando um sugeito,
 Por Porphirio perguntou...
 Com quem tinha algum negocio.
 Sua casa procurou.

D

Dignamente chegando
 Na porta logo esbarrou,
 Salvando a D. Luzia,
 Que o Porphirio não achou;
 Respondeu e disse a ella
 De mim não tenha *pavô*...

E

Então, Senhor Jesuino,
 Presumindo o que deseja,
 Tinha mandado comprar
 Vinho, genebra e cerveja;
 Embora o seu portador
 Violento homem seja.

F

Foi um caso admiravel,
 Esse agora que vos digo,
 Todo o povo da cidade
 Geralmente reunido;
 Que todos desejavam ver
 Jesuino no perigo.

G

Gritava com presumpção
O commandante da *armada*:
Para o Senhor Jesuino
Temos mortalhas cortadas,
Temos algemas de ferro,
Gargalheira preparada.

H

Hé um negocio importante
Que me trouxe aqui agora;
Como não achei Porphirio,
Me retiro, vou-me embora,
Ficará p'ra outro dia,
Se encontral-o por fóra.

I

Idéa não fez o homem,
Que estava descuidado
Quando chegou-lhe a noticia:
O Senhor é atacado,
A trópa está reunida,
O Senhor já é cercado.

J

Já eu sei, D. Luzia,
Que Porphirio não está,
Mas emquanto não beber
Não me posso *arretirá*.
—Já mandei um portador,
Elle pouco ha de tardar.

K

Kalendario de disturbio
Hoje aqui ha de se ver,
Si me vierem cercar
Muita gente ha de soffrer.
Os que mais se *arrojarem*
Hão de chorar e gemer.

L

Levante-se, D. Luzia,
Sem beber não me retiro,
Somos todos cangaceiros,
Bem podemos dar uns tiros.
Si me vierem cercar
Verão o que nunca viram.

M

Mançamente respondeu
O Senhor *Antonio do O'*:
Si me vierem cercar
Meu patrão não fica só.
E tal seja o meu destino
Que farei botarem dó.

N

Nesta mente estamos todos,
Respondêu o *Foão Dalgado*,
Commigo contem por certo
Contra qualquer empregado.
Ao depois que der uns tiros
Então serei retirado.

O

Oh que barulho como este
No *Martins* (*) nunca se deu,
Muita vontade perdida,
Muita gente gloria deu
Desta batalha tão forte
Que Jesuino venceu.

P

Por certo gritou o rôlo
Que neste dia se deu,
Pelo subdelegado
Todo o mal se procedeu,
Que o Alferes sem desejo,
Constrangido, commetteu.

Q

Quem será teu defensor
Nesta serra do Martins?
Não podes contar victoria,
Brevemente terás fim.
Pouco terá que viver
Quem a ti não vir o fim.

R

Ralhando com presumpção
Jesuino sem temor:
« Tenha sentido no cerco,
Que eu brevemente me vou,
Não posso ficar aqui,
Que eu desta terra não sou ».

(*) Cidade do Rio Grande do Norte.

S

Sahiram todos do cerco
Livre e salvo de perigo,
Deus lhe concedeu a victoria,
Pois não mereceu castigo.
Voltaram os empregados
Fortemente constrangidos.

T

Todos romperam o cerco
Sem temor e sem demora,
Jesuino repetindo:
« Stá chegada a minha hora,
Tenha sentido no cerco
Que a boiada vai se embora ».

U

Unidos ficaram todos
Com muito bôa união,
O povo ficou dizendo:
Lá se forão, lá se vão.
Voltaram os empregados
Mal servidos, sem razão.

V

Voltaram os combatentes
Indo o Alferes baleado,
E o Juiz Municipal
Com um braço bem cravado;
Os mais, dizem que gemião
Lastimando o seu estado.

X

Xorando ficaram muitos
 Sem ter remedio que dar.
 Bem empregado te seja,
 Quem manda tu ires lá?
 Jesuino e sua gente
 Nunca te fizeram mal.

Z

Zombando foi Jesuino
Pabulando a sua historia.
 O Alferes João Francisco
 Com tristeza foi embora.
 Chegando no Rio Grande
 Já deu baixa sem demora.



O til é letra do fim,
 Vai-se embora o navegante,
 Me procure quem quizer,
 Cada hora e cada instante.
 Me acharão sempre ás ordens:
 Jesuino **Alves** Brilhante.

A, B, C.

(Ceará)

- A letra **A** quer dizer amor perfeito,
 A letra **B** quer dizer bôa esperança,
 A letra **C** quer dizer sê cuidadosa,
 A letra **D** Deus te traga bem formosa.

A lettra **E** quer dizer : ella dizia,
 A lettra **F** quer dizer : felicidade,
 A lettra **G** quer dizer : guarda segredo,
 A lettra **H** hoje mesmo tenho medo.

A lettra **I** quer dizer : idade pouca,
 A lettra **J** quer dizer : jurei ser firme,
 A lettra **K** quer dizer : cahiu macia,
 A lettra **L** lembra-te de mim um dia.

A lettra **M** quer dizer : minha querida,
 A lettra **N** quer dizer : não sou ditoso,
 A lettra **O** quer dizer : oh! linda e bella,
 A lettra **P** para mim os olhos d'ella.

A lettra **Q** quer dizer : quando veremos?
 A lettra **R** quer dizer : ramo de flores,
 A lettra **S** quer dizer : saudade forte,
 A lettra **T** tenho fé até a morte.

A lettra **U** quer dizer : uma esperança,
 A lettra **V** quer dizer : vivemos bem,
 A lettra **X** quer dizer : chorei de dores,
 A lettra **Z** zelo sempre os meus amores!

A, B, C. DOS MACACOS

(Crato—Ceará)

A

Agora eu quero contar
 Uma historia notavel,
 Um successo admiravel
 Que custa se acreditar.

Todos podem affirmar
Que commigo se passou,
Muita gente observou
Os que eram meus visinhos,
Quando ouviram *borborinhos*,
Quando o cavallo chegou.

B

Botando eu um roçado
Logo meu milho plantei,
Mas d'elle não me lucrei
Nem para comer assado,
Pois logo foi visitado
Antes d'amadurecer,
Pois não tinha o que roer :
Cahiram dentro os macacos,
Mas não tive o que fazer.

C

Com effeito quando vi
O milho todo quebrado
De pena fiquei passado,
Não sei como não morri :
De dentro logo sahi,
Com paixão cerrei o peito,
Mas não achei ser defeito,
Antes senti arregallo:
Soltei dentro meu cavallo
E fiquei mais satisfeito.

D

Deliberei-me a soltar,
Como de facto soltei

Com gosto recommendei:
Come bem a vos fartar.
Depois do cavallo estar
Muito farto em demasia,
Com isto se *deitaria*
Para tomar um alento:
Logo no mesmo momento
Chega a macacaria.

E

Estava o pobre deitado
Para um pouco descansar,
Sem em nada imaginar,
Bem fora de seu cuidado.
Tinham os macacos chegado,
A elle estavam revendo,
O macaco velho dizendo:
(Por não ver elle bolir)
Morreu este diabo aqui:
Ao depois está fedendo.

F

Falla o macaco Jacob
Que dos outros era *reiz*:
Vamos todos d'uma vez
Ao matto tirar cipós
P'ra amarrar-lhe os mocotós,
Para poder se arrastar.
Tiremos deste lugar
Que arruinando dá mau cheiro,
Vamos botar no aceiro,
Que aqui não pode ficar.

G

Ganharam os macacos ao matto.
Tirando immensos cipós
Deram todos a Jacob,
Ficaram *p'r'olê* aos saltos.
Diz Jacob, que é mais exacto:
Deixemos de caçoada,
Amarra, rapaziada,
Vamos fazer o serviço,
E' bom acabar com isso
Que já é de madrugada.

H

Hera o cavallo por morto,
Que com pés nem mão bolia,
Os macacos na folia
Saltaram n'elle um e outro.
O cavallo com conforto,
Com sustento de verdura,
Porem como nada dura
E quem deve ha de pagar,
Jacob mandou amarrar
Os cipós pela cintura.

I

Inventaram esta illusão,
Sem em nada imaginar,
Trataram de se amarrar
Com as suas proprias mãos.
Nesta mesma occasião
O cavallo *se acordou*,
Porem apenas olhou
Sentiu que amarrado estava

E tanto diabo puchava,
Velozmente se espantou.

J

Juntamente vem consigo
Porem não de gente viva,
Era sim seus inimigos.
Conhecendo estes perigos
Para a casa se guiou.
Considerou-se perdido,
Só lhe veio no sentido
Valer-se de seu *Sinhô*.

L

Logo qu'os macacos viram
Esta espantosa mudança,
Com muito humilde rogança
Ao bom cavallo pediram.
Mesmo sem querer seguiram.
Todos diziam assim:
Nós te daremos capim,
Não nos leve ao teu senhor
Que elle é muito trahidor:
A todos nós dará fim.

M

Meu cavallo, olha, tem mão,
Espera, tem paciencia,
Tem dó de nossa innocencia,
Vamos conversar, irmão.
Nós te daremos ração,
Damos agua ao *mei dia*
Não nos faça tyrannia,

Não nos leve ao teu senhor
Que elle é muito trahidor,
Acaba com a nossa *famia*.

N

Não nos queira dar a morte,
Meu cavallo nobre, honrado,
Que nós não somos culpado,
De soffrer chammas tão forte,
Será a nossa infeliz sorte
Nos acabar d'uma vez.
Vós querendo, bem podeis
Ceder nossa lberdade,
Usares de caridade
Ao menos por esta vez.

O

Oh! que bruto endurecido
Que não attende ao clamor,
A nós trata com rigor,
Como um enfurecido,
Certo é que estamos perdidos,
Não temos mais um desvello,
Só sim temos é flagello,
Seremos morto a cutello.

P

Pedir-se a esse tyranno
E' soltar palavra ao vento,
Porque o seu pensamento,
E' malvado, é deshumano,
E' disposto a fazer damno,
E amante da discordia,

Não tem paz, não tem concordia,
E' um sangue de cortiço,
Que a ninguem faz *beneficio*
E não tem misericordia.

Q

Quando o cavallo isso ouvia.
Esse bradar de um lamento,
Crescia no assombramento,
Inda mais veloz corria.
Mas, correndo assim dizia:
A vós não posso valer,
Nem mesmo vos proteger,
Tam afflicto como estou.
Em casa de meu senhor
E' que podeis obter.

R

Responderam os macacos,
Nós de vós não temos queixa,
Só sentimos muita *reixa*
De meu pae, de meus padrinhos.
Diziam assim os netinhos :
A causa disto é vovô,
Porque elle nos mandou
Teus pés e mão amarrar,
E agora vamos pagar
Com ancias, penas e dor.

S

Se tu, meu cavallo nobre,
Quereis ter um bom amigo,
Nos terá sem mais perigo.

As nossas faltas encobre,
Tu para que nos *descobre*!...
Certo é que estamos perdidos,
Outros recursos não ha,
Hoje é que vamos pagar
O milho que temos comido.

T

Todos nós vamos morrer
Porque és um trahidor,
E's um cruel malfeitor
Que nada quereis ceder.
Amigos, é bom dizer,
Que me parece ser perto,
Que estamos descobertos,
Enfinca a unha no chão
Do dedo grande da mão.
Que temos a morte por certo.

U

Um tormento tão cruel,
Que o que vamos passar,
Que razão não se ha de ter,
Por causa deste infiel!
A bocca amarga-me a fel,
A carne já me estremece,
O coração esmorece,
O juizo vae-se embora,
Por saber que nesta hora
Nossa vida dis'parece.

V

Vão as horas completando,
Dos nossos padecimentos,

Que são rigores, tormentos,
 Que já estão se preparando,
 Vamos o mundo deixando;
 Perdendo nossa alegria,
 Morre pai, e morre mãe,
 Morre neto e morre filha,
 Tendo de se acabar por certo,
 Uma tão nobre familia.

X

Xiu! cavallo! olha! tem mão.
 E' o derradeiro pedido:
 Se nós formos attendidos
 Muito te havemos prestar.
 Prenda tão singular
 Em todo regulamento,
 Que eu sempre tive talento,
 E tenho sido respeitado,
 E hoje me vejo accusado
 Com o nome de ladrão.

Z

Zelaça do ceo te parta,
 Cavallo velho malvado,
 Já que sois um desgraçado
 Que a todos pedidos falta.
 Sois amante da desgraça,
 Olha que fui respeitado,
 E hoje me vejo accusado
 Com o nome de ladrão.

A, B, C. DO FRASE

(Ceará)

A:

A' dez annos haverá meu doce emprego
 Que no teu a b c tenho estudado,
 Sem fazer uma só letra porque cego
 Não cuidei que o tempo a mim era chegado.
 Ainda que tarde navego
 Farei um a b c bem mal talhado
 Começando pelo que amor ordena.
 Em materia de amor borrão de penna.

Amanheceu a aurora aquelle dia
 Que a quatorze de março se contava
 Mais tarde do que nunca, porque viam,
 Que no ar de uma negra sombra se turvava,
 Aves nos ninhos inda dormião,
 Abelhas nos cortiços já roncavam,
 Porque vêr não querião as minhas maguas
 Aves, Abelha, Aurora, Ares e Agua.

B

Balas eram os meos ais com que feriam-me
 A brenha e o bosque maltratados,
 Toda a brenha do bosque estremecia
 Por não chegar taes madrugadas.
 Bomba d'agua de meu peito despedia.
 Os buracos de meos olhos congelava-me
 Parecendo-me então a triste sala
 Brenha, Bosque, Buraco, Bomba e Bala.

C

Cahi logo na cama amortecido,
Buscando pelo catre esta figura.
Pena van só topei de um bem perdido
Nesta funebre casa tão escura.
A candeia apaguei-a de um suspiro
Ficando-me o caixão qual pedra dura.
Gritei: ai quem me acode, que me abraza
Cama, Catre, Caixão, Candeia e Casa.

D

Doçura de meus braços. que pirata
Que rolou de um peito amante,
Fina, mais fina do que a prata
Porque sendo de meu centro amor volante
De dia despertou a côrte ingrata.
A noite roubou um falso amante
Só para que eu não tivesse nesta cama
Doçura, Diamante, Dia e Dama.

E

Espera, encosta, encalha esta barquinha
Que tão ligeira caminha pelos mares.
Se levas uma esperança que caminha
Deixas uma esperança de tornares.
Olha que o claro dia se avizinha,
Espelho que há de ser dos meus pezares,
Vem tú pois para mim que te procuro
Esperança, Estendida, Espelho, Escuro.

F

Frija o fogo em meu peito amôr tyranno.
Porque sendo fuzil de pedra esta firmeza,

O incendio accendeu para meu dãmno
 No luzido farol desta belleza.
 Facho de palha foi meu triste engano
 Apagando com o vento da tristeza,
 Porque sendo incenso em ti não acho
 Fogo, Farol, Fuzil, Faisca e Faxo.

G

Grande gloria perdi perdendo a gloria
 Que por graça me deu a tua graça.
 Tragedia foi o gosto desta historia
 Cuja gala cortou fortuna escassa.
 Não quero mais governo que a memoria
 Somente em cuidar quão ligeiro um bem se passa
 Riscando para sempre de teu rosto
 Graça, Gloria, Governo, Gala e Gosto.

H

Hospedei-te em meus braços docemente,
 Quiz honrar-te, impediu-me o cruel fado.
 Curei-te quando estavas mais doente,
 Humilde a teus pés sempre prostado.
 Soffri murmuração sempre contente
 Só para não chegar a dar-te um só cuidado.
 Entraste e sahiste fementida
 Hontem, Hospede, Humilde, Hoje, Homicida.

I

Inda hontem vi ires navegando
 Idolo de minha alma, imagem rara.
 Parece-me mil annos que penando
 A soffrer mil infernos acabara.

Illusões meos discursos iam formando.
Indicio foi de pena eterna para mim,
Só me deixaste em caza por riqueza
Illusão, Imaginação, Inferno e Indicio.

L

Lerás dentro em mim meus sentimentos
Que escondidos em minha alma então ficaram,
Terás largas lamentações e largos ventos,
Qual os navegantes não toparam.
Deixaste nos livros dos assentos
Cobrando só por lutos que deixaram
Largas lamentações e largos ventos.

M

Maré morta buscaste não querendo
Esperar de meus olhos agua viva.
Maré e mar foste soffrendo
Nas vigorosas ondas fugitivas.
Se o mundo váis correr, não vás correndo,
Que aqui fica um bem que aqui te priva,
Acharás na pobreza desta capa
Maré, Maltratagem, e Mundo e Mappa.

N

Náo Nova te darei em que navegues
Segura de toparas ventos escassos,
Ainda que tarde chegues sempre chegas
Sendo vellas meus ais e remos meus braços,
Vinde pois a meu lado sem estorvo,
Náo, Navegação, Navio Novo.

O

Onde estais que não vês este oriente ?
Qual ouro para ti está guardado ?
Não estimes tão pouco no presente
Que ainda te posso ser prestavel.
Oraculo do amôr tão excellente
Que da inveja de muitos era chorado,
Serei para ti sem ser thezouro
Oraculo, Oriente, Orvalho e Ouro.

P

Perdi as esperanças de mais ver-te,
Sem que perdesse a mesma de adorar-te.
Paixão grande teria se perdesse
A minha comtigo em adorar-te.
Ainda posso soffrer por mar e terra
Pena, Paixão, Pranto e Pesar.

Q

Querer te abusar é cousa dura,
Queixar-me contra ti razão não tenho,
Quebrantarei uma fé, maior loucura,
Opponho-me a razão valente empenho.
Até quando ha de durar esta amargura ?
Quando hei deprehender o desempenho ?
Juro de não te ver mais se assim tú queres
Queixoso quebrantarei se tú quizeres.

R

Retrato que nesta terra appareceu
O qual ramo cortado dissecaste,

Pois como raiz mais não tiveste
 Que até o rasto me apagaste.
 Só me resta dos damnos que fizeste,
 Raio ligeiro te mostraste,
 Não deixando se quer para teu trato
 Rasto, Rama, Raiz, Resto, Retrato.

S

Soffro após saudades na memoria
 Que memoria não teve do futuro.
 Saibam pois a vontade transitoria
 Que para cegueira é mal segura,
 Altos entendimentos sem victoria
 Soffrer aquellas mãos assim tão puras,
 Sendo eu um despojo em solidade
 Silencio, Soffrimentos, Somno e Saudade.

T

Toca tua marcha que já me animas
 Termos ambos iguaes no pensamento,
 Pois não tem outra corda mais que a prima
 Que n'ella toca-se a recolher este instrumento.
 Escolhi por primeira entre sina
 Pois tive sempre com estima,
 Vem cahir sobre mim troveja guerra,
 Toques, Tambores, Trombeta e trema a Terra.

V

Viva quem pode mais na patria doce,
 Praza a Deus quem em perder-te perca a palma,
 A quem fôra a vizão que ver te fôra,
 O vapor que este mar puzera em calma,
 Levaste ao mesmo vento que te trouxe.

Adeus, andorinha de minha alma,
Faz de conta que eu não sou do teu conteúdo,
Visão, Vapor, Viagem, Vella e Vento.

X

Xaque foi da fortuna minha estrella
Que deste pulo me não deixa,
Xatriz acharás lá para *ruêla*,
Xiffres afinados para queixa,
Melhor fôra tal siringa não bebel-a,
Sendo tú a causa desta recha.
Eu te afirmo que agora melhor topes
Xatre, Xiffre, Xiringa, Xarope.

Z

Zuna lá neste pulo amada prenda,
Zombe só quem ignore esta ruina,
Que não pode sahir dessa cantina
Quem nas ondas do mar la vá morar,
Erro deste a b c não tem emenda
Ainda que a pena seja fina
Descobrimdo nelle os erros mais subidos
Zuna, Zeloso, Zuada, Zunido.



Falta o til que não pode ser escripto
Porque o mundo já delle não faz conta,
Por sêr um risco que é infinito
Já hoje entre os homem pouco monta,
Não há predestinado e nem perfeito
Que não tenha seu til sempre na ponta.
Só Christo e sua Mãi podem dizer

TERCEIRA PARTE

— ** —

SERTANEJAS

Despedida do Seringueiro

(Ceará)

Vou-me embóra, vou-me embóra
P'ra minha terra natal,
Diabo leve a seringa
É o dono do seringal,
Que na minha terra eu como
Sem dispender um real!

Lá plantava a mandioca,
A melancia, o melão,
Mondubim e macaxeira
Por entre o milho e o feijão,
Remexia na patrona,
Não me faltava um tostão.

Nesta terra de miseria,
De riqueza apregoada,
Que parece ser mentira
De uma rude caçoadá,
Eu não quero mais viver,
Vou tocando em retirada.

De *carne velha* inda levo
Minha barriga inflammada,
De gordas só levo as pernas
De uma molestia malvada;
Dinheiro... nem um vintem,
Só levo conta e... mais nada.

De pilulas p'ra sezões
Vinte caixas eu comi
Pós de ferro foi sem conta
E drogas que nunca vi,
Sardinha, carne e pescada,
E cousas que não comi.

Vou-me embora, meus amigos,
P'ra minha terra natal;
Levo uma conta de tudo,
No bolso... nem um real:
Tudo foi-se em tratamento
No barracão do hospital.

Vou-me embora, vou-me embora,
Vou plantar meus gerimuns,
Embora que as chuvas faltem
Sempre ha os camapuns,
Ao menos lá eu não soffro
Estes malditos piuns.

Na minha terra eu já sei
Onde moram os tatús,
A dormida dos veados,
As comidas dos jacús,
A capoeira onde correm
As ligeirinhas nambús.

P'ra casa vinha cantando
Minha chula, meu baião,
Sem soffrer carapanãs
Dependurados na mão;
Comia mocó, preá,
Sem dever no barracão.

A' porta minha Joanna
 Vinha logo me encontrar,
 Dava-me um riso bregeiro,
 Ia o fogo renovar,
 E nelle punha a chaleira
 Para com agoa aqueantar.

Quando rompia a manhã
 O leite eu ia tirar;
 Joanna fazia o pão
 Para com elle almoçar,
 E depois... quantos prazeres
 Entre nós p'ra desfructar!

Adeus, oh! terra de lama!
 Vou plantar meus gerimuns,
 Dos veados ver a cama
 E o despertar dos anuns,
 Viver com a minha Joanna,
 Sem o ferrão dos piuns.

O SERTÃO EM DERROTA

(Parahyba)

Oh! que memoria sensivel,
 Oh! que saudosa lembrança,
 Já não me resta a esperança
 De uma só apartação.
 Já não tenho o regosijo
 D'aquellas eras passadas,
 Ao echo das vaquejadas
 Que se ouvia no sertão.

Foi doloroso o passado,
Inda é tristonho o presente,
Vê-se o povo pobrememente,
Quebrado, morto e arrasto.
A falta d'aquellas rezes
Que nestes bosques pastoram,
E muitas vezes trilharam
Este campo immenso, vasto.

Que differença, meu Deus,
Neste sertão se encerra,
E' pouco o gado que berra
Nos escondrijos do val,
Pouco se ouve o gaitejo
Do touro em grosso ribombo,
Voando terra no lombo
Na porteira do curral.

Que prazer, que movimentos
Trinavam nesses campeiros,
Marcando nos taboleiros
Os gyros de suas dadas.
Nem a grandeza da Corte,
De Ministro, Conselheiros,
Tinha o goso dos vaqueiros
Nos dias das vaquejadas.

De tudo eu trago a idéa
No leite, coalhada e queijo,
Manjares do sertanejo
Que fruiu no Sertão.
Eu penso na suas faltas,
Na sua vida que amava,
E quando alegre passava
No goso da criação.

Quando alli bem a tardinha,
Que o sol ia descambando,
As vaccas vinham chegando,
Por seus filhinhos mugiam.
Era risonho o manter-se
O beserrinho contente,
Mamando tão fartamente
Quando os capuchos caiam.

Mas extinguiu-se, meu Deus,
Essas bellezas de outr'ora,
Hoje afflicto o sertão chora
Pelas riquezas que dava!
Era aprasivel o ver-se
Esses encantos notaveis,
E outros apreciaveis
Que nossa terra criava !

Que recursos, que prestigios
Nos davam estes rochedos,
Estas brenhas e penedos
Nas amplidões do vergel.
Quando o matteiro, munido
Da borrachinha e cabaça,
Nos attractivos da caça
Sorvia o favo de mel !

E por alli se entranhando
Por estes bosques e mattos,
Por estas negras cascatas
A' sombra do cauçú,
O cão raivoso e fremente,
Retrocedendo a madeira,
Na grympa da cordilheira,
No rasto do canguçù.

Mas Deus que é sobretudo
 A vida dos peccadores,
 Inda cede os seus favores
 Aos filhos da Solidão.
 Como pae Supremo e Santo,
 Auctor de toda a grandeza,
 Inda presta a natureza
 Essas delicias de então.

E' pela Santa Potencia
 De um só Deus bem fasejo,
 Que o afflicto sertanejo
 Inda pode ser feliz.
 E' por aquelle Senhor
 Que nos vem essas delicias,
 Que Deus com tantas caricias
 Fecunda o nosso paiz.

Pois a simples, salutar
 Distração da nossa terra,
 E' quando a vaquinha berra
 Attrahindo os filhos seus.
 Posto que já nada exista
 Desses dons, dessas bellezas
 Comtudo essas riquezas
 Inda esperamos, meu Deus!

O RABIXO DA GERALDA

(Quixeramobim, Ceará, 1792)

Era um boi, liso rabixo,
 Boi de fama conhecido.
 Minha senhora Geralda
 Já me tinha por perdido.

Era minha fama tanta
Nestes sertões estendida...
Vaqueiros vinham de longe
P'ra me tirarem a vida.

Onze annos morei eu
Lá na Serra da Preguiça,
Minha senhora Geralda
De mim não tinha noticia.

Morava em cima da serra,
Naquelles altos penhascos,
Só davam noticias minhas
Quando me viam os rastos.

Ao cabo de onze annos
Sahi na Varzea do Cisco,
Por minha infelicidade
De um caboclo fui visto.

Quando o caboclo me vio
Sahi por alli aos topes,
Logo foi dar novas minhas
Ao vaqueiro José Lopes.

Quando o caboclo chegou
Foi com grande matinada :
—Oh ! José Lopes, eu vi
O rabixo da Geraldã.

Estava na Varzea do Cisco
C'um magotinho de gado,
Lá na pontinha de cima
Onde entra p'r'o talhado.

José Lopes chamou logo
 Por seu filho Antonio João :
 « Va buscar o barbadinho
 « E o cavallo tropellão.

« Diga ao Sr. José Gomes
 « Que traga sua guiada (1)
 « E venha prompto p'ra irmos
 « Ao Rabixo da Geralda ».

Chegados elles que foram,
 Montaram, fizeram linha,
 A quem elles encontravam
 Perguntavam novas minhas.

Encontrando Zé Thomaz
 Que vinha lá da Queimada...
 « Camarada, dá-me novas
 « Do Rabixo da Geralda? »

— Ainda mesmo qu'eu o visse
 Eu não daria passada,
 Pois será muito o trabalho
 E o lucro não será nada.

— Não senhor, meu camarada,
 A cousa está conversada :
 A dona mesmo me disse
 Que desse boi não quer nada.

Uma banda e o coiro
 Fica tudo de mortorio;

(1) Guiada : vara de ferrão.

A outra vae se vender
P'r'as almas do Purgatorio.

Despediram-se uns dos outros,
No carrasco se internaram,
Caçaram-me todo o dia
Porem não me alcançaram.

Deram de marcha p'ra casa
Já todos mortos de fome,
Foram comer um bocado
Na casa de José Gomes.

Passados bem cinco dias
Estando eu na ribanceira,
Quando fui botando os olhos
Vejo vir Manoel Moreira

Um dos vaqueiros de fama
Que naquelle tempo havia,
Que muita gente suppunha
Só elle me pegaria.

Olhei para o outro lado
A ver se veria alguém :
Divulguei Manoel Francisco
E seu sobrinho Xerem.

Fui tratando de correr
Pelo lugar mais fechado
Quando o Moreira gritou-me
Aos pés juntos enrabado :

Corra, corra, camarada,
Pise seguro no chão,

Que hoje sempre dou fim
Ao famanal do sertão.

Tiremos uma carreira
Assim por uma beirada ;
Eu mesmo desconfiei
Do rabixo da Geralda.

Mais adiante puz-me em pé
Para ver o zuadão :
Encherguei Manoel Francisco
Cahido num barrocão.

Estive ali muito tempo,
Alli posto e demorado ;
A resposta que me deram
Foi dizer: Vai-te, malvado !

Toda vida terei pena
De correr atraz de ti ;
Bem me basta minha faca
E minha espora que perdi !

Dahi seguiu para traz
Ajuntando o que era seu,
E juntamente caçando
O Xerem que se perdeu.

Nesse tempo tinham ido
A Pajehú ver um vaqueiro,
D'entre muito que lá tinha
Viera o mais catingueiro.

Este veio por seu gosto
Trazendo sua guiada

E desejava ter encontro
C'o rabixo da Geralda.

Chamava-se Ignacio Gomes,
Era cabra curiboca,
O nariz achamurrado
E na cara mil papoca.

Na fazenda da Concordia
Chegou elle a uma hora;
Muita gente já dizia:
O rabixo morre agora.

Dizia que p'ra matar-me
Não precisava de mais:
Bastava dar-me no rasto
De oito dias atraz.

Deram-lhe então um guia
Que bem soubesse do pasto
E que tambem conhecesse
D'entre todos o meu rasto.

Onze dias me caçaram
Com grande empenhõ e cuidado:
Não poderam descobrir
Nem novas e nem mandado.

Passados os onze dias
Lá no Riacho do Agudo,
Quando fui botando os olhos
Vi o cabra tupetudo.

Dissé o guia me avistando:
Venha ver, meu camarada,

Eis ali o boi de fama,
O rabixo da Geralda.

Bem cedo ao sahir do sol
Vimo-nos de cara á cara
E nos primeiros arrancos
Logo lhe cahiu a vara.

Elle disto não fez caso,
Rêlho ao cavallo chegou
E em poucas palhetadas
Bem pertinho me gritou:

Corra, corra, camarada,
Puche bem pela memoria
Que não vim da minha terra
Para vir contar historia.

Gritou-me da outra banda
O senhor guia tambem:
Tu cuidas que sou Moreira
Ou seu sobrinho Xerem?!

Tinha um pau atravessado
Na passagem d'um riacho:
O cabra passou por cima
E o cavallo por baixo.

Segui a meia carreira
No meu correr costumado
E antes de meia legua
Ambos *me tinham ficado*:

Poz-se o cabra tupetudo
A pensar o que faria,

E quando chegasse em casa
Que historia contaria!....

Na fazenda da Botica
Tinha gente em demazia
Esperando ter noticia
Do rabixo aquelle dia.

Perguntou José de Goes,
Morador no Carrapixo :
Amigo, seja bem vindo :
Dá-me novas do rabixo?

Eu o vi mas não fiz nada,
Pois nunca vi correr tanto ;
Como esse boi, o Rabixo,
E' cousa que causa espanto !

Nesta terra eu não vejo
Quem o pegue pelo pé.
Aquelle morre de velho
Ou de cobra cascavel.

Respondeu José de Goes,
Morador no Carrapixo :
Eu pelos olhos conheço
Quem dá voltas ao rabixo.

Já anda em dezoito annos
Que Zé Lopes o capou,
Er'elle então garrotinho,
Por isso foi que o pegou .

Foi-se o cabra tupetudo
E não sei se lá chegou,

Só sei é que elle foi
Com os beijos com que mamou.

Chega emfim—Noventa e dots—
Aquella secca comprida;
Logo vi que era a causa
De eu perder a minha vida.

Seccaram-se os olhos d'agua,
Não tive aonde beber
E botei-me aos campos grandes,
Já bem disposto a morrer.

Desci por uma vereda
E disse: Esta me soccorra;
Quando quiz cuidar em mim
Estava numa gangorra (1).

Fui a fonte beber agua,
Refresquei o coração!
Quando quiz sahir não pude,
Tinhão fechado o portão.

Corri logo a cerca toda
E sahir não pude mais:
Quem me fez prisioneiro
Foi apenas um rapaz.

Este sahiu ás carreiras,
E vendo um seu camarada
Gritou logo: Já está preso
O Rabixo da Geralda.

(1) Gangorra: Curral, cercado aguado; na Parahyba, gangorra é um engenho de páo usado pelos pequenos lavradores que fazem rapadura.

Espalhando-se a noticia,
Correram todos a ver,
E vinham todos gritando:
O Rabixo vae morrer !

Trouxeram tres bacamartes,
Todos tres me apontaram,
Quando dispararam armas,
Todos tres me traspassaram !

Ferido cahi no chão !
Saltaram a me pegar
Uns nos pés, outros nas mãos,
Outros para me sangrar !

Disse então um d'entre elles:
Só assim, meu camarada,
Nós provaríamos todos
Do rabixo da Geralda.

Assim findou-se esse drama,
Tudo assim se findará,
Como este boi, nesta terra
Não houve, nem haverá.

BOI VICTOR

(Ceará)

Digo eu, boi do Victor,
Nesta terra bem conhecido,
A grandeza de meu nome
Neste mundo tem corrido.

Fui bezerro, fui garrote,
Capado em barbatão,
Já estava de idade
Sem conhecer sujeição.

E captivo só no nome,
Tinha senhor e vaqueiro,
Sendo muito perseguido
Nunca conheci captiveiro.

Vivia n'essas montanhas,
Nessa catinga cerrada,
Eu não queria magote,
Tinha poucos camaradas.

Só por arte do maldito
Ou por uma maldição
A mim teriam vendido
Para o nosso Capitão.

Este, como experiente
E ser homem catingueiro
Marcou muito bom tempo
De mandar os seus vaqueiros.

Um era o seu escravo
Que se chama João Amancio ;
No seu cavallo alazão
Corria a seu descanço.

O Snr. Antonio de Sá
E' quem tinha presumpção
De me trazer ao curral
Ou de me botar no chão.

No cavallo Curumatan
Em que vinha elle montado,
Dizendo se me achasse
Que eu seria pegado.

Com effeito, na verdade,
O seu dito appareceu,
Que cavallo como este
Atraz de mim não correu.

Foi feita a sua vontade
Em dar um golpe tão crú,
Só para engraxar a terra
E dar carne aos urubús.

Com isto não logrou fama
E pouco se adiantou:
Com o couro e com os chifres
O Capitão só ficou.

Venha cá, meu capitão,
Quero fazer-lhe um pedido:
O cavallo Curumatan
Nunca seja vendido.

Pode falar com soberba
E apostar sem ter temor,
Que para este cavallo
Não ha mais boi corredor.

Diga a todos esses vaqueiros,
Falle sem pedir segrêdo
Que cavallo como este
Não tem neste Figueredo.

Não há esta Fazenda,
Nem prata nem ouro em pó,
Nem tem este cabedal
Que pese com elle só.

Eu já fallei no cavallo
E volto a Antonio de Sá,
Que os transe que passou
Só elle pode contar.

Já não quero mais tratar
Na minha tyranna sorte,
Eu que fui o boi de fama
Que acabou-se com a morte.

O Snr. Antonio de Sá,
Por ser um bom portador,
Dê lembranças que eu mando
Ao meu procurador.

Peço-lhe que me perdoe,
Não se dê por aggravado,
Daquella vez eu deixei-o
No seu cavallo mellado.

Eu sempre formei de conta
No fim do meu testamento,
Tambem deixar lembranças
A Manoel do Nascimento.

Lembrando d'aquella vez
Que me deu um pontapé,
De vez em quando gritando
Por Compadre Barnabé.

João Amanço, venha cá,
 Quero lhe pedir também,
 Dê lembranças que eu mando
 Aos vaqueiros de Belem.

Pois vou bem consolado
 Porque não sou dos primeiros,
 Adeus, camaradas todos
 Do carrasco do Ribeiro.

Adeus, camaradas meus,
 Queiram se esquecer de mim;
 Tudo quanto nasce morre,
 Tudo no mundo tem fim.

BOI PINTADINHO

Eu sou o boi pintadinho,
 Boi corredor de fama,
 Que tanto corro no duro
 Como na varzea de lama.

Corro fora nestes campos,
 Corro dentro da catinga,
 Corro quatro, cinco leguas,
 De suor nem uma pinga.

Corro fora nestes campos
 Que o mesmo ar se arrebenta,
 Corro quatro, cinco leguas,
 Ninguem me vê dar a venta.

Meu Senr. Ignacio Gomes,
 De mim já vive aggravado,

Porque aonde eu estou
Não pode arruinar gado.

Elle falla com grande ira,
E sente estar magoado,
Porque ha mais de vinte vezes,
Eu o tenho enrabado.

Meu senhor Ignacio Gomes,
Fala com tamanha ira,
Que já dá vinte patacas,
A quem me poser na embira.

Eu darei tudo por nada,
Pois delle eu não careço,
Alem de sua brabeza,
Tambem tem seus arremeço.

O moço José de Almeida,
Vaqueiro do Clemente,
Diz que nunca houve um cachorro,
Que lhe possesse o dente.

E eu que o vi correr,
Na Lagoa das Mofadas,
Deixou atraz o cavallo
E uma cachorrada.

Porque desde garrotinho,
Carreguei opinião,
De não ter nenhum vaqueiro,
Que me chegasse o ferrão.

Estava eu certo dia
Na Carnaubinha maiado,

Quando vi um cavalleiro
Em um tropel mui descansado.

Estava secco de sede,
E tambem morto de fome,
Assim mesmo abri os olhos,
Conheci Ignacio Gomes.

Sahi logo na carreira
Não muito despedido,
Porque Ignacio Gomes
Já era meu conhecido.

Ficou elle maginando,
O que havia de fazer,
Eu entrei bem para o centro,
Bem p'ra dentro me esconder.

No outro dia bem cedo,
Sahi a comer, ao orvalho,
Logo na volta que dei,
Encontrei João de Carvalho.

Elle vinha bem montado,
Bom cavallo e bom ferrão,
E junto comsigo trazia
O cabra Gonçalão.

Trazião mais tres cachorros,
Que valiam 3 cidades,
Que querendo matar um
Não se acha ruindade.

Logo que avistei isto,
Botei-me ao catingão,

A demora que tiveram,
Foi gritar: arriba, cão.

Corria de tal maneira,
Que os ouvidos me *sunia*,
Na distancia de tres leguas,
Tres cachorros me gania.

Tratei de me pôr em pé
Pensando o que fosse melhor,
Porem logo me enganei,
Cada vez me foi peor.

Porque eu estando em pé,
Espiano p'r'a confusão,
Muito depressa chegou
O cabra Gonçalão.

Quer que vamos ao boi agora,
E está em pé esbarrado,
Peguemos logo este boi,
Emquanto elle está cançado.

O cabra partio a mim,
Porem veio de meia esgueia,
Desviou-se da cabeça
Presionou-me na sarneia.

Eu com o ardor do ferrão,
A elle me encostei :
De debaixo de suas pernas,
O cavallo lhe matei.

O cabra que se vio a pé,
Ficou tão desesperado,

Foi gritando logo ao outro :
—Matemos este malvado.

O cabra quando viu isto,
Ainda mais se segurou :
Puchou logo pela faca,
Por detraz me regeitou.

Derão commigo no chão,
Em riba de mim se escanxou
Logo o cabra Gonçalão,
Mui depressa me sangrou.

Ficaram muito contentes,
De ter seu peito vencido,
Só assim Ignacio Gomes
Aproveitaria o perdido.

Gonçalão, tu vai a casa
Para buscar tres cavallos,
E mais alguma arrumação,
E comeres alguma cousa,
Que com certeza tens fome ;
Que vou pedir as alviças
Ao compadre Ignacio Gomes.

Chegando elle então,
Na fazenda Trucuinho :
As alviças, meu compadre,
Que é morto o pintadinho !

Venha me contar a historia,
O que elle andava fazendo
Na lagoa das Mofadas ?
Bem cedo andando correndo ;

Na lagoa das Mofadas,
Naquelle sefrotinho de pedra,
Bem na pontinha de cima,
Fomos dar-lhe uma queda.

Ou bicho forte! Correu,
Correu mais de cinco legoas!
E se não são os cachorros
Ainda ninguem o pega.

Faça favor apeiar-se;
Venha me contar a funcção,
Se foi morto de chumbo,
Ou a ponta de ferrão.

Sim, senhor, foi a chumbo
E a ponta de ferrão,
Ajudado dos cachorros
E tambem do Gonçalo.

Tenho agora tres cachorros,
Que vieram do Inhamuns;
Que como estes tres cachorros
N'esta terra não há nenhum.

Estão promptas as vinte patacas
Para lhe dar de alviças,
Tanto pelo seu trabalho,
Como tambem pela noticia.

Mande ver o pintadinho,
Aproveite elle todo,
Faça d'elle matrutagem,
Estimo que esteja gordo.

Liberato, delegado,
Foi prender um *Guabiraba*;
Por causa d'esta prisão,
Quasi o Teixeira se acaba.

Sirino sonhou c'a morte,
Que p'ra ella navegou ;
E de facto, na verdade,
Pois d'ella não escapou.

Sirino veio do Teixeira
No seu cavallo montado,
Quando chegou no Salão,
Foi logo bem avisado.

Serino pegou nas armas,
A escorvar, escorvou ;
Moreira dentro do matto
Por outros assobiou.

E Sirino *arrespondeu*
C'uma cara de leão :
Cabra me saia de peito,
E não m'atire as *treição* ?

Pelo buraco da bala
Se rasgou o cinturão,
E o Sirino apanhou
Seu estoque e seu facão.

O cavallo de Sirino,
Sendo de mais azogado,
Foi saltando uma barreira
Sirino ficou deitado.

Sirino foi se arrastando,
 N'uma pedra se sentou,
 E as tripas dependuradas
 Meteu as mãos, arrancou.

Disse Moreira no matto,
 Sentado á sombra da iama :
 Oh ! cabra do couro grosso,
 Hoje perdeste tua fama.

—De facto perdi a fama,
 Mas passei-lhe a certidão :
 Puxei tripas dependuradas,
 Puxei bofe até c'a mão,

O INVERNO

(Parahyba)

No sertão é bello ver
 A sariêma cantar,
 A onça roncar na serra,
 A arára gritar no ar.

Quando pega as trovoadas
 Corre agua em borbotão,
 Os rios excellente dão,
 Com as bellas invernadas ;
 Quando pega as vaquejadas
 Depois do pasto crescer
 Só se vê gado correr,
 Os vaqueiros em folia,
 No curral a vacaria
 No sertão é bello ver.

Vê-se pato e jaçanã,
Marreca, socó, jacú,
Carão, garça, e jaburú,
Jandaia, maracanã,
Diluvios de ribação,
Bando de tetéo gritar,
Papagaio gaguejar,
A aza branca gemer,
Porem é melhor se ver
A sariêma cantar.

Vê-se novilhos urrando,
Vê-se o cachorro latir,
Vê-se o grito retinir
Dos vaqueiros trabalhando,
Vê-se rebanho pastando,
Gafanhoto pela terra,
Na lama o bezerro berra,
E canta o gallo saudoso,
Só o que acho temeroso
E' a onça roncar na serra.

Grita o mocó no serrote,
O cascavel no buraco,
Vê-se saguim e macaco
Pelos páos dando pinotes,
As raposas em magotes,
Os cavallos a rinchar.
Os peíxes n'agua folgar,
O lindo canindé gritando,
Sonoras pombas cantando,
A arára gritar no ar.

CANTIGAS DE NECO MARTINS

CANTADOR DO PARACURÚ.

(Ceará)

A respeito a cantoria
Mané Joaquim do Muquem,
Faz gallinha pizar milho
E pinto cessar xerem,
Mais nas unhas de seu Neco,
Nunca se arrumou bem,
Porque eu passo o sipilho,
Tiro-lhe as voltas que tem,
Fico sempre cassoando,
Olho não vejo ninguém.

Monoel Patichulim
Zé Cajá do Bananal,
E o Pedro Semião,
Um cantor do Arraial,
Beira d'agua lá na Serra,
E Moreira de Sobral,
Que se julgam cantadores,
De nunca encontrar igual,
Nunca poderam com Neco,
Morador em São Gonçalo.

O mesmo Antonio Silvino,
Jeronymo, e Pedro Ferreira,
São cantadores de fama
De alegrar a brincadeira.
O Paulino Felisberto,
O Bilino das Frexeiras,
Herculano de Messias,

E tambem Luiz Pereira ;
E tambem José Rufino,
Lexandre das Cabiceiras,
Todos tem entusiasmo
De não cahirem em asneira ;
Passarem decepções
Nas unhas do Oliveira.

**Desafio de Neco Martins, com Francisco
Salles um cego da Itapipoca.**

NECO

Francisco Salles, você
Ha dias vive em funcção,
Querendo tomar terreno,
Aqui, no meu quartirão,
Sem ter pedido licença,
Me explique porque razão
Você tomou esta audacia,
Faltando com atenção.

SALLES

Collega Neco Martins,
Faltou-me esta lembrança,
Que hoje peço desculpa,
Desta minha *ignorância* :
Que não tomo seu terreno,
Porem tenho confiança,
Que agora eu lhe pedindo,
Tudo a meu desejo alcança.

NECO

Pois sim, senhor, meu collega,
Está dada esta licença,
Tudo commigo se arranja,
Desde que haja prudencia.
Tambem gosto de provar
A minha benevolencia,
Mostrando a minha bondade,
Que tem gratidão immensa.

SALLES

Mas senhor Neco Martins,
Tenho tido informação,
Que o senhor é o *dunga*,
Aqui desta Povoação,
Só vinha neste roteiro,
Pedir-lhe uma lição,
Ou dar um quinau no mestre,
Como eu tenho tenção.

NECO

Salles, eu não sou o *dunga*
Aqui desta Povoação,
Já sabes que vens errado,
Com a tua informação,
Abasta que você saiba,
Que não tenho profissão,
Mas se quer se divertir ?
Esta é propria a occasião.

SALLES

Pois *Simsinhor*, Senhor Neco,
Estou prompto a divertir,
Pois a hora é competente,
Hoje quero me medir,
Para ver qual é maior,
Pois é bom se decidir,
Pois quero desempenhar-me,
No que tenho de cumprir.

NECO

Meu Salles, eu tenho pena,
De seres um pobre cégo,
Não poderes encherger,
O caminho em que eu navégo,
Para melhor tu saberes,
Os destinos que allégo,
Que então tu já sabias,
De que geito é qu'eu te pego.

SALLES

O senhor é tão sabido,
Me distrinxé esta conta :
Vinte cinco guardanapos,
Dois vintens em cada ponta.

NECO

Salles, eu distrinxarei
Como bem me parecer,
Doze patacas e meia,
Quatro mil réis vem a ser.

SALLES

E' verdade, meu collega,
E's um bom cantor sciente,
Mas olha que não te arrojes
E depois não se arrebente,
E fazêr um cego triste
Com isto ficar contente.

NECO

Salles, deixe de asneira,
Modere esta imprudencia,
Pois eu seio que você,
P'ra mim não tem resistencia,
Não se metta onde não cabe,
Tenha santa paciencia,
Que não quero fazer couza,
Que me dôa a consciencia,

SALLES

Amigo Neco Martins,
Peço a vossa senhoria,
Que não maltrate um cego,
Que anda a custa de guia.
E anda despatriado,
Fora de sua familia;
Não convem em terra aleia,
Soffrer uma tyrannia,
Se com isto se zangar,
Fazer o que não queria.

NECO

Pois sim, senhor, meu ceguinho,
 Faça lá sua vontade,
 Não tenha dó do Martins,
 Empurre rigoridae,
 Pode matar seu dezejo,
 Não reparando bondade,
 Que Neco Martins é feito
 A lutar com crueldade,
 E nunca pedio soccorro
 A sua rivalidade.

SALLES

Nequinho, você bem sabe,
 Como é que os diabos tecem,
 Uns de cima, outros de baixo,
 Quando uns sobem, outros descem,
 E bem sabe quem eu sou,
 Que ha bem tempos me conhece
 Deixe deste enthusiasmo,
 Que você hoje padece.

NECO

E eu não tenho enthusiasmo,
 Nem delle quero saber,
 Mas o seu palavriado,
 Não me faz estremecêr,
 Que um homem como eu,
 Não é para esmorecêr;
 Por que mesmo procurando,
 Ainda não vi de que,
 Pode ficar convencido,
 Que não dou fé de você,

SALLES

Deixe deste entusiasmo,
Neco, me trate melhor,
Que se não voce talvez,
Assim se dará peiór,
Por que o Francisco Salles,
De cantador não tem dó.

NECO

A occazião é propria,
Ataque sem contricção,
Eu não lhe peço favor,
Hoje nesta occazião,
Me acostumei com desgraça,
Não temo mais afflicção,
Quanto mais ao pobre cego,
A quem não presto attenção.

SALLES

Collega, não diga assim,
Que pode ser castigado;
Por que eu não poupo couro,
De cantador malcreado,
Quando estou no meu destino,
Sou rei dos cabras damnados.

NECO

Cantador como você
Nem que venha de punhado,
Lá do meio dos infernós,

Fedendo a xifre queimado,
Hão de cair no chicote,
De meu uso acostumado.

SALLES

Cantador como você,
Na minha terra se chama :
Gafanhoto de jurema,
Borbolêta de imburana,
Roubador do tempo alheio,
Impatador de semana.

NECO

Cantador como você,
Eu queria apanhar muito :
P'ra botar no cemiterio,
P'ra fazer quarto aos defuntos,
Para mandar ao inferno,
P'r'o cão fazer adjunto.

SALLES

Cantador como você,
Eu queria apanhar mais :
P'ra mandar para o inferno,
De mimo p'ra satanaz,
Que você junto com elle,
Quero ver o que é que faz,

NECO

Cantador como você,
Nem que venha de mão cheia,

Nem que venha do inferno,
Com trinta cão nas orelhas ;
Nem que venha sapecado,
Fedendo a chifre de ovelha :
Eu podendo aperreial-os,
Como mutuca vermelha,
Mostrarei Neco quem é
Com suas tacadas feias.

SALLES

Collega, Neco Martins,
Não maltrate tanto assim ;
Veja que Francisco Salles,
Não é também dos mais ruim :
Que mereça receber
Estés rigores sem fim.

NECO

Pois então me trate sério,
Não me tome a pagode :
Se não eu faço tu ires,
De Pilatos a Herodes ;
Faça-me logo homenagem,
Não se meta com quem pode.

SALLES

Amigo Neco Martins,
Eu já estou convencido,
Que com você não posso,
O caso está decidido ;
Pois agora é que dei fé
Aonde eu estou metido :

No meio d'um cipoal,
 E *muito do bem* tecido,
 Que quero sahir não posso,
 E já me julgo perdido.

NECO

Pois então conheça mestre,
 Chegue-se ahi, dê razão :
 Que na minha cantoria,
 Aqui neste quarteirão,
 Neco Martins é o chefe
 De toda repartição ;
 Quem quizer cantar aqui
 Pede a mim a direcção.

SALLES

Pois, sim senhor, seu Martins,
 Agora já estou sujeito
 Sempre a vossa direcção.
 Reconheço seu direito,
 Me dispense só por hoje
 Que eu já estou satisfeito.

NECO

Sim, Senhor, eu lhe dispenso,
 E espero ser desculpado
 Das faltas que commetti
 No meu cantar agitado ;
 Que proza de cantador
 Não faz ninguem aggravado :
 Quando precisar de mim,
 Disponha aqui d'um criado.

.

Neco Martins é cantor :
 Do norte, o *mais pequinez* ;
 Mas na sua cantoria
 Não declara estupidez :
 Como alguns dos cantadores,
 Que já vi alguma vez :
 Que diz palavra indecente,
 Como pescoço em francez :
 Que traduzindo é escandalo,
 No costume portuguez.

**FRAGMENTO DO DESAFIO ENTRE
 MANOEL DE CABECEIRAS
 E O DIABO.**

DIABO

Seu Manoel de Cabeceiras,
 Segure lá seu repente :
 Que eu venho chegando agora,
 Inda estou co'o sangue quente ;
 Tire o chapéo da cabeça,
 Se ajoelhe, me tome *abença*.

M. DE CABECEIRAS

De onde vem esse negro,
 Preto, da camisa suja ;
 A venta de *ripulego*,
 Os pés de mata *babuja* ?

DIABO

Seu Manoel de Cabeceiras,
 Me trate com reverença :
 Tire o chapéo da cabeça,
 Se ajoelhe, me tome a abença.

M. DE CABECEIRAS

De onde vem esse negro
 Da cabeça de cupim,
 A venta de *ripulego*,
 Os pés de mata capim ?

DIABO

Você me chama de negro
 Da cabeça de cupim,
 Mais vale um pretinho bom,
 Do que dez brancos ruim.

M. DE CABECEIRAS

Negro preto, côr da noite,
 Da canella de xexéo,
 Permitta Nossa Senhora
 Que negro não vá p'r'o céu.

DIABO

Manoel de Cabeceiras,
 Que peccados são os teus ?
 Um anno tão bom de inverno,
 Teu riacho não correu.

M. DE CABECEIRAS

As aguas de meu riacho,
 Correm lá das cabeceiras :
 Com relampagos e trovões
 Vêm de barreira á barreira.

DIABO

E sahi de manhãsinha
 Com minha espingarda de fama :
 Dei um tiro para riba,
 Matei dois coelhos na cama.

M. DE CABECEIRAS

Eu sahi de manhãsiha,
 Isto foi muito cedinho :
 Dei um tiro para cima,
 Matei dois coelhos no ninho.

DIABO

Tenho um ninho de tatú-peba,
 Fui eu quem tatú-pebei,
 Quem desentatú-pebar,
 Eu entatú-pebárei.

M. DE CABECEIRAS

Tenho um ninho de tatú-bola,
 Fui eu quem tatú-bolei,
 Quem desentatú-bolár,
 Eu entatúbolarei.

.

M. DE CABECEIRAS

Senhora dona da casa,
Abra a porta, accenda a luz,
Estamos co'o cão em casa,
Resemos o Credo em Cruz.

DIABO

Seu Manoel de Cabeceiras,
Cante com outro modelo,
Veja em que você falou,
Que me arripia os cabellos.

M. DE CABECEIRAS

Manoel de Cabeceiras,
Canta com Evangelista:
Senhora Dona da casa,
Venha resar o Officio.

DIABO

Você me chama de negro?
Sou um cabra arranca-tôco:
Se afastem todos d'ahi,
Se não quizer ver o papouco.

**DESAFIO DE MANOEL RIACHÃO
COM MARIA FINEBANA**

(Parahyba)

Senhor Manoel Riachão,
Que commigo vem cantar,

O que é que os olhos veem
Que a mão não pode pegar?
De pressinha me responda,
Ligeiro, sem maginar.

RESPOSTA

Você, Maria Thebana,
Com isto não m'embaraça,
Pois é o sól, e é a lua,
Estrella, fogo e fumaça,
Ligeiro lhe respondo,
Se tem mais pergunta faça.

Senhor Manoel Riachão,
Torno outra vez perguntar:
Quatrocentos bois correndo,
Quantos rastos deixará?
Tire a conta, dê-me a prova,
De pressa, p'ra eu sommar.

RESPOSTA

Bebendo numa bebida,
Comendo tudo num pasto,
Dormindo numa malhada,
São mil e seiscentos rastos;
Somme a conta, tire a prova,
Que d'este ponto não fasto.

Leão sem ser de cabello,
Cama sem ser de deitar,
De todos bichos de matto,
Entre tudo o que será?
De pressa você me diga,
Sem á ninguem perguntar.

Você, Maria Thebana,
 Nisto não me dá lição ;
 Pois é um bicho escamento,
 Chamado camaleão,
 Que sempre vive trepado,
 Poucas vezes vem ao chão.

DESAFIO DE ROMANO
 DA MÃI D'AGUA COM IGNACIO DA
 CATINGUEIRA.

(Parahyba)

ROMANO

Sou Romano da Mãe d'Agua,
 Mato com *porva* soturna ;
 Para vencer *inleição*
 Não metto chapa na urna.
 Salto da ponta da pedra,
 E tomo a bocca da furna.

IGNACIO

Sou Ignacio da Catingueira,
 Aparador de catombos ;
 Dou tres tapas, são tres quédas,
 Dou tres tiros, são tres rómbos.
 Negro velho caxaceiro,
 Bebo, mas não dou um tombo.

ROMANO

Ignacio, ainda não cortaste
 Miôlo de páu mucisso,
 Ainda não viste agora
 O Romano mais Verissimo :
 Um, é o *relampo* de fogo,
 Outro, o trovão inteiriço.

IGNACIO

Seu Romano inda não viu
 Do Catingueira o arranco :
 Si está neste pensar, me falle,
 Si não está, me seja franco.
 Abra os olhos, limpe a vista,
 Que seu negro dá em branco.

ROMANO

Ignacio, tu reconheces,
 Que sou o *rei dos cantador*,
 P'ra cantar 'stou aprovado
 Em qualquer logar que eu estou.
 P'ra tomar a Catingueira,
 Só te affirmo que ainda vou.

IGNACIO

Branco, dou-lhe um parecer,
 Vossa mercê me attenda,
 Si for lá para brincarmos,
 Possa ser que não lhe offenda.
 Para tomar a Catingueira
 Pode ser que se arrependa.

ROMANO

Quem quer ferir inimigo
Não faz ponto, nem avisa ;
Quando eu for á Catingueira,
Nesse dia o sol *incrisa* ;
Eu só vou a Catingueira
Somente dar-te uma *pisa*.

IGNACIO

Me diga o dia em que vai,
Quaes são os seus companheiros,
Que o senhor póde levar
Dez ou doze cangaceiros ;
Que a todos eu saio a peito
Como um valente guerreiro.

ROMANO

Não digo o dia nem hora,
Nem te digo quando vou,
Só, sim, quando eu chegar lá
Tu has de ser sabedor :
Irei tapar-te o riacho
E tomar-te o *sangradô*.

QUARTA PARTE

— ✦ —
CANTIGAS AVULSAS

CANTIGAS DE CABECEIRA

Lá vem seu Manoel Cabeceira
C'o demonio da leitura ;
Eu não entendo de lettra,
Lettras p'ra mim são escuras.
Tenho talento no braço
De pegal-o p'la cintura,
No meio de trinta homens,
Minhas trez quedas são seguras.

Este é Manoel Caetano,
Negro do pé de rebollo,
Passo a mão, e vejo a queda,
Passo o pé, e vejo o rôllo ;
Na ponta de minha lingua,
Carrego mil desaforos.

Bota no chão, que eu amarro,
Derruba que eu *faço esteira*,
Carreiro de Santiago,
Vai de barreira a barreira.

Esse é Manoel Cabeceira,
De Cabeceira Manoel ;
Eu faço pirão de homem,
Com farofa de mulher.
Com uma mão quebro bolacha,
Com a outra tomo café,
Tenho um ditado no mundo,
Que diz que *só é só é*.

Vamos a ella, patrão,
 O' patrão, vamos a ella,
 Macella, massaranduba,
 Massaranduba, macella ;
 O ovo tem duas gemas,
 Uma branca, outra amarella ;
 O botão aperta o cóes,
 O cinturão a fivella ;
 Vamos a ella, patrão,
 O' patrão, vamos a ella.

CANCIONEIRO POPULAR

Eu vi teu rasto na areia,
 E puz-me a considerar :
 Grande mimo tem teu corpo
 Que o rasto me faz chorar !

Menina, diga a seu pae
 Que si quer ser meu amigo,
 Ou me pague o meu dinheiro,
 Ou case você commigo !

Sexta-feira da Paixão
 Comi um quarto de bode ;
 A Deus eu peço perdão :
 Cada um faz o que pode.

Menina, por teu respeito
 Vivo dormindo nos mattos,
 Todo coberto de cisco,
 Todo roido de ratos.

Valha-me Nossa-Senhora,
 Mãe de Deus, oh! Virgem Pia!
 Doce bom não *desonéra*,
 Cabra bom não desconfia;
 Peguei na perna da *vêia*
 Pensando que era a da *fia*...
 Minha Senhora, desculpe,
 Que era de noite, eu não via!

Menina, quando te fores
 Me escreve lá do caminho;
 Si não tiveres papel,
 Nas azas de um passarinho,
 Da bocca faz o tinteiro,
 Da lingua penna aparada,
 Dos dentes lettra miudá,
 Dos olhos carta fechada!

Você diz que bala mata,
 Bala não mata ninguem,
 A bala que mais me mata
 São os olhos de meu bem.

Si eu fosse pôdre de rico
 Não moraria no matto;
 Morava mais a *Lorinda*
 Dentro das ruas do Crato.

Minha mãe me encommendou
 Que eu não fosse a *função*:
 Pois eu tenho a venta chata,
 Vou servir de mangação.

Você me diz que sou negro
 Da cabeça de reboço:

Si dou com a mão, vejo a queda,
Si dou com o pé, vejo o rôlo!

Valha-me N. Senhora,
Mãe de Deus da Conceição...
Quem casa com mulher feia
Toda a vida tem paixão.

• Não tenho medo do homem
Nem do ronco que elle tem,
Que o besouro tambem ronca,
Vai-se ver, não é ninguém.

A laranja de madura
Cahiu n'agua, foi ao fundo,
Triste da moça solteira
Que cai na bocca do mundo.

Minha mulher, meu cavallo,
Morreram todos num dia,
Antes morresse a mulher,
Meu cavallo é qu'eu queria :
Cavallo custa dinheiro,
E mulher não faltaria,

O pinto belisca o velho,
O velho salta p'ra traz ;
As meninas vão dizendo,
Dinheiro *tomara* eu mais.

Junto c'a minha viola,
Eu ando de arretirada,
Passando *d'ellas e d'ellas*,
Bebendo agua salgada :
Ella se queixa de sol
E eu de queda e topada.

Quando eu pego na viola
 E Neco no botijão,
 Faço padre dizer missa,
 Vigario dizer missão ;
 Garrote de ponta limpa
 Se trata por barbatão.

—
 Senhora dona da casa,
 Quando me vê p'ra que corre ?
 S'é bonita, me appareça,
 S'é feia, porque não morre ?

—
 Menina, dai-me um abraço,
 E um beijo por despedida,
 Que me vou p'ro Matto Grosso,
 Findar por lá minha vida.

—
 Há quatro cousas no mundo
 Que *alegra* um cabra macho :
 Dinheiro, e moça bonita,
 Cavallo estradeiro-baixo,
 Clayinote e cartucheira,
 P'ra quem anda no *cangaço*.

—
 Eu passei na tua porta,
 E bati na fechadura :
 Eu fallei, tu não fallaste,
 Coração de pedra dura.

(Parahyba)

Eu vi a rola gemer,
 Me puz a considerar,
 Pois um *passo* tão pequeno,
 Já quer bem, já sabe amar.

D'estes rapazes d'agora,
Não há nenhum qui nem eu,
Só ajustei casamento
Depois que meu pai morreu.

Já sou velho e tive gosto,
Morro quando Deus quizer,
Duas cousas me acompañham,
Cavallo bom e mulher.

No tempo da secca grande,
N'aquella crise maior,
Filho brigava com a mãe,
Neto brigava c'a vó,
Brigavam por cousas boas,
Pelo beijú de potó.
Farinha de barriguda,
Já logrou um bom estado,
Na feira de Guarabira
Um litro por um cruzado.

De 77 p'ra cá,
Nosso Brazil está perdido,
Muito quem toque viola,
Muito rapaz inxerido,
Cavallos esquipadores,
Muita mulher sem marido.

Tem quatro cousas no mundo
Que atormentão um Christão:
Uma casa que gotteja,
E um menino chorão,
Uma mulher ciumenta,
E um cavallo tanjão.
Mais o cavallo se troca,
A caza vai se retelha,

O menino se acalenta,
Na mulher se mette a peia.

Do Recife p'ra Goianna,
Os *valles* já se *acabou*,
Carreira de velho é chôto,
Negro *creceu*—apanhou.

Cambiteiro, cambiteiro,
Onde foram cambitar?
Cambita canna caiana,
Bota p'ro engenho central,

Os cassacos da usina,
Só comem carne de boi,
Trabalham a 1500,
Recebe cruzado e dois.

Meu bemzinho está doente,
De longe eu ouço os gemidos,
Grandes tormentos padece
Quem tem amor escondido.

Atirei um limãozinho
Na menina de janella,
Ella chamou-me doidinho,
Mais doidinho ando eu por ella.

Sinhá Maria Turbana
Me conte lá sua vida,
A senhora era casada,
Porque largou seu marido?
—Porque bebia *sianinha*,
E vinha *curtir* commigo.

(Ceará)

Quando eu vim de minha terra
 Todo o mundo me chorou,
 Só a maldicta de uma velha
 Muita praga me rogou.

Quando vim de minha terra,
 Que passei no Quixelô,
 Tirei um par de *apragatas*,
 Nos queixos de teu avô.

Quando eu vim de lá de casa
 Minha mãe me encommendou :
 Meu filho, não vá brigar,
 Que teu pae nunca brigou ;
 Ainda hoje está doente
 De uma surra que levou.

A garça vae avoando,
 Os encontros vão rangindo ;
 O moço quando vê moça
 Fecha o olho e vai se rindo.

Minha viola de pinho,
 Meu instrumento real,
 As cordas são estrangeiras
 E o pinho de Portugal.

Minha viola de pinho
 Tem bocca para fallar ;
 Si ella tivesse olhos
 Me ajudaria a chorar.

Quando vim de minha terra,
 Que passei no Quixelô,

Botei a sella na ema,
Já vi bicho corredô.

Minha viola de pinho,
Ninguem ha de por-lhe a mão,
Senão a minha cunhada,
A mulher de meu irmão.

Nesta viola de pinho,
Cantam dois canarios dentro ;
Não pode ter bom juizo
Quem tem varios pensamentos.

As saudades me convidam,
Suspiros me ponhem a mesa ;
Em mim não ha falsidade,
Sou firme por natureza.

Menina, teu pae é pobre,
Tua mãe carrega lenha ;
Menina, casa commigo,
Que eu sou mulato gamenha.

Quando o mundo se acabar,
Que não tiver mais ninguem,
Vae em minha sepultura,
Que ainda te quero bem.

Ai ! menina, pede a Deus,
Que eu peço a S. Vicente :
Que Deus nos junte, a nós dois,
N'uma casinha sem gente.

Me trepei na bananeira,
Me enrolei com o mangará,
Comi banana madura,

Até a gata *midá*.
 O resto deixei no cacho,
 P'r'o dono não me *amoldá*.

Dos passarinhos do matto
 O mais valente é o bem-te-vi ;
 Está conhecendo o perigo
 E está gritando «deixe *vi* ».

O vem-vem está cantando
 No olho da oiticica ;
 Cala a bocca, passarinho,
 Quem se mata morto fica.

O cachorro está latindo,
 Lá p'ra banda do chiqueiro ;
 Cala a bocca, cachorrinho,
 Não sejas mexeriqueiro.

Coitadinho de quem anda
 Fóra de seu *natural* (1) ;
 Se um dia passa bem,
 Tres e quatro passa *mal*.

Ouço tropel de cavallos,
 E ouço argoras tinir ;
 Parece ser meu bemzinho,
 Que já vem se despedir.

Quando eu me fôr desta terra,
 Sahirei della voando,
 Para as aves te dizerem,
 Que me encontraram chorando.

(1) Entre o povo quer dizer : patria natal.

Quando eu me fôr desta terra
 Hei de plantar cravo *roxo*,
 Para nunca me esquecer
Das feições deste teu rosto.

Vou-me embora, vou-me embora,
 Para a minha terra eu vou ;
 Se eu aqui não sou querido,
 Na minha terra eu sou.

Sinhá Mariquinha, corte o pao de mingáo,
 Sinha Mariquinha, deixe o pau enraizar,
 Cortei, torno a cortá...
 Sinha Mariquinha, vossê como está ? (*)

Está *bebo*, negro, stá bebo, cão,
 Falla c'os outros, commigo não ;
 Por riba d'agua, sou patacão,
 Por baixo d'agua sou mergulhão.

Eu entrei de mar a dentro,
 Fui brigar c'os *inguiles*,
 Tomei chumbo derretido,
 Levei bi la *sete vez*.

O rei mandou me chamar
 P'ra casar com sua *fia*,
 Me dava p'r'eu governar
Oropa, França e Bahia.
Oropa, França e Bahia,
 Nada disto eu *não-queria* ;
 E dei um salto p'ra riba,
 Matei a soldadaria.

(*) Esta quadra vai incluída para dar idéa do rythmo das chulas do norte.

Levo faca, levo chumbo,
Morro solto e não me entrego.

Pulseira de besta é peia,
Lençol de burra é cangalha,
Mulher de Padre é *visage*,
Cabra safado é *canaia*.

Senhora dona da caza,
Por favor a porta abra,
Que eu não sou *que nem* cabrito
Que mama dois n'uma cabra.

DESAFIO

ENTRE MANOEL DA BERNARDA E O NEGRO RIO PRE-
TO, NA FAZENDA FLORESTA DO MAJOR ANTONIO
LUCAS, DOS INHAMUNS.

(*Fragmento*)

(Ceará)

Eu fui a uma novena
Lá na fazenda Floresta.
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa.

E fui e lhe *arrespondi*
Que lá não podia ir,
Que andava na terra alheia
E não tinha o que vestir.

Mandou-me *maca* de roupa,
 Cavallo para eu ir,
 Dinheiro para a viagem,
 E escravo p'ra me servir.

DIZ MANOEL DA BERNARDA :

Fui á casa do ferreiro
 Ver enxada e cavadô,
 P'ra tapar o Rio Preto,
 Deixal-o sem *sangradô*.

RESPOSTA DO NEGRO :

Se tapar o Rio Preto,
 Faça a parede segura,
 Que no lugar mais estreito,
 Tem cem braças de larguras.

Manoel da Bernarda, depois de cantar toda a noite, viu que Rio Preto tinha os pés de pato; então cantou para afugental-o :

« Senhora dona da casa,
 Abra a porta, accenda a luz ;
 Estamos com o cão em casa,
 Resemos o credo em cruz » (*).

(*) E' lenda que o negro fugiu como por encanto, fedendo a enxofre queimado.



Notas sobre cantadores populares

Quem conhecer a vida sertaneja do norte, as zonas brejosas e as praias, não pode ignorar a originalidade desse typo do povo, devotado a um regimen de vida de prazeres e folgares: o cantador popular. Quasi sempre desoccupado, sem profissão classificada entre as classes laboriosas, bohemio por indole, valentão e desordeiro, seduzindo mulheres, dominando a canalha; eis o trovador do povo, a perambular de povoado em povoado, adivinhando casamentos e baptizados, de viola ao peito, faca de pasmado á cinta, lenço de ganga ao pescoço, cabellos em cacho sobre a testa, uzando paqueta ou camisa muito anilada.

Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e o Ceará são a patria dos mais notaveis desses trovadores do norte.

Sobre os da Parahyba escreveu-me em carta amistosa o notavel historiographo parahybano Dr. Irineu Joffely, de saudosa memoria :

« Na segunda metade deste século (XIX) os poetas populares mais celebres são todos do Sertão e particularmente do planalto da Borborema, e são: **Francisco Romano, Bernardo Nogueira, Ignacio** (da Catingueira), todos tres já fallecidos. **Romano** foi escravo da familia Caluête, a côr da pelle e os cabellos demonstravão ser elle de sangue indigena.

A grande secca de 77 obrigou-o a emigrar para o sul de Pernambuco, e alli com os seus cantos adquiriu recursos para sustento da familia, tornando-se muito conhecido e admirado.

Bernardo Nogueira, parecia branco, era alto e delgado; e como cantor ambulante assistia a todas as festas sertanejas do Cariry Velho. Tornou-se igualmente afamado como jogador de espada e valentão. Tomando parte no rapto de uma moça, em que houve grande conflicto, com mortes e ferimentos, foi processado e pronunciado. Preso e recolhido em 1875, pouco tempo depois fugio por occasião do movimento *quebra kilos*. Perseguido alguns annos, afinal, isentou-se da culpa, fixando residencia na pequena povoação do Cangalha, nas raias do Cariry com Pajeú, onde falleceu.

Ignacio (da Catingueira) era escravo (1) e morreu nesta condição. De côr escura e analphabeto, causava admiração por toda a parte o seo talento. Era conhecido pela denominação do povoado onde morava com seo senhor, ribeira do Piancó.

Romano deixou diversos discipulos, **Josué Romano**, seo filho, **Silvino Pirauá**, **Palmeira** e outros, que existem.

Os irmãos **Gulino** e **Nicandro**, filhos da villa do Teixeira e pertencentes, dizem, á familia do nosso mallogrado Sabino Baptista, tambem gosavam de certa nomeada (2)

Em minha adolescencia conheci um admiravel poeta, **Manoel Sambóla**, de côr escura e analphabeto. Ha muitos annos que não ouço fallar nelle.»

(1) Esta informação está de accordo com a seguinte noticia colhida por mim de jornal da Parahyba *O Commercio*, edição de Agosto de 1902. Ell-a: " D. Aduauto, Bispo desta Diocese, na sua excursão ao interior do Estado, acaba de fazer um baptisamento celebre, o de uma velha africana, de 118 annos de idade, conhecida pelo nome de Catharina, e que confessou ser a mãe do famoso cantador popular Ignacio da Catingueira."

(2) E' tradição entre os matutos da Parahyba que Gulino foi estudante, e que abandonára a Academia de Direito do Recife, para entregar-se á vida de cantador.

Muito crescido é o numero de poetas ambulantes d'aquelle Estado: **Manoel Riachão**, preto, que cegou, era notavel pelo seu estro. Teve um filho, tambem poeta de folego, que ha bem poucos annos aqui esteve no Ceará, como soldado do segundo de infantaria.

Manoel Cabeceira, não era menos talentoso. Improvisador de merito, muito apreciado nos brejos da Parahyba, aonde sonhava casamentos e festas populares. Jogava espada (assisti uma vez a um dos seus assaltos, na casa do mercado publico de Mamanguape) e depois ouvi-o cantar, com optima voz, verve a Borage e inspiração genial.

Vendia fumo pelas feiras, e (fatalidade grotesca) diziam as más linguas que elle *não podia ver cavallo alheio*.

Era alvacento, um tanto rosalgar, feições grosseiras e de musculatura rija.

Roberto de Belem, era cabra e desordeiro, foi preso por disturbios na villa de Guarabyra, e a proposito fez uma curiosa versalhada que o povo repete por aquella passagem, e que adiante transcrevo.

Theodosio Pereira, pernambucano, era negro, tambem cantador apreciado.

Muitos são os trovadores de igual quilate, esquecidos entre os muitos que se salientão; sendo notaveis igualmente diversas mulheres com reconhecido estro, que levam a mesma vida errante dos sambas e festas.

CANTIGA DE THEODOSIO PEREIRA

« Theodosio Pereira Lima
Da America de Pernambuco,
Tenho cento e vinte annos,
Sou velho, mas não caduco:

Theodosio Pereira Lima
 E' cantador *de esticção*,
 Que arranca páo com raiz
 Sem deixar signal no chão ».

Salvina, uma bella rapariga de cor branca, não ha muito tempo fazia as delicias dos apreciadores da trova do povo, cantando admiravelmente e tocando viola, acompanhada de um cortejo de admiradores de chapéu de couro e cacete.

CANTIGA DE SALVINA

Tamatá de seu Ignacio,
Cambambe de Zé Vicente,
 O olho d'agua que não secca,
 E logar *impermenente*.
 Acorda quem está dormindo,
 Acalenta quem stá doente.

Salvina quando *vadeia*
 Até os páos se balança,
 Os meninos que veem chorão,
 Solução todas crianças.
 Seu Xiquinho do Cambambe,
 Alguem mandou-lhe lembrança.

Mandaram-me assoletrar
 Cinco nomes na carreira :
 Campina, Curral de Cima,
 Jardim, Tarama, Teixeira.

Mandaram-me assoletrar
 Quatro *nome encabonado* :
 O Cambambe e o Tamatá,
 Coité e Serra do Gado.

Bravo Francisco Sant'Anna,
 Bravo Manoel Cabeceira,
 Bota no chão que eu amarro,
 «Derruba, que eu faço esteira,
 Carreiro de Santiago»
 Corre de barreira a barreira,
 Manoel Pereira foi morto,
 Foi morto Manoel Pereira (1)

A negra **Xica Barroza**, ficou immortalisada nos sertões da Parahyba.

«Alta, robusta, mulata sympathica, bebia e jogava como qualquer bohemio, e tinha voz regular.

N'um desafio que teve com Manoel Francisco, celebre cantador de Pombal, disse (2):

«Francisco, *vamos a ella*
 Antes que ella venha a nós;
 Os homens possuem as terras,
 Os ruins por si se *destróe*.
 Segura lá teus calções,
 Aperta, estira, encurta, *encoe*.

«Eu ando atraz de uma abelha
 Que sahiu do meu cortiço,
 Que hontem por esta hora
 Trabalhou no meu serviço:
 Tirou agua no barreiro
 P'ra aguar o alagadiço;
 Atraz da abelha anda um homem,
 Atraz do home anda um bicho.
 Quem se mette com Barróza
 Dizem que encontra serviço.

(1) Era um seu contendor no samba.

(2) Informações do Sr. Romeu Mariz.
 Era ella natural de S. Luis de Piranhas.

A celebre poetisa acabava sempre as suas toadas com este estribilho:

« A negra Xica Barróza
E' faceira e é dengoza.

Dizem fôra assassinada em um samba, em Pombal, Parahyba.

O cantador anda invariavelmente aguardentado. Do domingo ao sabbado, pernoitado, olhos raiados de sangue, vai de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, em sua faina de ganhar a vida cantando, ora em desafios picarescos, ora em louvaminha barata ao *seu coronel*, ou á filha deste, a Sinhazinha, moçoila gentil, que nem sempre vem á sala, quando ha visita de homem estranho em casa.

A viola—o pinho chamado,—é pintada de amarello, o braço negro, cingido por uma vara de fita de pataca, que fluctua ao vento, tentando o coração das matutas.

Ao lado do tocador de viola, que é ao mesmo tempo o cantador, o contendor em desafio empunha um botijão, manejando n'um vibrante *ti-xin-tim-tim* uma chave de porta, segura entre o pollegar e o annular, ou produz o mesmo som com uma moeda de cobre—o dobrão.

Os seguintes desafios dão ideia perfeita dessa nova especie de duello, que arrasta o povo do circuito por noutes consecutivas.

Um cantador manda convidar outro, de ordem do dono da festa, o pai da noiva ou o amphitrião que deu filhos ao baptisado: em chegando o esperado trovador de chapéu de couro e pés descalços o confrade vai recebê-lo ao terreiro da casa, e d'alli veem ao lado um do outro:

« E quando avistei a casa,
 Que apeei-me no terreiro,
 Antes de apertar-me a mão
 Deu-me um abraço primeiro.
 Entramos de braço dado
 Como bem dous *pareceiros* ».

MANOEL CABECEIRA MANDANDO CHAMAR
 MANOEL CAETANO:

« Cavalleiro, pega *esta*,
 Toma *esta* e volta já,
 Vai dizer ao Caetano
 Que eu mandei-o chamar».

O PORTADOR DISSE Á CAETANO:

« Senhor Manoel Caetano,
 Eu não o vim visitar,
 Mandou dizer Cabeceira,
 Que o senhor *lhe* fosse lá».

CAETANO RESPONDEU:

«Diga a Manoel Cabeceira
 Que eu lá não posso ir,
 Que estou *desfabricado*,
 Que não tenho o que vestir.
 Mande um cavallo sellado,
Liforme de *gasimira*
 P'ra Caetano poder ir.

Um caçoar de sabugo
 Conduzi lá p'r'o açude,
 Quanto mais eu me esfregava,
 Quanto mais sahia grude.

Passei um grande tormento.
 Pois só tinha me lavado
 No dia do nascimento.

Então calcei a botina
 Depois de muito trabalho,
 Botando o bico p'ra traz,
 A gravata na cintura
 E o relógio no pescoço,
 Na mente que era chocalho.
 E saí por acolá afóra
 Abanando os *arovalhos*,
 E agora acabei de crer
 Que assim é que os *homens faz*.

Amontei no meu cavallo
 A galope, na carreira,
 Fui acudir ao chamado.
 Do *seu* Manoel Cabeceira.
 E quando avistei a casa,
 Que apeei-me no terreiro,
 Antes de apertar-me a mão
 Deu-me um abraço primeiro...
 Entramos de braço dado
 Como bem dous *pareceiros*.

A moça que ia casar
 Disse: Caetano assenta ahi,
 Numa rede de varanda
 Que eu cheguei a descahir.

MANOEL CABECEIRA COMEÇOU O DESAFIO:

«Senhor Manoel Caetano,
Alí vai, me trate bem,
 No pilão que eu piso milho

Pinto não come xerem,
 Nem vou engordar capão
 Para dar mimo a ninguém.»

CAETANO RESPONDEU:

Eu Manoel, você Manoel,
Cuidemo em ser xarapim,
 Que mais vale um negro bom
 Do que cem brancos ruim.

CABECEIRA

«Senhor Manoel Caetano,
 Você deve respeitar-me,
 Pois sou moço de *famia*,
 Tanto sou na qualidade,
 Como sou na cantoria.

CAETANO:

«Conheço muito o seu pai,
 E sei bem elle quem é:
Dava um dia por dez tões
 Lá na beira da maré.
 Me diga, pois, seu fidalgo,
 O que vosmincê mais *qué?*!

CABECEIRA:

Mandei fazer um partido
 Na *varge* do bebedor,
 P'ra plantar canna cayana
 P'ra me formar de doutor.

CAETANO :

Si plantar canna cayana
Stás c'o serviço perdido :
Me viro n'um guaxinin
Vou desgraçar teu partido.

CABECEIRA :

Em casa tenho um cachorro
Preto, branco e surubim,
Que está muito acostumado
A desgraçar guaxinin.

CAETANO :

Nem teu cachorro me ladra,
Nem teu cavallo me rincha,
Nem tua espingarda atira,
Nem teu facão me *distrinxa*.
Pega lá, meu Cabeceira,
Recebe esta pechincha.

CABECEIRA :

Senhor Manoel Caetano,
Negro do pé de rebollo,
Si passo a mão, vejo a queda,
Passo o pé, vejo o rôllo ;
Na ponta de minha lingua,
Ha quatro mil desaforos.

CAETANO :

Tenho talento no braço
De pegal-o na cintura,

No meio de trinta homens
Minhas tres quedas são seguras.

CABECEIRA :

Minha mãe bem me dizia,
E agora acabei de crer,
Quem com porcos se mistura
Farellos vem a comer.

CAETANO :

Quando eu vim de lá de cima
Que passei lá no Breginho,
Deixei tua mãe parida
Com um bando de bacurinho,
Com uma corrente no pé
E uma argolla no focinho.

CABECEIRA :

Quando eu vim de lá de cima
Que passei em Matto-Grosso,
Deixei tua mãe parida
Com um chocalho no pescoço,
Olhe, não bula commigo,
Senão o barulho é grosso.

CAETANO :

Nas profundas do inferno
Tem uma caldeira fervendo,
Com tua mãe de uma banda,
Com uma colher mexendo
E os diabos todos do inferno
Nas suas costellas comendo.

(Acabou o desafio em briga).

Manoel Caetano foi um dos notáveis poetas populares da Parahyba; trovador repentista, descendente pronunciado da raça africana. O cenário de suas proezas foi a zona brejosa daquelle Estado, de Araruna á Campina Grande, de Alagoinha á Barra de Santa Roza.

Sobre o sertão, dou a palavra ao intelligente litterato parahybano, o sr. Romeu Mariz, que ministrou-me as seguintes notas:

(Rio do Peixe)

JOSE ANTONIO DA CÃOHAN

Typo alto, magro, queixo fino, vermelho, toca viola com muita agilidade e tem voz afinada e boa. Conta muitos discipulos, entre elles João Mansinho que tambem tem magnifica voz.

Já não ouviram falar
 Em Zé Antonio da Cãohan,
 Que mata cabra de noite
 Para almoçar de manhã?
 Que faz chocalho de cera
 Com um badallo de lã?
 Que ronca em baixo na grotta,
 E se ouve em cima na chã?
 Isso tudo são destrezas
 De Zé Antonio da Cãohan.

CHICO DAMIÃO

Typo alto, moreno, olhar expressivo e intelligente, extraordinario repentista e louvador admira-

vel. Foi eliminado da corporação dos jurados por se entregar, como seu mestre José Antonio da Cãohan, á vida bohemia. Discipulo esforçado de José Antonio, hoje sobrepuja o seu mestre, quer o tome no desafio quer no *martello* (genero de cantoria particular a cada cantador).

JOSE' MARIA

O cantar de Zé Maria,
E' como a guerra *incivi*,
São duas *peça* emborcadas,
As balas querendo *i*
E' mesmo que trem expresso
Quando apita p'ra *parti*.

Zé Maria quando canta
A terra joga e estremece,
E' mesmo que dois curiscos,
Quando um *assobe*, o outro desce.

RIO PRETO

Vem aqui incluído por causa dos versos que inspirou.

Celebre criminoso do alto sertão da Parahyba, nasceu em Pombal, e foi o terror de todo o alto sertão desde o Piancó até São José das Piranhas e Cajazeiras. Passou quasi toda a sua vida no Rio do Peixe, onde praticou muitos defloramentos e estúpros. Tinha a particularidade de imitar o jumento com muita perfeição.

Sendo uma vez cercado na fazenda «Allivio» (Rio do Peixe) e podendo safar-se incolume, os cantores populares tiraram-lhe uns versos mais ou menos assim:

« No dia 7 de Setembro
 Foi Rio Preto cercado
 Com 10 praças de policia,
 E um subdelegado;
 Mas, o negro não fez conta,
 E rinchou como um damnado.

Logo fez da casa trincheira,
 Onde já tinha sido cercado,
 Essa vez não era a primeira.

« Que é do negro Victor (*)
 Que eu não ouço fallar?
 Não dizia na cidade
 Que queria me cercar?

Senhor subdelegado,
 Venha tomar café commigo,
 Pois, enquanto eu me vir solto,
 Serei um seu bom amigo;
 Só depois de me ver preso
 Serei um seu inimigo.»

Rio Preto foi morto por dois rapazes de importante familia de Pombal em desafronta á honra da mesma. Chamavam-se elles Antonio Leite e José Leite, um com 15, outro com 16 annos.

(*) Celebre official de justiça perseguidor de criminosos. Morreu com avançada idade, deixando conternada a população de Souza, onde era muito querido pela sua proverbial prestabilidade.»

FRANCISCO ROMANO E IGNACIO DA CATINGUEIRA

A primeira vez que se encontraram foi em uma feira na Villa de Patos, e foi assim que Romano en-
cetou a porfia :

Negro, me diz o teu nome,
E onde és morador ;
Se és casado ou és solteiro,
Se és escravo e tens senhor ;
Fala com sinceridade,
Que eu quero ser sabedor.

IGNACIO

Em casa do meu senhor
Compro, vendo e faço feira ;
Aqui está seu servo e criado
Ignacio da Catingueira.

ROMANO

Negro, em tuas pabolagens
Eu não posso acreditar,
Pois eu tambem tenho negro
Mas não boto a vadiar ;
Quando saio p'ra uma festa,
Negro sahe p'ra trabalhar.

IGNACIO

Seu Romano bem que sabe
Que isso não é bem em commum,
Meu senhor tem muito escravo,
Seu Romano só tem um.

ROMANO

Ignacio, esbarra o pandeiro,
 Para afinar a guitarra,
 Pois no samba em que eu *vadeio*
 Negro captivo eu amarro;
 E se o negro faz-se besta
 Boto na mesa do carro.

IGNACIO

Se for á mesa do carro
Seu Romano passa *má*,
 Está no chumbo, está na bala,
 Está na corda do crauá,
 Dá-lhe o preto, dá-lhe o branco,
 O negro tambem lhe dá;
 Bato palma á cachorrada,
 Péga cão! deixa rasgar.

E continuaram a cantar por muito tempo; o Romano, como sabia ler, começou a florear os seus versos com palavras rebuscadas nos livros, contra que Ignacio protestou dizendo:

«*Seu* Romano já começa
 Com os diabos das leituras;
 Eu nunca fui a escola,
 —Letras p'ra mim são escuras.

Romano perdeu a tramontana, e Ignacio com sua calma habitual de repentista eximio, que era, começou a cantar o *martello*, conseguindo desbancar Romano depois de 8 dias. Foi a seguinte a ultima estrophe tirada por Ignacio a Romano, cantada no *galope*: (*)

(*) Musica ligeira muito usada pelos cantores de fama.

Sou das Emboladas,
 Sou da Catingueira,
 Ignacio, tua carranca,
 E' bala de madeira,
 Minha faca corta,
 Meu facão trabalha,
 Ella corta, ella verga
 Mas não se esbandalha;
 Eu não torso perigo:
 —Venci a batalha.

Findam aqui as informações do Snr. Mariz.

Alem destes cantadores de *pé de viola*, ha tambem pela Parahyba, e pelos Estados do norte, fazedores de decimas, de glosas, de bemdctos, perpetuadores dos acontecimentos mais notaveis que a chronica popular registra: a prisão de Jesuino Brilhante, os Quebra-Kilos, os Cangaceiros, etc.

D'entre estes vates, poderemos destacar o auctor do seguinte *Epigramma*:

« Quem se casar nesta terra,
 Não more com sua sogra,
 Porque socego não logra,
 E vive em continua guerra,
 Grita o genro e a filha berra,
 Urra a sogra destemida,
 Acode a chusma atrevida
 De cunhados phariseus
 E, por milagre de Deus,
 Escapa um homem com vida».

(Deusdit Adeodato de Carvalho—morador no Sete Estrello, sertão da Parahyba).

Do Rio Grande do Norte e Pernambuco não pude obter dados satisfactorios sobre esse fecundo ramo do nosso Folk-Lore.

Este trecho do torrão brasileiro, unido desde a Confederação do Equador por liames de um mesmo sentir politico, e ethnographicamente desde os nossos primeiros dias; esta zona, a mais oriental do continente—de Pernambuco ao Ceará—como que não soffre alteração no que se refere á vida intima de seus habitantes, o respeito as suas tradições, as manifestações affectivas, os costumes emfim.

O cantador de Pernambuco confunde-se com qualquer cantador dos outros Estados.

As encarniçadas intrigas por causa de terras; *tomadas de moça*; as destruições feitas por gados nos roçados, determinando morticínios; os casamentos; as festas populares são identicos nesta região. Distinguir um cantador do Ceará de um do Rio Grande do Norte é o mesmo que tentar construir uma barreira nas aguas do verde oceano que acs dous Estados acaricia igualmente; seria abrir vallados nesses campos vastos em que os carnahubaes se confundem.

A mesma raça, o mesmo solo, a mesma natureza, as mesmas correntes de evolução ethnologica; seria impossivel destacar uma particularidade deste ou d'aquele cultor da musa popular.

São estes os nomes de trovadores mais conhecidos no Rio Grande do Norte: Manoel Riachão, Azulão, João Birro do Japy, Pedro Regio, Ventania, Elisario, Elesbão, o ex-escravo Thiago José Romeiro; Maria Tebana (ou como o povo chama—Maria Turbana), João Zacarias e João Vieira (*).

A Serra do Martins é o nucleo dos trovadores Rio-Grandenses. (E' digno de observação serem os logares montanhosos os em que ha mais abundancia dos trovadores de melhor nota):—na Parahyba, os Brejos e a

(*) Sobre Maria Turbana, ha mais probabilidades de ser natural da Parahyba.

Villa do Teixeira; no Rio Grande do Norte, a Serra do Martins; em Pernambuco, Pajeú de Flores; no Ceará, o Crato (Cariry), Baturité e Ibiapaba.

Transcrevo uma contenda entre dous trovadores rio-grandenses do norte :

JOÃO ZACARIAS (CABRA) E JOÃO VIEIRA (NEGRO),
AMBOS DO CENTRO DO RIO GRANDE DO NORTE.

JOÃO ZACARIAS :

O' Vieira, eu lhe peço,
Me arresponda num momento:
Quero que você me diga
De que se gerou jumento.

JOÃO VIEIRA :

Tu me perguntas, meu João,
De que se gerou jumento,
Foi de tua ruim cantiga,
Do teu máo procedimento.

JOÃO ZACARIAS :

Minha gente, eu já sei
Que com Vieira não posso,
Quero que você me diga
O meio do padre-nosso.

JOÃO VIEIRA :

O burro deste cavallo,
Esse jumento tanjão,
Vem metter o padre-nosso
No meio da vadiação.

Só se mette o Padre-nosso
 Onde se enfia o cordão.
Tibe léte, tome lá,
Tibe gia vou-te, cão,
 Passando-te a mão na cara,
 Trez dias rolas no chão.

JOÃO ZACARIAS :

Meu Vieira, eu te peço,
 Fales por outro modelo,
 Quero que você me diga
 De que se gerou camello.

JOÃO VIEIRA:

Por dentro de carne e osso,
 Por fora coro e cabelo,
 Pescoço muito comprido,
 Espinhaço de novello;
 Boto de pernas p'ra cima,
 Fica de um feio modelo.

JOÃO ZACARIAS :

Se me derrubar a casa,
 Não derrube a cumieira,
 Que é p'ra servir de força
 Para o tal de João Vieira.

JOÃO VIEIRA:

Se me derrubar a casa,
 Não me derrube as *furquias*,
 Que é p'ra servir de força
 P'ro tal de João Zacarias.

Te passo a mão pela cara,
Cabra ruim, é o que querias.

JOÃO ZACARIAS :

Vou me embora desta terra,
Me retiro p'ra Barrinha,
Vou plantar bem mandioca
Para te vender farinha.

JOÃO VIEIRA :

Cabra, você não fale
Nos *cabocos* da Barrinha,
Se não quer que minha faca
Saia fóra da bainha.
Seu cabra, tão atrevido,
Cabra ladrão de gallinha.

JOÃO ZACARIAS ;

Eu peguei o João Vieira
Dentro de minha vasante,
Roendo os meus girimuns,
Comendo o *capim mandante*.

Entre o poeta de salão, do tom e da moda e o *cantador de pé de viola*, existe um meio termo : os poetas espontaneos e infelizes pelo desregramento da vida que levão. Infantis até á velhice, despreocupados de si, zombadores do vulgo e amantes da taberna, eis os traços característicos de muitos homens de talento que perecem deixando rastilhos de luz sobre o charco de seu caminho. Na Parahyba, o dr. Julio Vaz Curado (jurisconsulto, poeta e musico), morrendo apedrejado

pelos moleques, ratão e bebedo (1); no Ceará, Barbosa de Freitas, cahido pelas calçadas; por toda a parte, emfim, um desses exemplos.

Dessa familia de bohemios é Lourival Assucena, poeta rio-grandense do norte, sexagenario e sempre fóra da linha das boas convenções. E' de sua lavra este original soneto:

VISÃO

De minha casa já o fogão servia
De frio leito ao meu velho gato,
Que em altas conferencias com um rato
Seus tratados de paz alli fazia.

Uma vez em que a noute bem corria,
Em horas de se abrir sessão no matto,
Evocando-se o demo mais gaiato,
Horrendo trasgo sobre a trempe eu via...

Convulso, grito, titubeante brado,
Larva maldicta, que tens tu commigo?
Ouve, (me diz) de ordem do teu fado

Venho dizer-te que teus passos sigo,
Caipora, eis o meu nome desgraçado,
Amo-te muito, viverei cômtigo.

(1) Depois de ter sido magistrado, cedeu ao alcoolismo. Dessa phase é a seguinte *modinha*, sentida e envolta n'um crepusculo de saudades:

"Nas horas tristes, ao cahir da tarde,
Meu peito arde com saudade e dôr;
Então relembro as illusões passadas,
Horas maguadas, transpirando amor".

Musica e versos são do infeliz dr. Julio Vaz Curado; e ainda hoje, em noites de luar os 'bohemios de sua terra entoão ao violão as sentidas estrophes do infeliz patricio.

O desditoso bacharel falleceu, a bordo de um vapor, no porto da Fortaleza, em 1892.

Historia de Roberto Belém

(VIDE PAG. 167)

Se não souber do meu nome,
Sou Roberto de Belém (1);
Sou como uma ovelha mansa,
Que não faz mal a ninguém.
Para onde me chamão, vou,
Para onde me botam, venho.

Meus senrs., dêem licença,
Que agora eu vou contar
No tempo daquella crise (2)
Como foi o meu passar :

No tempo daquella crise,
Daquella crise maior,
Filho brigava com a mãe,
Neto brigava com a avó;
Brigavão por coisas boas
Por um beijú de potó.

Quando foi naquella crise
Naquella crise passada,
Farinha de barriguda
Já logiou um bom estado,
Na feira de Guarabira
2 litros por um cruzado.
Senhores, só conto aquillo
Que commigo foi passado.

(1) Povoado do Estado da Parahyba, comarca de Guarabyra.

(2) Sêcca de 1877.

Quando foi de tardizinha
 Eu peguei a maginar:
 Em terra que não si come
 Não há quem possa morar.

Eu disse a Joaquim Bezerra
 Que queria ir me embora
 E por faltar mantimento
 Isso era a minha demora.

Elle foi *entrou p'ra dentro*,
 Foi buscar uma *matrutagem*,
 Disse pega lá, Roberto,
 P'ra suprires á viagem.

Pedi um pouco de canna (1),
 Elle veio com um quarteirão;
 Elle bebeu um poquinho
 E eu a maior porção.
 Sahi por alli a fora,
 Não senti terra no chão.

Lá no principio da rua
 Encontrei João Senhorinha:
 Roberto, tu quando sais?
 Homem, eu saio ~~de~~ manhãzinha.
 Roberto, por despedida,
 Toma lá um copo de vinho.

Senhor Virginio Peixoto,
 Como é um bom camarada:
 Roberto, por despedida,
 Toma lá uma copada.

(1) **Aguardente.**

Que assim que eu bebi,
Mudei logo de condição,
Chegou-me toda a coragem,
Dei logo p'ra valentão,
Sahi por alli afora,
Não senti terra no chão.

Na porta do cemiterio
Encontrei Joaquim Vicente:
Roberto, p'ra onde vais
Tão alegre e tão contente?
Homem, vou ao Tanque Danta
Vou dar uma surra em gente.
Roberto, tu não me chamas?
Estás com um cabra bom de fama.

Quando chegamos já perto
Na descida de um grotão:
Joaquim, o que é que fazemos
P'ra levar Joca a facão?

A mulher d'elle é quem sai
Ao batermos na janella;
Tu mettes o páo em Joca
Que eu cá *interto* com ella.

Oh! de casa, senhora dona,
Faz favor de abrir a porta?
E' hoje chegado o dia
De eu vir conversar com Joca.

Senti logo um grande choque
Quando vi a mulher chorá
Dizendo: corre, meu Joca,
Que Roberto quer te dar.

Eu saltei uma janella,
Que encheu-me o corpo de nós,
E na carreira que dei
Rebentei uns *caritós*.
Não vi nada na minha frente
Si não fosse a escuridão.
E logo ouvi um tinido
Parecido de facão.

Botei o ouvido a escuta,
Vi uma zoadá no mundo,
Como bem o batalhão
De *seu* Dom Pedro Segundo.

O soldado Zé Romão,
Que é mettido a valentão:
Si quer ser preso com honra,
Cabrito, *não faça acção*.

E fui prezo e inquirido
Pelo o soldado José Imbira,
Dizendo que me levava
P'ra o quartel de Guarabira.

No topete da ladeira,
Em casa de d. Anninha,
Ella assim que me avistou:
Como vem meu passarinho?!

Eu não sou seu passarinho,
Não canto em sua gaiola;
Sou um pobre cantador,
Vivo de minha viola.

Senhora D. Mariinha,
Mulher do coração crú,

Não seja assim contra mim,
Nem seu tenente Lulú.

Roberto, tem fé em Deus,
Abaixo de Deus em mim,
Que enquanto vida eu tiver
Tu não pizas no capim.

No mundo existem dois homens
Que em respeito *são igual* :
Um é para me prender,
Outro é para me soltar.

Senti pegar-me nos cós
O soldado José Imbira:
Para onde vai este preso?
Para o Quartel de Guarabira.

Quando cheguei na Cadeia
Lá do dito quartirão,
Encontrei 4 soldados
Todos de refe na mão.
Perguntando uns aos outros :
E' criminozo ou ladrão?!
Depois de eu estar no quarto
Me botarão na corrente,
Depois me tirarão ella
Por eu dar parte de doente.

A vipei minha Maria,
Marcando passada e meia,
Coitadinha, barriguda,
Andando por terra alheia ;
Uns a diante, outros a tras
Como um rebanho de Ovêlha.

Como vão nossos filhinhos,
Maria, por Jesus Christo?
O José já morreu hontem,
E Manoel está para isto.

Olinda por ser minha filha,
Minha filha de benção,
Ella foi me deu um abraço
Por cima do correntão.
Chegou-me dar-me uma frieza
Que quasi caio no chão;
Agora, já sei que os filhos,
São cordas do coração.

Então mandei me valer,
Da filha de um coronel,
Ella deu-me uma esperança.
Que era doce como mel;
O depois um desengano
Que armagava que nem fel.

Mal empregado tu seres
A filha de um coronel,
Que o teu respeito não dá
Para me tirar do quartel.

Fui solto no outro dia
Sem diabo de coronel,
Por um bravo Parahybano,
Morador em S. José.

Esta foi minha prizão,
Em que eu fui condemnado,
Agora falta contar
Dos meus 5 mil Peccado.

No Ceará a vocação poetica é quasi que uma característica dos filhos desta terra. Nas cidades são os sonhadores amorosos; nos sertões, nas praias, nas serras, é a poesia anonyma, terna, expansiva, ora feliz, ora humoristica :

Quando eu me for desta terra
 Sahirei d'ella voando,
 P'ra que as aves te digam
 Que me encontraram chorando.

Ou então nesta satyra, muito significativa do conceito em que é tido o caboclo diante das correntes ethnologicas que o absorvem.

« Caboclo não vai p'ro céu,
 Nem que seja resador ;
 Que tem o cabelo duro,
 Espeta Nosso Senhor.

São tambem genuinamente cearenses :

Si eu fosse podre de rico
 Não moraria no matto,
 Morava mais a *Lorinda*
 Dentro da rua do Crato.

Quando vim de minha terra,
 Que passei no Quixelô (1),
 Botei a sella na ema,
 Já vi bicho corredor.

(1) Logarejo á margem da Estrada de Ferro de Baturité.

Em Taboleiro de Arêa (Aracaty) um cantador popular, philôsofo sertanejo de chapéu de couro, cantou ao pé da viola, segundo refere o illustre chronista cearense:

« No ventre da virgem pura
 Entrou a divina graça ;
 Como entrou tambem sahiu,
 Como o sol pela vidraça.

Esta genial concepção encontra-se em um notavel poeta latino ; e não é crível que simples matuto analphabeto e bronco tivesse a caprichosa habilidade de transportal-a para a musa do povo. Aqui é uma dessas coincidencias proprias das creações dos cerebros privilegiados.

Si formos catar e colleccionar tudo quanto o genio do povo tem produzido em poesia, teriamos de editar volumes e volumes. Não cabe nos limites deste resumido trabalho senão dar mostras do que sem grande pesquisa se encontra por toda a parte.

E' um **Manoel de Barros**, criôlo, de 17 annos de idade, analphabeto e criado de servir, que por motivos de vida domestica do seu amo, improvisa o seguinte *pé quebrado*:

Agora, musa minha,
 Sae á luz em pé quebrado,
 Apezar de ir acanhado
 Glozar.

O caso que vou contar
 Merece muita attenção
 A todos da povoação
 Do Livramento (1).

(1) Ceará, entre Aracaty e Morada-Nova.

E é só porque intentò
Dar uma noticia exacta
Da *emprenhidão* da mulata
Luiza.

A d. Joanna a trazia
Limpamente e assejada,
E como filha, tratada
Com amor.

Porem houve um seductor,
Que eu não sei quem elle é,
Que fez ella dar com o pé
Na peia.

Mas ella com a peia,
Com promessa de alforria,
Mas só roubar-lhe queria
A virgindade.

Não é de minha vontade
Descobrir segredo alheio,
Mas acho muito feio
Mentir.

E por isso relato aqui
O que sei, o que supponho:
Vi dizer ser do *Antonio*
Vintem (1).

Assim do Nânâ tambem
Esta historia vi contar,
Mas sou capaz de jurar
Que não é.

(1) Nome dum pobre sapateiro do logar, a quem o dis-
farece do seductor imputava o delicto.

Certifico e porto fé
 Ser o autor rico e forte,
 Daquelles que tem o cangote
 Grosso.

Não carece de alvoroço,
 Senhora d. Joanninha ;
 Metta relho na cosinha,
 Que saberá.

Suas negras hão de contar
 Quem foi este espertalhão
 Que lhe fez esta traição
 Engraçadinha.

Metta relho na cosinha,
 Use de rigorosidade,
 Saberá se é verdade
 Ou mentira.

Pegue pela Cassimira,
 Catharina e Damiana,
 E tambem a negra Joanna
 Do *Batoque* (1).

Oh ! mas nessa ninguem me toque (2),
 Logo ha de haver quem diga,
 Pois pelos olhos lombriga
 Se conhece.

Eu, segundo me parece,
 So reservo a Delphina,
 Que Bernarda e Carolina
 Sabiam.

(1) Nome de uma Fazenda,

(2) Esta era a escrava do *Senhor Moço*, e a allusão quer dizer que foi ella quem facilitou o caso.

Todos sabem porque viam
 E só guardavam segredo
 Porque então tinham medo
 Da peia.

A mulata não passeia
 E nem anda ahi atôa ;
 Logo assim esta pessoa
 Pisa em brasa.

Do ladrão da mesma casa
 Ninguem se pode livrar,
 E aqui eu quero findar
 Meus versos.

A todos desculpa peço ;
 Primeiramente ao Porphirio,
 Pois a elle me refiro
 Por fim.

Não que eu tenha para mim
 Que elle bote agua a pinto,
 Mas é um moço distincto.
 Amem.

E' facil comprehender o movel da satyrica inspiração do cabra poeta, que dictou estes versos escondido nas margens do Jaguaribe, segundo referiu-me a testemunha occular (escrevente), que foi quem offereceu-me este curioso documento de satyra inculta.

Bronco sertanejo do RIACHO DO SANGUE, semi-analphabeto, lembrou-se de, por meados do seculo passado, quando florescia na politica do Piauhy o celebrado Padre Marcos, ir visitar o Padre logo após a

construcção do seu palacete, que pelas variedades architectônicas e alfaias, incitava a curiosidade da matutada ignara.

A caminho da Bôa-Esperança (na visinna provincia do norte) poz-se o tabaréo de Riacho do Sangue, encourado a vaqueiro no alasão esguio, ajaezado, a ginete.

Poeta de raça, ouvindo falar em vultos da historia, engendrou em estylo quinhentista o soneto seguinte, bello e profundo.

Ao aprear-se, deslumbrado diante a magnificencia do palacio e da respectiva decoração, com retratos e molduras, e o nome do seu proprietario gravado na soleira com letras vistosas, o matuto descobre-se, e em vez dos bons dias, desafivela o soneto a queima-roupa sobre o padre:

No templo do saber, ás letras dado,
De respeito coberto, entrei um dia;
Em quadros mil de gloria refulgia
O nome dos que ás letras têm honrado.

De um lado Newton, Grotius; de outro lado
Gallileu, e Platão, Pollibio via;
Turma de heroes o sacro templo enchia,
E o nume assim me fala em tom pausado:

—Aquelle—aponta o busto esclarecido—
Zomba, me diz, de Zoilos e Aristarcos:
E' luz, é gloria do Brasil querido.

Vejo um que honrariam os Plutarcos,
E no eximio pedestal polido,
Em letras de ouro estava escripto: Marcos.

A proposito de improviso de ebrio, ha verdadeiros milagres produzidos pelo alcool; a regra geral é a vaporização alcoolica ennuclar a razão; dão-se casos porem, curiosissimos de lucidez e argucia da intelligencia em plena embriaguez.

Assisti na cidade de Mamanguape (Estado da Parahyba) a um desses casos :

Achava-se deitado em uma calçada o cantador Feliciano, cabra de 26 annos. A molecada em torno, e cada garoto que provocasse uma chufa...

No meio destes, um selleiro parlapatão tirava-graçolas e provocava a Feliciano. O ebrio destacou d'entre os circumstantes aquella figura espevitada, deitando espirito, todo abotoado n'um terno de brim branco, o cabello eriçado a transudar macassar. Então o trovador, pedindo licença a Baccho, improvisou :

« Eu sou o Feliciano
Morador lá na Montanha;
O cabra tem um cabello
Que não se doma com banha.
Quanto mais se mette o pente,
Mais o cabello se assanha.»

Talentos, verdadeiros genios, vagam por alli perdidos, sem cotação na vida pratica, porque têm no cerebro estranho mundo.

Sobre um desses specimens de Bocages dos sertões do norte, escreve habil jornalista do Crato :

« JOSE' DE MATTOS

Frequentando as tabernas, via-se um homem já velho, rosto cheio de pannos e estragado pela variola, cabellos brancos, testa rugosa, nariz rombo, olhos grandes, barba cortada a tesoura, bocca não pequena, pes-

coço grosso, nuca larga, peito amplo; não era de grande estatura porem grosso, e musculoso.

Trajava camisa e ceroula d'algodão, sujo e esfarrapado.

Se perguntavam por seu nome, respondia em verso.

Qual a sua patria? Respondia na mesma linguagem.

Pobre—trazia na alma um thesouro, exiguo pela falta de instrucção, sim, porem nem por isso deixava de fascinar.

Velho—a alma pairava em sonho de juventude; voava ás regiões do sonho. D'aquelles farrapos e imundicies evolavam-se como d'um charco excentrico, orvalhos de prata.

Já não era pobre! já não era velho! Era uma visão de roupagens niveas.

Verseja a quantos iam e vinham.

Nunca aprendeu a ler nem a escrever

Por ahi vê-se mais ou menos qual o rythmo de seus versos e seu estylo.

Para prova que José de Mattos era poeta, embora sem instrucção, leiam o que segue:

Segunda-feira.

A feira na cidade do Crato é nesse dia.

Alguns cavalleiros vindos d'ella (pois já se tinha findado com o dia) seguiam estrada á fora em direcção ao Arraial, fazenda de habitação a 2 kilometros de Missão-Velha.

Noite nublada.

Seguiam. De subito os cavallos param estupefactos.

Os cavalleiros á custo se chegam a um vulto que dorme resupino na estrada e conhecem. Era José de Mattos.

José de Mattos! (grita-lhe um) vamos ao Arraial?

Nada... Dormia como uma pedra. José de Mattos! gritou-lhe mais alto.

Elle a custo abriu os olhos. Estou no ultimo grau de embriaguez.

José de Mattos, vamos para o Arraial? ao que respondeu com lingua de chumbo :

Eu me acho tão pesado
Chega dei um passo perro ;
 Eu penso que sou de ferro
 Ou no chão, estou pregado.
 Saio d'aqui é arrastado
 Ou partido em quatro *toras* ;
 Isto mesmo com demora,
 Só assim me aluirão;
 D'outro geito não vou não,
 Quando eu puder vou m'embora.

Os cavalleiros soltaram estridulas gargalhadas e seguiram deixando o pobre cratense ao relento.»

Alem dos cantadores cearenses já incluídos, tivemos informação da existencia de outros de nomeada, que floresceram em diversas epochas; desses o mais notavel, dizem, é o **Bem-ti-vi** (Antonio Rodrigues) que ainda hoje existe no *Alto da Viuva*—Jaguaribe-Mirim. E' mameluco, sabe ler mal e não uza alcool, circumstancia notavel.

Improvisador de merito e com uma segurança de voz de cigarra. Acompanhou um seu patrão até os sertões do Piauihy; cantou sempre durante a viagem, e lá, na festa do casamento a que ião assistir, cantou durante quinze dias afinco, tendo desbancado mais de uma duzia de cantadores.

E' invencivel; mette em versos todas as plantas,

todas as aves, todos os rios, todos os peixes, emfim tudo o que a sua vista abrange ou a imaginação percebe.

Para embatucar o contendor tenaz, tem por habito cantar propondo questionarios.

Das suas producções, é muito conhecido o desafio com Madapolão (negro alagoano) que teve de ceder o campo, quando Bem-ti-vi passou para rima o contraste entre o apellido do negro e a côr da pelle.

Preso, seguido por uma escolta, dizem que improvisára esta quadrinha:

Bem-ti-vi quando foi preso
 Naquelle temeroso dia,
 Todo o povo era do *couce*,
 Só Bem-ti-vi era guia.

GERONYMO (do Junqueiro) tambem tem grande nomeada.

Conforme o lado mythologico que a tradição ignára engendra sobre qualquer trovador popular, Jeronymo cantou com o diabo, vencendo-o com um bemdicto.

Dizem os sertanejos e bregeiros que entre os diversos encantamentos da noite de S. João, ha o de fazer pacto com o diado para cantar bem ou tocar bem viola.

No meu «Poema de Maio» já fiz allusão a essa lendaria crença, originariá de Portugal.

Jeronymo fez na seguinte quadra a sua auto-biographia :

« Sou *Gerome* do Junqueiro,
 Da fala branda e macia;
 Pizo no chão de vagar
 Que a folha secca não chia.»

Este inditoso cultor das musas morreu repentinamente em um samba quando em pleno desafio.

BEIRA D'AGUA, trovador de alta cotação no conceito dos matutos. Mudou-se para o Pará, onde ainda vive; é sexagenario, começou a poetar aos 14 annos de idade.

E' longa a enumeração da turba de cantadores, e para concluir estas notas sobre o Ceará, accrescentarei José Bernardo, Rio Negro, Leonel, Semeão, Carnahuba, e o preto Caninana, que no *Passeio* da Fortaleza, em dias de festa publica, tem alliado o regosijo simples do povo ás manifestações de civismo culturado das cidades.



Nomes dos diversos cantadores e poetas do povo incluidos neste livro.

Juvenal Galeno — Gregorio de Mattos.

Barrozo (desconhecido poeta cearense).

Barboza de Freitas.

Telles de Souza — que, comquanto não seja puramente popular, vem incluído por causa de sua lenda amazonense a «Yara».

Ramos Pintor — bohemio do Ceará.

Ceará

José Maria (taboleiro de Areias).

Joaquim dos Reis.

Neco Martins.

Manoel Joaquim (do Muquem.)

Manoel Patichulim.

José de Mattos.

José Cajá.

Pedro Semeão.

José Bernardo.

Moreira (de Sobral).

Rio Negro.

Antonio Silvino.

Leonel.

Pedro Ferreira.

Semeão.

Paulino Felisberto.

Belino das Frecheiras.

Manoel da Bernarda.

Herculano de Messias.

Carnahuba.
 Luiz Pereira.
 Manoel de Barros.
 José Rufino.
 Caninana.
 Alexandre das Cabecciras.
 Bem-te-vi.
 Francisco Salles.
 Beira d'Agua.

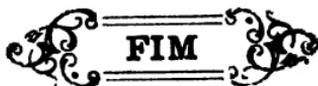
Parahyba

Manoel Cabeceira.
 Romano da Mãi d'Agua.
 Manoel Caetano.
 Rio Preto.
 Francisco Romano.
 Bernardo Nogueira.
 Ignacio da Catingueira.
 Manoel Sambóla.
 Roberto de Belém.
 Salvina.
 Xica Barroza.
 Manoel Francisco (Pombal).
 José Antonio da Cãohan.
 Xico Damião.
 José Maria.
 Deusdedit Adeodato de Caryalho.
 Dr. Julio Vaz Curado.
 Feliciano.
 Theodosio Pereira — Pernambuco.

Rio Grande do Norte

Manoel Riachão.
 Azulão.

João Birro (do Japy).
Pedro Regio.
Ventania. }
Elizario. } Escravos.
Elesbão. }
Thiago José Romeiro.
João Zacarias.
João Vieira.
Lourival Assucena.
Madapolão — Alagôas.



INDICE

	PAG.
NOTAS PRELIMINARES constantes das seguintes materias:	I
Ô lê-lê, vira moenda	IV
Ô conto do gigante.	IV
Quando começou a poesia popular no Brasil.	VI
Vida praiana.	XI
Cantoria dos negros	XII
O bumba-meu-boi.	XIV
Tirar os Reis	XXI
Mandingas e feitiçarias	XXII
A couvade entre os indios do Amazonas	XXIV
Um pagão de pés para o ar	} XXV
A ventania e S. Lourenço	
Cousas perdidas e <i>S. Guino</i>	
Coser carne quebrada	
Tomar sangue de palavra	
Benzer mão olhado.	XXVI
Achar cousas perdidas e Santo Antonio	XXVI
Curar a bicheira	XXVI
As crianças e a lua	XXVII
Os indios e a lua	XXVII
Arrancar o dente	} XXVIII
A figuinha.	
O boi Apis	
Maria concebida sem peccado	} XXIX
As parteiras	
Curandeiro de mordedura das cobras	XXIX
Influencia religiosa e os folgares do povo.	XXXI
As pastorinhas	XXXI
Bemdictos	XXXIII
Pai que quer se casar com a filha	XXXV
Orações	XXXVII

	PAG.
Uma promessa a S. Lazaro	XXXVIII
Canto de ninar crianças	XXXIX
Os caboclinhos	XL
O Serra-Velho.	XLI
O Judas.	XLI
O mez de Maio	XLII
O leilão das novenas	XLII
S. João	XLIII
Cirandinha.	XLIV
A rolinha doce-doce	XLV
O barreiro velho.	XLV
O Samba.	XLVI
Ligeira	XLVII

PRIMEIRA PARTE

O Seringueiro.	3
Carta	7
Peleja da alma	8
Adeus, caxaça	17
Infelicidade de um agricultor.	18
O dinheiro	20
O Inverno	21
O Quebra-Kilo.	22
O cavaco.	22
A um <i>Soffreu</i>	24
O baralho.	25
Só voga quem tem dinheiro	28
Guerra do Paraguay	32
Luiz do Rego.	33
Não é defeito beber	33
Decima	41
“	42
“	44
Ô lê-lê, vira moenda	45
25 de Junho	46
Pai João.	47
A missa de Natal	48
O casamento	51
A Yara	54
A Caipora	61
O Samba.	62
Jogo dos bichos	65
Meus possuidos	67

III

	PAG.
O baralho	68
O meu destino	68
Desafio	68

SEGUNDA PARTE

A. B. C. de Jesuino Brillhante	73
A. B. C.	79
A. B. C. dos macacos	80
A. B. C. do frade	89

TERCEIRA PARTE

Despedida do Seringueiro	99
O sertão em derrota	101
O rabicho da Geralda.	104
Boi Victor	113
Boi pintadinho	117
Boi Adão	123
Liberato	124
O Inverno	126
Cantigas de Neco Martins	128
Desafio de Neco Martins com Francisco Salles.	129
Fragmento do desafio entre Manoel de Cabeceiras e o diabo	138
Desafio de Manoel Riachão, com Maria Thebana	141
Desafio de Romano da Mãe d'Água com Ignacio da Catingueira.	143

QUARTA PARTE

Cantigas de Cabeceira	149
Cancioneiro popular	150
Desafio entre Manoel da Bernarda e o negro Rio Preto.	161

QUINTA PARTE

NOTAS SOBRE OS CANTADORES constantes das seguintes materias:	163
Carta do Dr. Irineu Joffely	163

IV

	PAG.
Cantiga de Theodosio Pereira	167
« « Salvina	168
« « Xica Barroza	169
« « Manoel Cabeceira mandando chamar Manoel Caetano	171
Manoel Caetano	176
José Antonio da Cãohan	176
Chico Damião	176
José Maria	177
Rio Preto	177
Francisco Romano e Ignacio da Catingueira.	179
Epigramma da sogra	181
Cantadores do Rio Grande do Norte	182
Desafio de João Zacarias e João Vieira.	183
Visão (Soneto de Lourival Assucena).	186
Historia de Roberto de Belem.	187
Versos pé quebrado do preto Manoel de Barros	194
Soneto ao padre Marcos.	198
José de Mattos	199
Bem-te-vi.	201
Jeronymo (do Junqueiro)	202
Beira d'Agua	203
Outros cantadores do Ceará	203
Nomes de diversos cantadores e poetas populares.	205



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



AA 000 954 590 6

I LIBRA

University of California
SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
305 De Neve Drive - Parking Lot 17 • Box 951388
LOS ANGELES, CALIFORNIA 90095-1388

Return this material to the library from which it was borrowed.

OL OCT 10 2005

University
Southern
Library